LIBRARY OF PRINCETON
JAN 20 1961
THEOLOGICAL SEMINARY

BX 4705 .O48 O54 1937
Ol ivola, F elix de.
Um grande brasileiro, d.
frei Vital Maria Gon calve

Corrigida pelo autor

UM GRANDE BRASILEIRO

OFEREÇO A MINHA VIDA PELA IGREJA DO BRASIL

IMPRENSA INDUSTRIAL

- - - RECIFE — 1937 - - -

UM GRANDE BRASILEIRO

FR. FELIX DE OLIVOLA
MISS. CAPUCHINHO

UM GRANDE BRASILEIRO

D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira
BISPO ED OLINDA

3.ª EDIÇÃO ILUSTRADA

IMPRENSA INDUSTRIAL, 78-R. Visc. de Itaparica, 82 - RECIFE-1937

APROVAÇÕES DA ORDEM E DO EXMO. ORDINARIO

De mandato A. R. P. Provincialis Vitam "D. Fratris Vitalis" ab A. R. P. Felice ab Olivola elucubratam et a duobus Patribus revisam permittimus ut typis mandetur.

Recife, die 30 januarii 1935

Fr. THEOPHILUS A VIRGOLETTA

Sup. Regularis

NIHIL OBSTAT

Olinda, 14 de fevereiro de 1935

Cónego ALFREDO XAVIER PEDROZA

Censor Arquidiocesano

IMPRIMATUR

Recife, 25 de fevereiro de 1935

† MIGUEL

Arc. de Ol. e Recife

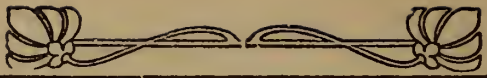
Segundo o decreto do Sumo Pontifice Urbano VIII o autor declara que nas palavras heroismo, virtudes heróicas, santidade, e nos fatos extraordinarios pede somente a fé humana, sem prejuizo das decisões da Santa Romana Igreja a cuja autoridade submete todos seus escritos.

Fr. Felix de Olivola O. M. C.

Reservados todos os direitos de propriedade.

Aprovação do Exmo. Snr. Arcebispo e Primaz da Baía

Ao Revmo. Frei Felix. — Com um amplo agradecimento, felicita pelo empreendimento grandioso, da publicação da Vida admiravel de D. Frei VITAL. O bem que realizará o conhecimento daquele herói pernambucano será realmente muito grande, ninguem lê seus feitos heróicos sem se deixar empolgar pelo edificantissimo exemplo e a virtude é tambem comunicativa. Que Deus seja bendito pelo exemplo da Vida do santo Pontífice. — *D. Augusto, Arceb. Primaz.*



Aprovação do Revmo. P. Geral da Ordem

De Roma escrevia: "De todo o coração agradecemos a V. Revma. pelo carinhoso presente, apreciadíssimo por tantos motívos, em particular porque seu trabalho faz reviver tão bem uma das glórias mais bélas do Brasil e da nossa Ordem. Formulamos os mais vivos augúrios a fim de que, seu livro seja difundido e lido e em particular pelos nossos queridos missionários no Brasil, fazendo votos ainda que o monumento projetado surja cêdo para eternizar tambem neste mundo a memória do nosso grande irmão de hábito". Com a nossa benção---*fr. Vigilio de Valstanha.*

Prefacio

O nome de D. Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, *para a alma católica do Brasil é um dos mais queridos, porque é o símbolo dum grande atleta, dum martir da fé, dum Bispo inabalavel que defendeu os direitos da Igreja Católica diante dos novos Cesares.*

Todas as vezes que se fala entre nós de almas nobres, de homens retos, de fortes defensores de um grande ideal, sempre aos nossos labios aflora o nome de D. Fr. Vital.

O Seculo XX, *iniciou sua rubrica "Grandes Brasileiros" com D. Fr. Vital. (Rio de Janeiro n º* 6, *fev. de* 1906).

O Diario de Pernambuco, *no centenario da sua fundação (*1825-1925*), publicou um estudo sobre D. Fr. Vital, da autoria do Dr. Luiz Cedro.*

O Jornal, *do Rio de Janeiro, numa edição especial para Pernambuco, em* 1928, *não esqueceu a nobre figura do Bispo de Olinda, num estudo do Dr. José Mariz de Morais.*

Dele falaram muitas vezes as revistas e jornais de Pernambuco: O Mês do Clero, Maria, A Tribuna, Diario de Pernambuco, Diario da Manhã, Jornal

do Recife, *etc. Amiúde lembravam as datas mais importantes e davam outras noticias interessantes.*

Em 1921 *o Recife realizou festas extraordinarias pela passagem do* 50.º *aniversário da consagração da antiga diocese de Olinda ao SSmo. Coração de Jesus com a presença dos Arcebispos e Bispos das novas Dioceses em que fôra dividida.* (1)

No ano 50.º *da sua morte* (1928) *o Instituto Histórico do Brasil, no Rio de Janeiro, honrou a sua memória com uma sessão solene, e o orador escolhido foi o Exmo. Sr. J. Pandiá Calogeras, ex-Ministro da Guerra.*

Os católicos do Rio de Janeiro, querendo nortear a patria segundo os principios de Jesus Cristo e as diretrizes do Sumo Pontífice, pensaram que o nome do Bispo de Olinda encerrava o grande ideal para seu Centro de Cultura e denominaram-no Centro D. Vital.

A revista A Ordem, *orgão desse Centro, desde* 1921 *tem publicado muitos artigos notaveis sobre D. Fr. Vital.*

E o nome do nosso Bispo passou além mar, ecoou em todo o mundo católico desde o principio

---

(1) — Por ocasião destas festas a Revista MARIA, como uma homenagem, reeditou a famosa carta pastoral em que D. Vital ordenava a consagração de Pernambuco ao S. S. Coração de Jesus.

da sua ação episcopal. Seu nome foi unido aos dos Emos. Mermillod e Ledókowsky e de outros Bispos que lutaram ao mesmo tempo, com o mesmo entusiásmo e pelo mesmo ideal.

Em Portugal o Exmo. Sr. Conde de Samodães, Ministro Honorário e Secretário de Estado, publicou, traduzido em português, o livro do P. Gautrelet, S. J., A Franco-Maçonaria *e a* Revolução (*Porto, Livr. Intern., E. Chardron,* 1873) *e o dedicou ao Bispo de Olinda.*

Apesar disso, porém, faltava-nos um livro que nos desse os pormenores da vida do grande atleta brasileiro. Foi sua vida intima, sua vida santa e pura, sua inteligência superior, seu espirito vivamente compenetrado do dever, unido a uma humildade profunda e a um desapego completo do mundo, que o tornaram sentinela avançada da Fé, e um santo filho do Poverello *de Assis.*

E esta parte é a mais bela, sobrehumana, celestial, e a mais necessária para compreender D. Frei Vital.

Além disto, com a falta de uma vida singela e completa ia desaparecendo a fisionomia do nosso herói, e ficava somente a ideia, que, como a dos heróis lendários, vinha deformada por aqueles que têm interesse em obscurecer a sua fama e, se fosse possivel, destruir a sua memória.

Isto se tentou não ha muito tambem relativamente ao nosso Bispo. Assim, pois, era necessária

uma simples, mas completa e verídica narração que mostrasse a sua beleza imorredoura e o fizesse reviver na mente e no coração de seus patrícios.

Oxalá que o nome de D. Fr. Vital seja o farol da luz católica na terra da Santa Cruz, e do céo o santo Bispo proteja o Brasil pelo qual fez o holocausto da sua mocidade.

Recife, Convento da Penha, 17 *de março,* 63.º *da sagração episcopal de D. Vital, de* 1935.

O Autor.

3.ª EDIÇÃO — Em um ano esgotaram-se duas edições, de 4.000 exemplares.

Agradecemos á imprensa que, unanimemente, louvou o trabalho, como agradecemos tambem a todos que nos auxiliaram neste trabalho. Em particular o nosso agradecimento ao Revmo. Sr. Cónego A. Xavier Pedroza, professor de português que, apesar dos seus trabalhos absorventes, deu toda contribuição possivel para honrar a memória do grande Bispo, digno de um monumento **aere perennius**.

O livro já teve a felicidade de confortar corações amargurados pelas lutas quotidianas, e um bom Sacerdote dizia: "Este trabalho é um bom remédio para quem sofre". As urnas dos fortes suscitam novos heróis, e o sangue dos mártires foi sempre fecunda sementeira de novos santos.

Queira Deus abençoar esta 3.ª edição, e que todos encontrem alivio e coragem nas lutas e aprendam a transformar os espinhos em pérolas de vida eterna. **Beati qui lugent!**

Bibliografia

Abundantissima era a bibliografia da *Questão Religiosa*, vivo ainda D. Frei Vital. Ocupa 13 paginas na obra magnifica do Dr. Antonio Manuel dos Reis. Aqui daremos somente os livros que serviram para as nossas consultas e documentação dos fatos que vamos relatar. Deixamos, para citar em seu logar, outras obras menos interessantes para nós, como tambem revistas e jornais:

FR. LUIZ de GONZAGA, O.M.C.—Une page de l'histoire du Brésil — Monseigneur Vital — (Antoine Gonçalves de Oliveira) — Frere Mineur Capucin — Éveque d'Olinde — Paris — Librairie Saint-François — 4, Rue Cassette (VIe.) — 1912 — Pags. X + 398.
(Citamos: Fr. Luiz: *Vida* e a pagina relativa). E' a unica *Vida* completa.

DR. ANTONIO MANUEL DOS REIS — O Bispo de Olinda — D. Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira — perante a Historia — Rio de Janeiro — Tip. da "Gazeta de Noticias" — Rua Sete de Se-

tembro n.º 72 — 1878 — Vol. de pags. IX — + 822 + VIII.
Documentação interessante. (Citamos: Reis: *O Bispo de Olinda*).

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA — A Questão Religiosa perante a Santa Sé ou Missão especial a Roma em 1873, *á luz dos documentos publicados e inéditos, pelo Bispo do Pará* — Maranhão — Imp. na Tip. da "Civilização" — 1886 — Pags. XVI + 337 com Apêndice: Pag. LXX + 6. — Preciosa defesa dos Bispos do Pará e de Olinda. (Citamos: D. Macedo Costa: *A Questão Religiosa*). D. Antonio publicou outro livro: *O Barão de Penedo* e a sua *Missão a Roma* — Rio de Janeiro — Tip. G. Leuzinger & Filhos — Rua do Ouvidor, 31 — 1888 — Vol. e pags. 264 — Nele responde á defesa do Sr. Barão contra a 1.ª publicação e confirma quanto disse noutra.

D. PEDRO MARIA DE LACERDA — Reclamação do atual Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro contra o que a seu respeito disse a Consulta de 23 *de Maio de* 1873, *etc.* — Rio de Janeiro — Tip. do "Apostolo" — Rua Nova do Ouvidor, 16 e 18 — 1873 — Pags. 102 — (E' a melhor defesa dos Bispos Brasileiros.)

E. VILHENA DE MORAES — O Gabinete Caxias e a Amnistia — Rio de Janeiro — 1930 — J. Briguet & Cia. pags.

PARTE I

ALVORADA

CAPITULO I — (1844 - 1855)

Patria — Nascimento — Infancia de D. Frei Vital Maria

Pernambuco, grande Provincia do império, agora entre os maiores Estados do Brasil, está situado em ótima posição geográfica. Não oferece o calor do Amazonas, nem o frio do Rio Grande do Sul. Estende-se de leste a oeste, com grande variedade de clima. Terra de grande uberdade, fica no centro do Brasil e apresenta o primeiro grande porto comercial aos grandes navios vindos da América do Norte ou da Europa.

Solo rico e ubertoso, ar saudavel e ameno, pelos antigos cronistas, foi celebrado como a "terra melhor entre as melhores". (2) Prova-o a povoação numerosa, o comercio desenvolvido, a indústria florescente e a agricultura cada dia melhor e a admiravel fecundidade que póde dar quasi toda sorte de frutos e hortaliça.

---

(2) — O. LIMA — *Pernambuco e seu desenvolvimento historico* — Pag. 17.

Seu povo foi dos mais valorosos e com grande patriotismo lutou pela liberdade. Todos se lembram de Bernardo Vieira, Manuel Nunes Viana, José Luiz de Mendonça, etc., assim como todos conhecem as batalhas de Tejucupapo, Olinda, Guararapes, Tabocas, Porto Calvo, Rio Formoso e Casa Forte.

Nem faltaram homens de letras, juristas, politicos. São nomes ilustres os de Bento Teixeira Pinto, Fr. Jaboatão, Maciel Pinheiro, Lopes Gama, Joaquim Nabuco. Pernambuco deu o primeiro Cardial da America do Sul, o Exmo. D. Joaquim Arcoverde e numerosos Bispos entre os quais D. Francisco do Rego Maia, D. José Lopes, Bispo de Pesqueira, D. Augusto Alvaro da Silva, atual dignissimo Arcebispo da Baía e Primaz do Brasil, D. José Pereira Alves, Bispo de Niteroi, D. Antonio do Monte, D. André Arcoverde, Bispo de Bragança, D. João Moura, D. Vilela, D. Severino e D. João da Mata.

Tambem a Sé de Olinda, a mais antiga após a primacial da Baía, (3) foi sempre regida por Bispos ilustres que honraram todo o Brasil. Escritos com letras d'ouro na historia são os nomes dos Bispos: D. Matias de Figueiredo, D. Francisco de Lima, D. Azeredo Coutinho, D. Cardoso Aires, D. João Esberard, D. Luiz de Brito e o atual Car-

---

(3) — Foi criada diocese em 1676 antes da do Rio de Janeiro.

dial Leme que agora ilustra a Sé do Rio de Janeiro e o Colégio Apostólico.

Entre estes numerosos patrícios ilustres e Bispos gloriosos que honraram a Sé de Olinda, tem um halo de admiração e de glória, não terrena, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira cuja vida vamos contar.

Entre as cidades do interior de Pernambuco, a 20 leguas ao Norte do Recife, e a 6 leguas de Goiana, a cujo Municipio então pertencia, nos limites da Paraíba, encontra-se a cidade de Itambé.

Situada numa colina a 400 metros acima do nivel do mar, pela amenidade do clima, uberdade do solo, frescura das aguas, abundancia de frutos saborosos, tornou-se um lugar delicioso e foi chamado o "Eden de Pernambuco".

Pelo meiado do seculo passado, vivia ali um abastado senhor de Engenho, o Capitão Antônio Gonçalves de Oliveira, nascido em 1815.

De familia distinta pela sua probidade e ótimos costumes, não desmentiu a fama dos seus maiores, mostrando-se trabalhador ativo e cumpridor dos seus deveres, gozando de geral estima e consideração.

Aos 29 anos de idade, em 19 de fevereiro de 1844, casou-se com D. Antônia Albina de Albuquerque, descendente em linha direta de Duarte Coelho de Albuquerque, 1.º donatário da Capita-

nía de Pernambuco, de que tomou posse, faz 4 seculos (1535). (4)

A família Albuquerque sempre tem dado, desde os tempos coloniais até o presente, homens sabios e probos, de grande lealdade e valor, distintos pela firmeza e intrepidez de sua fé, pela piedade sincera e pela mais devotada caridade.

Logo no principio da colonização de Pernambuco, as filhas de Jerónimo de Albuquerque, Cosma, Luzia, Isabel e sua neta Inez fundaram um Recolhimento na cidade de Olinda e cederam o terreno em que se fundou ali o convento dos Padres Franciscanos, ainda hoje existente.

D. Antônia Albina, casada aos 18 anos, mostrou possuir todas as qualidades da *mulher forte* de que fala o Rei Salomão. Católica e fervorosa, compassiva e caridosa, afavel com todos, ricos e pobres, conservava os costumes ilibados e severos de sua família, ocupando-se com esmero da educação de seus filhos.

---

(4) — Pernambuco nestes dias (9-17 de março de 1935) comemorou solenemente o acontecimento e a vinda do digno donatário. Cf. os jornais.

Desse abençoado consórcio houve seis filhos, sendo o primeiro o nosso D. Frei Vital (5).

Nasceu de 7 mêses no *Engenho Aurora* (6) da freguesia de Itambé, (Pedras de Fogo) a 27 de novembro de 1844, e foi batizado, 14 mêses mais tarde, pelo P. Francisco Santana, recebendo o nome de seu pai: *Antônio Júnior*.

A piedade, doçura de espirito e firmeza de caráter de sua santa mãe e o espírito franciscano que lhe era inspirado pelo seu diretor, um religioso capuchinho, parecem ter influido particularmente sobre o caráter e sobre o espirito do filho primogénito, o futuro Bispo de Olinda.

Pessôas que conheceram a venturosa mãe afirmam que ela, ao esperar o filho, aumentara as orações, os jejuns, e outras penitências.

O filho de oração e de sacrificios, logo mostrou que os seus brinquedos prediletos eram estampas de santos, altares, missas, procissões, etc.

Tendo uns cinco anos o pequeno Antônio desaparecera. Procurado por todos os recantos da

---

(5) — Os irmãos de D. Fr. Vital foram: Belarmino, n. 23—III—1846, f. 8—IV—1917; Maria Amália, n. 15—V—1848, falecida aos 26—IX—1935; José n. 15—VI—1851. f. 15—IX—1925; Joaquina, n. 25—XII—1856, f. 29—VII—1930; Dr. Candido, n. 1—IX—1859, f. 14—VII—1920.

(6) — Atualmente pertence ao Estado da Paraíba.

casa e do sítio, foi enfim por sua mãe encontrado no quarto do oratório a orar fervorosamente!

Amavel, afetuoso, comedido nos recreios com os irmãos, mostrava um coração bem formado, cheio de bondade e ternura.

Dois pequenos incidentes de sua infancia nos revelam os primeiros lampejos da caridade e da fortaleza, virtudes em que mais tarde se distinguiu.

Naquela época a escravidão era a mancha negra que ofuscava a grandeza moral do Brasil.

Antônio aprendera de seus pais, que o escravo é um ser humano e não um vil animal e que, bem tratado, é um servidor leal a toda prova e por isso deve ser tratado com caridade pelo seu senhor, que se deve compadecer dos seus erros e auxiliá-lo na sua formação moral.

Uma tarde a negra escrava da casa, que servia a Antônio e a seus irmãos, e que era um pouco descuidada, levando uma vaca ao pasto, se distraíra e a deixara penetrar na propriedade vizinha.

Um tio de Antônio, irado porque o animal causara estragos no sítio alheio, começou a espancar a pobre escrava: Antônio, que brincava por ali com os seus irmãos, não podendo suportar a vista desse espetáculo, armou-se de um enorme cacete e lhe vibrou no braço um golpe tão forte que aquele, cedendo á dôr, deixou fugir a escrava.

Uma outra vez, estando o mesmo a maltratar a pobre negra, Antônio, de um salto, atira-se-lhe ao pescoço, tapa-lhe os olhos com as mãozinhas, enquanto os irmãos, agarrando-o pelas pernas, lhe tolhem os movimentos, dando tempo para que a escrava fugisse (7).

Dos labios maternos aprendeu Antônio os principios da nossa fé e as primeiras orações.

Mais tarde comprazia-se em dizer que sua terna devoção a Nossa Senhora, á Virgem Imaculada, era fruto dos conselhos e exemplos de sua virtuosa mãe.

Na 1.ª Carta Pastoral escrevia:

> "Depois... vos rogamos encarecidamente, amados Diocesanos, logo que esta vos fôr lida, supliqueis com todo o fervor da vossa alma á Santíssima e Imaculada Virgem Maria, nossa terna Mãe do Céo, a quem desde a mais tenra infancia fomos consagrado, digne-se continuar a cobrir-nos com a égide de sua valiosa proteção, conduzir-nos pela mão e guiar os nossos passos na estrada perigosa, inçada de urzes e espinhos, e talvez comprida, em que vamos entrar sob seus auspicios".

Ela mesma o preparou para receber digna e santamente a Nosso Senhor pela primeira vez aos

---

(7) — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 5.

9 anos. Mostrava ele então a inocência de um anjo e o fervor de um serafim.

O Dr. Manuel dos Reis, seu contemporaneo e admirador devotado, assim descreve o que D. Vital era para sua mãe:

> "Ela via no seu primogênito o que viu o Patriarca Abraão em Isaac, Jacob em José, Eleana em Samuel, um dom de Deus, e a exemplo daquelas personagens do Antigo Testamento, conheceu o seu valor e o guardou para Deus." (8)

---

(8) — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pag. 2.

CAPITULO II

No Colégio do Benfica - No Seminário - Na França

E' dever dos pais providenciarem para que seus filhos tenham todos os meios de se instruir, desenvolver suas faculdades, seus dotes de espírito, bem como dirigir para o alto sua vontade e coração. Foi o que fizeram os pais de Antônio.

Iniciou os primeiros estudos sob a direção do P. Antônio Generoso Bandeira, de saudosa memória, na escola publica de Itambé. Desde já começou a brilhar sua rara inteligência, seu caráter decidido, de modo que bem cêdo foi preciso tratar de uma educação mais completa.

Naquele tempo havia no Recife o Colégio do Benfica dirigido por Sacerdotes muito estimados. Alí eram colocados os meninos das melhores famílias da Cidade e dos arredores. O pai de Antônio alí o pôs para que se educasse e se instruisse sem se afastar muito da família. (9)

Antônio tinha mais ou menos 9 anos quando entrou naquele estabelecimento.

---

(9) — Idem, ibidem — Pags. 2-3 — Nota 2 — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 6.

Se bem que tão novo, a docilidade, a assiduidade, a aplicação, a atenção ás lições e tambem a bôa indole e a seriedade do seu caráter o puseram em nobre destaque entre os companheiros.

Um dos seus professores, Joaquim dos Passos, assim se exprime a seu respeito:

> "Dirigia ainda o Colégio — Estevão Xavier da Cunha, — quando ali veiu estudar o menino Antônio Gonçalves. Seu comportamento exemplar, sua inteligencia robusta, o fizeram distinguir-se entre todos; sua doçura, e seus progressos nas lêtras tornaram-no o ídolo dos condiscípulos e o aluno predileto dos professores. Ninguem mais pontual no curso do latim. O êxito bem depressa corôou seus esforços e no fim de pouco tempo foi ele proclamado *imperador*, isto é, chefe da turma do seu curso. Nenhum outro estudante conseguira, nem mesmo ousara, disputar-lhe esse lugar de honra. Eu então era professor ali e tive a honra de lhe dar lições."

Quando estudante no Colégio do Benfica a mãe o recomendara aos Missionários Capuchinhos da Penha do Recife; e o nosso Antônio ia lá confessar-se e comungar todos os domingos e festas de guarda. Ali tomava novas forças e a N.ª Senhora pedia luz para conhecer o estado a que Nosso Senhor o destinava; "*Iter para tutum* — dispõe um caminho seguro", dirá depois no seu emblema de Bispo.

O zelo dos professores, a frequência dos sacramentos e as relações com os Capuchinhos, muito concorreram para o desenvolvimento da vocação de Antônio.

A Penha encerrava naquele tempo estrelas que eram de primeira grandeza no céo do Brasil católico e muitos jovens se faziam sacerdotes movidos pelos grandes exemplos de vida santa, zelo ardente e atividade extraordinária daqueles missionários. Houve entre eles Frei Placido de Messina (o primeiro Prefeito desde 1844), Frei Caetano de Troina, Frei Cassiano de Comacchio, Frei Serafim de Catania, Frei Caetano de Messina (tio). Frei Sebastião de Melia, etc.

Frei Caetano de Messina foi o fundador da Cidade de Bom Conselho, em pleno sertão de Pernambuco. Lá erigiu um grande Colégio de Religiosas da Ordem Terceira para educação de meninas desvalidas, ainda hoje bem florescente. Fundou outras cidades, abriu estradas, construiu pontes, igrejas, cemitérios, e com suas frequentes missões conseguiu inúmeras conversões. Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, durante 37 anos, foram teatro da ação apostólica desse verdadeiro Missionário, cuja palavra, cheia de unção, conseguia apaziguar revoltosos, submetendo-os ao governo, dissipar odios e restabelecer a paz onde ela estivesse alterada. Morreu em Montevidéo no ano de 1878.

Frei Sebastião de Melia em 22 anos de Missão deixou, além de inúmeros benefícios espirituais e temporais, fama de grande santidade e até mesmo de graças alcançadas por sua intercessão (10).

Não é, pois, para admirar que deante de tão grandes exemplos e das missões estrondosas daqueles anos, Antônio Gonçalves se entusiasmasse pela vida religiosa na Ordem Capuchinha.

"Durante os estudos, diz Manuel dos Reis, ele ouviu mais claramente a voz do ceo, o chamado do Senhor, convidando-o ao ministério do altar." (11)

Os Padres aconselharam a Antônio que entrasse no Seminário de Olinda que sempre deu ao Brasil numerosos Sacerdotes doutos e santos, e zelosos Prelados. Daí, mais tarde, seguiria para a França, onde com facilidade poderia corresponder á sua vocação, porquanto no Brasil não havia noviciado e os da Itália estavam fechados.

Antônio não hesitou um só instante. Aos 15 anos de idade entrou no Seminário. Ali iniciou os estudos de filosofia, distinguindo-se pela piedade, docilidade, conduta verdadeiramente exemplar

---

(10) — BEL. JOAQUIM GUENNES DA S. MELLO — *Ligeiros traços sobre os Capuchinhos* — Pernambuco — Tip. de M. Figueirôa — 1872 — Pag. 86-98, 130 et passim.

(11) — REIS — Ob. cit. — Pag. 3.

e aplicação aos estudos com as virtudes próprias do estado eclesiástico.

Em 16 de dezembro de 1860 D. João Marques Perdigão, Bispo de Olinda, dava-lhe a veste talar e a tonsura na capela de seu Palácio. A ceremônia revestiu-se de um carater muito íntimo e quasi secreto.

Antônio dirigira-se ao Bispo, expondo-lhe suas aspirações e ficou logo combinado o dia e a hora da sagrada função. Grande foi, portanto, a admiração de seus colegas, quando o viram aparecer vestido de batina. Não duvidavam de sua piedade, é certo, mas admiravam-se do segredo tão bem guardado até então. (12)

D. Antônia, sua mãe, chamava-o o *homem de espanto,* querendo dizer homem de resolução pronta e decidida, de coragem máscula, de atitude forte e imprevista.

Nos desígnios divinos, porém, o Seminário de Olinda não devia conservar por muito tempo seu querido e esperançoso aluno. O celebre Seminário de São Sulpício, na França, onde se formavam tantos sacerdotes brasileiros, devia tambem abrir suas portas ao jovem tonsurado.

---

(12) — REIS — Idem — Pag. 3. — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 7.

Acabado o curso de filosofia e o primeiro ano de Teologia (13), com pleno consentimento dos superiores e pais, após uns dias de descanso em família, Antônio Gonçalves embarcou para a França, no dia 1.º de outubro de 1862, chegando a Paris a 21 do mesmo mês contando 18 anos de idade.

D. Romualdo de Seixas Barroso, compatriota e condiscípulo do nosso jóvem assim se exprime a seu respeito:

> "De espírito calmo, eminentemente lógico, firme nos princípios, rigoroso nas consequências, sincero indagador da verdade, o jovem Antônio Gonçalves, com o trabalho aturado, e o versar os mestres com mão diurna e noturna, alentou as disposições da natureza.
>
> Diz Montaigne que as nossas almas desferem aos vinte anos o que hão de ser depois, e desde então prometem as posses que hão de ter.
>
> Foi o que se deu com Antônio Gonçalves. Era o mais lindo desabrochar de rosas a prometerem aromas.
>
> Perdido na multidão não sobrava o jovem Oliveira em virtudes aos demais. O que, porém, atraía a atenção de todos, superiores e iguais,

---

(13) — REIS — Ibidem e FR. LUIZ — Idem — Pag. 7.

é que sempre achavam-no cingido ao regulamento, e nunca ultrapassava os limites do dever. E se por acaso incorria na menor falta, a reparação era pronta.

Mas os seminaristas de S. Sulpício, nós sobretudo, os brasileiros, não deviamos gozar por muito tempo da amavel companhia do jovem pernambucano.

Impelido por toque sublime não podia parar." (14)

O Colégio de São Sulpício foi apenas a ponte de passagem para o alto.

Chegado a Paris dirigiu o coração para onde julgava encontrar seu tesouro, como disse N. S. Jesus Cristo: "Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração". Informou-se da residência dos Padres Capuchinhos, e desde então gostava de ir rezar na Capela do Convento á Rua "de la Santé".

Os Superiores para provar sua vocação lhe proibiram tais visitas. Embora com magua no coração, obedeceu fielmente até que soou a hora de encerrar-se entre as quatro desejadas paredes dos Menores Capuchinhos. (15)

---

(14) — REIS — Ibidem — Nota 3 e FR. LUIZ — Idem — Pag. 8.

(15) — REIS — Ob. cit. — pag. 3 — Nota 3.

CAPITULO III — (1863 - 1868)

Entre os Capuchinhos — Noviciado de Frei Vital Maria

Terminado o 1.º ano letivo no Seminário de S. Sulpício, em que teve de prestar exame geral de filosofia, (16) o Clérigo Antônio Gonçalves de Oliveira, pensou em realizar seu grande ideal: ser Capuchinho. Antes, porém, quis confiar o bom êxito desse importantissimo negócio á proteção de Nossa Senhora, e foi em peregrinação a *Notre Dame* de Chartres.

Sua piedade sempre terna, infantil mesmo para com Maria Santissima, fê-lo sentir que, apoiado nela, triunfaria de todos os obstaculos. Voltou pois daquele Santuario tão confortado, tão esclarecido que, muitos anos depois, dizia:

> "Se tivesse previsto então a estranha sorte dolorosa, que me estava reservada, ainda com melhor vontade, teria desejado cumpri-la."

O P. Provincial dos Capuchinhos na França era então o Revmo. Frei Lourenço. Este eminente

---

(16) — REIS — Ibidem.

religioso, que tanto contribuiu para o aumento da sua Ordem na França, era um sacerdote de grande virtude e uma inteligência de escol.

Com grande bondade recebeu Antônio Gonçalves, ouviu seu pedido, mas não *aprovou* muito sua entrada na religião. O jovem brasileiro era magro, pálido demais, parecia sem forças para resistir a uma vida tão austera. Foi a primeira objeção apresentada pelo Superior que lhe fez compreender a necessidade de forças físicas suficientes para suportar as exigências da Regra Seráfica.

Isto mesmo, anos atrás, lhe dissera o Superior da Penha em Pernambuco.

Antônio, sem desanimar, respondeu que, apesar das aparências, se julgava com bastante saúde para as provas a que vinha de bôa vontade submeter-se. Que á diferença de clima já estava um pouco acostumado, pois já passara um ano inteiro na França, sem adoecer; que seus pais eram piedosos e que se não oporiam, principalmente sua mãe, grande devota do Seráfico Patriarca S. Francisco e muito dedicada á Ordem Capuchinha. Enfim pleiteou com tal ardor a sua causa, que o Padre Provincial, vencido, permitiu-lhe a entrada no Noviciado. (17)

Conseguida a obediencia para ser admitido como noviço capuchinho, não cabia em si de sa-

(17) — FR. LUIZ — Vida — Pags. 11-12.

fisfação. Voltando ao Seminário mostrou-se transformado pelo júbilo. "Exultava de alegria, disse ele a um dos seus colegas, quando pensava na felicidade que acabava de alcançar."

Sem perda de tempo, ao amanhecer do outro dia, que era 16 de julho de 1863, foi para Versalhes onde estava o Convento do Noviciado. Apresentou a carta de aceitação ao P. Mestre dos noviços e combinou-se que ele receberia o hábito a 15 de Agosto, festa da Assunção de Maria SSma., vivendo entretanto e provando a vida do Convento.

Naqueles dias o P. Bentes, paraense, pediu-lhe informações sobre a nova vida que levava, e sobre sua família.

Antônio respondeu:

> "Ah! meu caro amigo, a minha linguagem é insuficiente para lhe manifestar os transportes de alegria, de júbilo em que vivo. Oh! não tenho tempo para dizer-lhe alguma coisa das venturas, que minha alma goza aqui nesta santa casa do Senhor; só lhe digo que não me lembro mais do mundo, estou onde minha alma ha tanto tempo desejava viver. Ah! estou no paraíso!" (18)

No dia marcado houve a tocante ceremônia

---

(18) — A carta conserva-se no Arquivo do Instituto Histórico e Arqueólogico de Pernambuco; recebemos uma copia pela gentileza de seu secretário perpetuo Dr. Mario Melo, a quem agradecemos.

da recepção do hábito religioso. Ao mesmo tempo trocou o jovem noviço seu nome de batismo pelo de um dos primeiros filhos de S. Francisco, o chefe da gloriosa falange dos mártires de Marrocos, chamando-se desde então *Frei Vital Maria de Pernambuco*

Com o noviciado, inicion como a fogo lento, o sen martírio; esse martírio que, no dizer de S. Luiz de Gonzaga, é mais meritório do que o martírio de sangue.

Por permissão divina, o P. Mestre Fr. Saviniano, enganon-se a respeito de Frei Vital Maria. Julgava-o pouco inteligente, simplório, e, duvidando da realidade de sna vocação, procurava todas as ocasiões para prová-lo. O Vice-Mestre Frei Afonso, ainda mais severo, chegou até a excessos.

Era Frei Vital de natureza mnito sensivel aos rigores do frio.

O Convento de Versalhes, húmido demais, durante o inverno, mantinha uma temperatnra mais baixa do qne qualqner outro lugar, tornando-se-lhe um vasto campo de heroismo. A' noite, depois da refeição, era costnme irem os noviços passar meia hora perto do fogo qne aquecia a sala da Comnnidade. Mais do que qualqner ontro qne não conhecera o calor do Brasil, devia ele desejar aproximar-se do braseiro.

O P. Vice-Mestre aproveitava então a ocasião para provar sua obediencia, mandando que dali se afastasse, tratando-o rudemente de metido, dizendo-lhe que queria tomar o lugar dos outros, etc. Sem responder palavra Frei Vital se afastava, tomando o último lugar, não manifestando a menor impaciência e esperando que uma ordem, muito rara, lhe permitisse aproximar-se.

De uma vez a maneira de agir do P. Vice-Mestre tomou um caráter singular. Vendo o jovem noviço, como todos os outros, sentar-se e estender as mãos sobre o braseiro, ordenou-lhe que fosse buscar um espanador para tirar as teias de aranha dos ángulos da sala. Frei Vital, sem hesitar, obedeceu, embora não conseguisse achar as teias de que falava o mestre. Acabando de espanar, tornou a sentar-se julgando ter cumprido a ordem dada. "Volte e vá terminar seu trabalho, que foi mal feito", disse-lhe Padre Afonso, e o humilde noviço, sem perder a paciência, foi novamente procurar outras teias de aranha.

No fim de algum tempo, o Padre, vendo-o tão calmo e resignado, disse-lhe: "Estou vendo que é impossivel fazer com que você se zangue".

O inverno de 1863 foi muito frio, e no mês de março Frei Vital resfriado, ficou com uma tosse seca e obstinada, começando desde então a sofrer da garganta.

Por espírito de mortificação o piedoso noviço

calou-se sem se queixar esperando que com a primavera passasse a doença. Mas, pelo contrário, o mal agravou-se, causando-lhe dores fortissimas. Comunicou então ao P. Mestre seu estado de saúde, recebendo, porém, esta resposta seca e breve: "O melhor meio de curar-se é não fazer caso da moléstia." O pobre noviço calou-se, mas o mal cada vez mais se agravava.

Dois dias depois o medico declarou-o atacado de tosse perniciosa. Se o tivessem chamado tres dias antes, seria possivel debelar o mal, porém já era tarde e só lhe restava aplicar paliativos. Foi esta a origem da doença de garganta, que atormentou D. Vital durante todo o resto de sua vida.

Graças porém aos cuidados que lhe prodigalizou o P. Mestre, arrependido do seu erro, a tosse desapareceu, voltou uma relativa saúde e o fervoroso noviço pôde continuar a vida ordinária da Comunidade. Mas a convalescença exigira muito tempo e passara a época da profissão religiosa. Teve portanto de esperar mais dois mêses para fazer os primeiros votos.

PROFISSÃO — Os religiosos reunidos em escrutínio, segundo o costume da Ordem, para decidirem sobre a admissão definitiva do candidato, ouviram a formal oposição do P. Mestre, alegando o motivo de saúde e a impossibilidade de tra-

balhar na Ordem para o futuro, por causa da fraqueza de constituição e da diversidade do clima.

A Comunidade, porém, indagou sobre o comportamento de Frei Vital Maria. A resposta do P. Mestre a este respeito foi um elogio sem restrições:

> "Tem sido em tudo e por tudo de um comportamento irrepreensivel. Absolutamente nada tenho que repreender nele e seu modo de proceder satisfaz inteiramente."

Diante disso todos unanimemente aprovaram o candidato.

Em 19 de outubro de 1864 realizou-se a tão suspirada profissão. (19)

Ouçamos uma testemunha ocular:

> "Naquela manhã ele estava radiante de felicidade e santidade. Deus lhe proporcionava essa alegria tão pura e sem mescla que acompanha nas almas religiosas a doação de si proprio, para prepará-las melhor para os sofrimentos vindouros." (20)

Apenas tinha começado a subir o seu Calvário. Seu P. Mestre na despedida, lhe disse: "Você

---

(19) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 12-15.

(20) — Cf. D. REGO MAIA — *Or. funebre em* 1882. — Idem, ibidem — Pag. 16 e segs.

nunca prestará para cousa alguma. Não poderá vir a ser Sacerdote e terá muito que sofrer."

Frei Vital respondeu humildemente:

"Não pedi a entrada na Religião para nela me tornar notavel por trabalhos além dos que Deus me destina. Não quis nem mesmo visar a glória de sacerdote; vim para a glória de Deus e salvação de minha alma. Se não puder ser um bom padre, pedirei para ficar como simples leigo e espero que Nosso Senhor terá piedade de mim até o fim."

Contando o fato a pessôas de sua intimidade, nos seus últimos dias, disse sorrindo:

"Apesar disso o Espirito Santo, quis fazer-me Bispo aos 25 anos."

E como que temendo dizer estas palavras por uma especie de despique, acrescentou logo:

"Meu bom mestre deu-me nesse dia conselhos tais, traçou-me uma linha de conduta tão segura, tão apropriada ao meu estado, que sempre me felicitei por tê-la seguido."

Não era profeta, mas era um bom diretor.

CAPITULO IV

Estudos - Ordenação Sacerdotal

Frei Vital ficou ainda um mês em Versalhes e teria talvez passado mais tempo, se os rigores de um outro inverno não ameaçassem de novo alterar sua saúde restabelecida de pouco e com tanta dificuldade.

Um dia apareceu tão fraco e abatido que não encontrava alívio. Frei Candido o conduziu á sala de aquecer onde permaneceu toda a manhã.

Os Superiores compadecidos do seu estado de saúde, abriram uma exceção ao regulamento dos estudantes neo-professos e o mandaram logo para Perpignan, acompanhado por Frei Apolinário e Frei Exupério.

A viagem foi penosa para ele que se achava muito enfraquecido. Em Perigueux, onde teve de estar acamado, receberam-no com caridade verdadeiramente fraternal, cercando-o de todo o carinho e conforto, de modo que dentro de dois dias pôde continuar a viagem.

A 20 de novembro chegou a Perpignan.

"Ali, fui testemunha, durante 14 mêses, dos sofrimentos desse bom rapaz. Sensibilíssimo por

natureza, acautelava-se para prevenir a moléstia, mas, quasi nunca o conseguia. Entretanto nunca se queixava, nem mesmo deixava escapar nenhuma exclamação, cousa tão comum nos doentes." (21)

Poucos dias depois de sua chegada a Perpignan, o sábio especialista Dr. Puig examinou-o e receitou um vesicatório no braço.

Fazendo o curativo na chaga aberta pelo vesicatório, Frei Apolinário um dia achou-a inflamada. Preparou imediatamente uma cataplasma, e, sem deixá-la esfriar, aplicou-a quasi fervendo, com a intenção de o curar logo. O pobre paciente pelo excesso da dôr, contraiu a fisionomia, mas seus labios não deixaram escapar um gemido.

O inverno em Perpignan foi muito mais suave, mas por causa do estado do doente, o Dr. Puig declarou ao P. Guardião que se ele resistisse ao frio desse inverno, sucumbiria inevitavelmente no ano seguinte.

O P. Guardião consultou ao P. Geral da Ordem residente em Roma, que então era o Revmo. Frei Nicolau, sobre se podia enviar ao Brasil o jovem estudante, para concluir seus estudos em São Paulo onde os Capuchinhos da Provincia da Saboia dirigiam o Seminário Episcopal.

---

(21) — Carta de frei Apolinário.

O P. Geral, depois de muita reflexão, não julgou prudente derrogar a regra geral e respondeu que um religioso pertence á Provincia que recebeu seus votos. No Brasil não havia casa de formação, e nunca se permitiu que um religioso saisse da vida conventual antes de completar os estudos e a formação religiosa. Se Frei Vital quisesse, não haveria dificuldade em obter a dispensa dos votos e voltar para o Brasil; mas se desejasse continuar a pertencer á Ordem, deveria fazer o sacrifício de ficar na França com prejuizo de sua saúde e até, se fosse necessario, da própria vida.

O golpe era rude de mais, e qualquer outro, em tão penosa contingência, teria duvidado se não seria mais perfeito procurar outro estado para servir á maior glória de Deus. Mas Frei Vital não hesitou e declarou que queria viver e morrer na Ordem. "Uma alma guerreira é dona tambem do seu corpo" disse o Conde de Fontaines; e Deus ia recompensar sua coragem e seu heroismo.

Passou bem o resto do inverno.

Pensando que os banhos de mar lhe fariam bem, pediu para passar o verão numa praia. O Superior lhe concedeu a licença, porém, dada a obrigatória pobreza da Ordem, teria de fazer a viagem a pé. Frei Vital não se sentiu com forças para percorrer duas leguas a pé, e, sem murmurar, renunciou ao seu projeto.

Por esse tempo era seu confessor Fr. Apolinário. Este pôde declarar:

"Tive, então, a consolação de penetrar até o ámago de sua conciência e ler claramente sua alma. Ela jamais se perturbou. Era admiravel sua calma, principalmente porque eu conhecia a sua grande sensibilidade. A fonte dessa serenidade imperturbavel estava portanto numa virtude e numa inteligência tão elevadas, que as pequenas faltas, as fragilidades e misérias humanas que testemunhava, ou de que era vitima, a seus olhos pareciam brinquedos de crianças e combates de formigas.

Esse rapaz de 20 anos, de aparência fraca e delicada, era superior a todos os homens que o cercavam e a todos os acontecimentos que o atingiam. Sob o ponto de vista físico, quase que não tinha mudado em cousa alguma desde o noviciado. Parecia mais novo do que era. Ainda não era o homem alto como o vimos depois. Sua cabeça parecia desproporcionada em relação á estreiteza dos hombros. Quando Bispo, sua altura fazia realçar a dignidade episcopal. Em seu semblante, em suas palavras, em seus gestos, em seu andar desde muito novo, lia-se um candor virginal, que me emocionava e me causava um profundo sentimento de admiração." (22)

---

(22) —FREI LUIZ — Pags. 20 et passim — Cap. II.

Tendo sido nomeado superior do Convento de Perpignan Fr. Apolinário, no verão de 1865 apressou-se em mandar Frei Vital fazer estações de banhos de mar, numa praia do Mediterraneo.

Os banhos de mar lhe fizeram o bem que ele esperava e passou o inverno seguinte sem graves incidentes. Outros sofrimentos, porém, lhe não faltaram.

Veiu depois como Superior, Frei Cipriano, religioso de virtude e bom administrador, mas docente e de um carater irascivel. Era um homem cuja vida se passava em constantes atos de impaciência que, todavia, procurava reparar por outros tantos atos de humildade.

Frei Vital, mais do que os outros, teve que sofrer com semelhante Superior. Os frades admirados da inexplicavel severidade daquele Superior para com Frei Vital, aconselharam-no a ir ter com ele e perguntar-lhe francamente as causas. Apesar de uma certa repugnancia para não perder o mérito dos sofrimentos, seguiu o conselho.

Indo ter com o Superior obteve esta resposta: "Meu filho, eu mesmo não sei a razão, compreendo, porém, que lhe faço sofrer muito." Disse isto com tal humildade, que Frei Vital ficou comovido e desde então houve entre ambos uma harmonia perfeita! Grandes provas para os grandes homens!

Continuava Frei Vital o curso de seus estudos

teológicos. Quando teve como lente Frei Apolinário, este soube apreciar-lhe o raro talento, dizendo:

> "Tive ocasião de perceber que ele estudava com uma facilidade raríssima."

Outro professor achou sua inteligência comum. E' que naturalmente modesto, recolhido e sempre doente, era parco em palavras, e por isto o professor não chegou a compreender o seu valor, que só mais tarde seria apreciado.

No Brasil, em Itambé, sua mãe não tinha então outro assunto em suas conversas, senão o filho. As cartas que ele lhe enviava de França passavam de mão em mão como fonte de doutrinamento e incentivo á piedade.

Frei Vital, concentrado, calmo, perfeitamente resignado, de uma virtude a toda prova, não dava ocasião a sua mãe de suspeitar suas lutas e muito menos o seu heroismo. Ele ia reservando e acumulando energias em sua alma provada com tanta aspereza, para um dia mostrar-se á face do mundo o *homem de espanto,* como lhe chamara sua mãe.

Tendo terminado o estudo da Teologia Dogmática, Frei Vital recebeu as Ordens Menores, passando então de Perpignan para Tolosa, afim de seguir o curso de Moral e preparar-se para o Sacerdócio.

A capital da Aquitania fê-lo esquecer um passado tão doloroso, pois encontrou companheiros afaveis e bondosos. Ouçámo-lo numa carta dirigida mais tarde do Brasil a um dos seus antigos companheiros:

> "Sim, meu caro Frei Bartolomeu, guardo e guardarei durante toda a minha vida a lembrança de nossos belos dias de Tolosa. Nunca me será possivel esquecer nossas ansiedades, nossas incertezas, nossas perplexidades e enfim o feliz resultado de nossa ordenação sacerdotal. A Capelinha da Imaculada Conceição de Matabieau, e a função daquele dia, tudo ainda está bem gravado em meu espírito. Dê-me notícias de nossos companheiros de estudos; e que são eles agora? Conte-me alguma cousa dessa velha Europa. Talvez não pense nisto: estou em minha cara pátria, e estou contente. Entretanto por vezes tenho tantas saudades dessa França tão generosa! Oh! é que foi ali que tive a felicidade de nascer para a vida religiosa, e por isto meu coração lhe é reconhecido.

A gratidão não era a ultima de suas virtudes.

Em junho de 1867 seus superiores desejosos de verem desaparecer a laringite, que sempre o atormentava, mandaram-no a Vernet-les-Bains em companhia de Frei Bartolomeu.

Passou ali tres semanas e quando voltou parecia já estar restabelecido.

Entregou-se, pois, de novo com ardor aos estudos de teologia. No dia 8 de dezembro recebia o subdiaconato, a 6 de agosto o diaconato, e dois mêses depois, a 2 de agosto de 1868, o Exmo. D. Desprez, Arcebispo de Tolosa, (depois Cardial), conferia-lhe o presbiterato, na igreja da Imaculada Conceição de Matabieau, consagrada no mesmo dia, mas ainda por acabar.

Passou mais três mêses em Tolosa, aperfeiçoando-se na lingua francesa.

Para melhorar de saúde os Superiores se apressaram em obter-lhe a licença de voltar para o Brasil, destinando-o a São Paulo, como lente de Filosofia e de Sagrada Escritura no Seminario Maior dirigido pelos Capuchinhos da Saboia.

Aos 24 de outubro desse ano, embarcou em Bordéos com destino a Pernambuco, onde, com licença de seus Superiores, permaneceu algum tempo em visita a seus pais.

CAPITULO V - (1868 - 1872)

Em São Paulo — Professor e Missionario

Por uma carta do próprio Frei Vital sabemos da sua estadia em Pernambuco e da sua penosa viagem a S. Paulo.

"Permita-me Revmo. P. Geral, que com toda a simplicidade e retidão de coração, preste contas de minha conduta desde minha chegada a Pernambuco, até a minha vinda para S. Paulo.

Antes de vir para o Brasil, pedi licença aos meus Superiores da França para vêr meus pais ao passar por Pernambuco. Concederam-ma, permitindo até que me demorasse com eles de dois a tres mêses, afim de refazer-me um pouco da viagem.

Chegando a Pernambuco a 12 de novembro de 1868, fui logo ao convento dos nossos Padres, na Penha, como era de meu dever. Dois dias depois deixei-os para ir vêr meus pais em Itambé, cidade afastada da capital cerca de 20 leguas.

Tendo feito uma operação na garganta, antes de deixar a França, o cansaço da viagem por mar e por terra, me enfraqueceu bastante de tal sorte que, mal cheguei á casa de meus pais e fui logo para a cama, passando um mês e meio impossibilitado de fazer até uma viagem de 2 leguas.

Escrevi então ao P. Eugenio de Rumilly, Superior do Seminário de S. Paulo, e este me permitiu que ficasse ainda algum tempo em casa, o que aproveitei para tratar de minha saúde alterada.

Apenas me senti com forças de empreender uma viagem, retomei o caminho da cidade e fui de novo para o convento dos nossos Padres, chegando alí a 10 de fevereiro, segundo me parece. A 14, não obstante meu abatimento físico, embarquei para S. Paulo.

O estado de minha saúde ainda mal restabelecida, forçou-me a desembarcar em Alagôas no dia seguinte, interrompendo assim a viagem. Passei doente todo o resto de fevereiro e o princípio de março. Além disto tive tambem de esperar 30 dias pelo vapor que me devia levar ao Rio de Janeiro, onde cheguei a 23 de março, indo hospedar-me no convento dos nossos Padres.

Desde 3 de abril acho-me no Seminário de S. Paulo, onde estou contente e me sinto feliz por ter obedecido a V. P.

Eis aqui, Revmo. P., o que por amor da verdade e em consciência julgo-me obrigado a comunicar a V. P." (23)

Nessa carta dirigida ao Revmo. P. Geral da Ordem Capuchinha, teria podido acrescentar que sua doença da garganta e as fadigas da viagem o

---

(23) — FREI LUIZ — Pags. 25-27.

tinham reduzido a tal extremo que os Frades de S. Paulo perguntaram-se se lhes tinham enviado um professor para auxiliá-los, ou um moribundo.

Apressaram-se em prodigalizar-lhe todos os cuidados e curativos, prescritos pelos médicos, cuidando sobretudo da laringite, obstáculo ao seu cargo de professor e de pregador.

A amenidade do clima e a tranquilidade da vida contribuiram muito para que ele se fortalecesse e em breve pôde começar a lecionar.

Diz ele numa carta:

> "Sou feliz aqui em São Paulo e ouso esperar em nossa dôce Mãe Maria SSma., que irei até o fim. Os Padres da Saboia que estão aqui são homens escolhidos e excelentes religiosos. Temos muito trabalho. Temos de ensinar e nos ocupar no santo ministério, porque frequentemente somos chamados a pregar, tanto na cidade como no campo."

Passou, pois, Frei Vital uma parte do ano de 1870 em Itú, como releva-se da seguinte carta:

> "Atualmente estou passando bem; ainda sofro um pouco da garganta, mas estou melhor. No ano passado tomei os banhos de mar e aproveitei tanto que este ano pude pregar, todo o mês de março, no Colégio das Irmãs de S. José em Itú, onde estou ha alguns mêses; vou tambem tomar

banhos este ano e voltarei, com a graça de Deus. Quando lá estiver lembrar-me-ei do belo mês que passamos em Vernet."

Fr. Vital, se bem que na pátria, não esquecia a França que lhe déra a vida religiosa. Interessava-se pelos companheiros que o tinham alegrado durante os estudos, e com eles entretinha uma larga correspondência cheia de santa alegria.

"Sua belíssima carta, dizia a um deles, veiu me causar uma grande satisfação e uma dêce surpresa, pois que ha muito que desejava ter notícias de sua saúde, e a carta chegou-me quando principiava a perder a esperança de a receber.

"Ela deixa vêr que é sempre o mesmo, isto é, que conservou sempre o mesmo caráter feliz, prazenteiro e contente. Meu caro amigo, é uma verdade consoladora que a graça e a alegria da alma aliviam a nossa cruz e suavizam as nossas penas. A carta ensina-me que ele tem progredido. Sua demora em Paris desenvolveu muito sua veia poética. Não sabia que as aguas do Sena, o barulho e a fumaça das chaminés de Paris fossem tão favoráveis para desenvolver as idéias poéticas. Sem dúvida isso é efeito da vista das belas ruas, dos magníficos passeios públicos e dos jardins arrebatadores que encantam a vista, e avivam a imaginação e acendem os raios da poesia nos corações sensiveis. O que ha de certo é que, para mim, das belas e esplendidas avenidas,

indo a Paris, sentia inflamar-se meu coração na chama da poesia; mas agora tudo se apagou e me tornei completamente frio como o gelo que pisava.

"Desculpe meus gracejos, filhos dum coração que lhe é sempre mui afeiçoado. Levemos a nossa cruz, rindo... Peço-lhe o favor de me anunciar quais são os Provinciais e os superiores das três Províncias. Se bem que longe, me interesso pela sorte da nossa Ordem na França, á qual eu sou e serei sempre ligado".

A outro escrevia:

"Ele me acusára de ingratidão a seu respeito, porque não escrevi ainda uma só palavra desde que saí dessa nóbre França. Minha culpa não é voluntária; viajei sempre desde que cheguei ao Brasil, e as comunicações não são muito fáceis com a Europa. Agora eis-me chegado á casa para onde Nosso Senhor teve a bondade de me chamar, daí, eu, o pequeno missionário destes logares afastados, do interior do Brasil, envio a vós pregadores eloquentes da capital do mundo civilizado, uma afetuosa saudação!"

Como prégador, era Frei Vital muito apreciado em S. Paulo. Notava-se em seus sermões a escolha feliz de argumentos tirados da Sagrada Escritura e dos Santos Padres. Preferia usar tam-

bem a História da Religião, matéria que mais tarde lhe deveria ser tão útil. Costumava mostrar nossa santa Religião, saindo das maiores dificuldades, radiante de glória, dirigindo os povos para a civilização, a ordem, a moralidade.

Seus compatriotas gostavam de ouvir-lhe a voz clara, embora um pouco fraca, sua linguagem fluente, rica em variedade de formas, denotando uma imaginação pouco comum e principalmente uma emoção contida a princípio, mas expansiva depois, mostrando o coração inteiro a transbordar.

Sua singular piedade o tornava um verdadeiro missionário evangélico, estando pronto dia e noite a qualquer sacrifício para salvar as almas.

Não era mais o rapaz magro, como o descreveu Frei Apolinário. Agora era alto, esbelto, de rosto pálido, sim, porém vivo e expressivo; sua presença empolgava o auditório.

Dotado de grande penetração, de perfeita segurança na apreciação das pessôas, dificilmente se enganava. Sua sensibilidade natural, avivada pòr dolorosas provações, tornou-se muito grande, porém acima, muito acima, estava a força de domínio sobre si mesmo.

Em São Paulo passou tres anos que foram os mais tranquilos e felizes de sua vida. (24).

---

(24) — Idem, ibidem. — Pags. 27-33.

CAPITULO VI

Frei Vital eleito Bispo de Olinda - Sua sagração

Em maio de 1871 o Exmo. Ministro do Interior, Dr. João Alfredo Correia de Oliveira, dirigia a Frei Vital Maria a seguinte comunicação:

"Sua Magestade o Imperador,

Tendo em vista as virtudes e o mérito reunidos na pessôa de V. S. decidimos, por decreto de 21 do corrente, nomear-vos bispo da diocese de Olinda, vaga pela morte de D. Francisco Cardoso Aires.

Fazendo-vos esta comunicação, esperamos uma pronta resposta, afim de podermos expedir em tempo oportuno pelo ministério do Interior a carta de apresentação.

Deus guarde a V. S., etc."

"*A Frei Vital Maria de Pernambuco,*
Bispo eleito da diocese de Olinda."

O jovem frade ficou estupefato. Nenhum rumor de semelhante escolha lhe havia chegado aos ouvidos. Quem teria lembrado ao Imperador a sua humilde pessôa? Disseram que D. Pedro II dese-

java, de ha muito, mostrar a sua gratidão aos Padres Capuchinhos pelos relevantissimos serviços prestados ao Império, catequizando indios, pacificando, amotinados, construindo açudes, igrejas, cemitérios e acompanhando o exército durante toda a campanha do Paraguai. Impossivel, porém, era nomear um bispo da Ordem por serem todos estranjeiros.

Chegou afinal a ocasião oportuna, pois Frei Vital era brasileiro.

Voltando a si, depois de alguns momentos de pasmo, Frei Vital Maria, como bom religioso, foi ter com o seu Superior Frei Eugênio de Rumilly. Este opinou pela aceitação. O Revmo. Frei Caetano de Messina, um dos melhores conselheiros de Frei Vital, foi do mesmo parecer.

A confirmação do Papa tardava, devido a sua mocidade. A conselho do Exmo. Internúncio, Frei Vital, além de escrever ao Revmo. P. Geral, escreveu uma carta ao Summo Pontífice com toda a simplicidade dum filho que recorre a seu pai. E' um grande ato de humildade, de obediência, de fé, de obséquio e de amor ilimitado ao Vigário de Jesus Cristo, e lhe pede que o livre do onus do Episcopado, deixando-o como simples frade Menor.

Esta carta teve efeito contrário. O Papa afastou toda e qualquer dúvida de consideração hu-

mana e no primeiro consistório de 22 de dezembro de 1871 preconizava-o Bispo de Olinda e a 22 de janeiro seguinte dirigia-lhe uma carta cheia de bondade, incitando-o a depôr todo e qualquer receio, e pôr toda a confiança em Deus.

Damos esta carta que merece ser conhecida:

"Amado Filho, saúde e benção Apostolica. — Os sentimentos manifestados em tua carta, amado Filho, firmemente nos persuadem de que, se bem que não tenhas ainda idade madura para o gravíssimo cargo episcopal, és realmente a ele chamado por Deus. O conceito humilde que de ti formas, o mêdo do formidavel onus, o cuidado em declinar de ti a dignidade oferecida, e ao mesmo tempo a plena conformidade ás disposições do alto, assim como atestam idônea disposição de tua alma para assumir tamanho oficio, assim prometem que te hão de obter largamente os auxílios do céo. A declaração que fazes de teu afeto e obediência para com a Igreja e com esta Sé Apostólica, da magoa que tens sentido pela nefasta guerra que lhe é feita, do propósito de cada vez mais estreitamente aderir a uma e outra, mostram que tu, confirmado com a superna virtude, *has de estrenuamente defender a causa de Deus, e nada omitir que possa dizer respeito á salvação e proveito do rebanho a ti confiado*. Por isso, não podendo tu duvidar da divina vontade, deixa de parte toda a apreensão e confiado só n'Aquele em que tudo poderás, deixa

a Ele só o teu cuidado, e cheio de coragem começa o *bonum opus* de que vais ser encarregado

Pedimos para isso te sejam dados abundantes dons celestes ,e como anúncio deles e penhor de nossa paternal benevolência, com todo o amor te damos a Benção Apostólica.

Do Vaticano, a 22 de janeiro de 1872. — *Pio Papa IX.*" (25)

Animado com estas palavras proféticas o humilde religioso abraçou a sua cruz, e preparou-se para receber a plenitude do sacerdócio com fervoroso retiro espiritual.

SAGRAÇÃO. — Frei Vital foi sagrado Bispo a 17 de março na catedral de S. Paulo.

A Sé de São Paulo estava então vaga.

A convite de Frei Vital foi Bispo Sagrante D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, sendo consagrantes o Vigário capitular Cônego Joaquim Manuel de Andrade e o Tesoureiro-mór do mesmo cabido, Cônego Manuel Emilio Bernardes.

Como de costume, houve tambem os padrinhos ou paraninfos, que foram os Snrs. Cons. Vicente Pires da Mota e o Dr. Martinho da Silva Prado.

---

(25) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 33-38 — D. MACEDO COSTA — *A Questão Religiosa* — Pags. 106-108.

D. Frei Vital Sagrado Bispo de Olinda

presentes todas as autoridades religiosas, civis e militares da cidade e da Província.

O templo deslumbrava pelas suas galas ornamentais, regorgitava da multidão e mal se podia conter o povo que assistia a uma das mais tocantes e imponentes solenidades da Igreja Católica.

No início da cerimônia foi lida a bula do Papa e o decreto de S. M. D. Pedro II quanto á nomeação e preconização, pelo Con. Dr. Pedro Ribeiro de Abreu e Lima, pernambucano.

No largo da Catedral estacionou um batalhão de guardas nacionais, e no do Colégio um parque de artilharia que deu as salvas de estilo, antes e depois da função.

Os Prelados ao sair da Sé mal podiam adiantar um passo, por causa da multidão que se atropelava para beijar-lhes o anel. Foram quasi transportados processionalmente ao Seminário, acompanhados de numerosos assistentes e de todo o povo.

A' tarde serviu-se um lauto jantar e á noite uma banda de música foi tocar em frente do Seminário, enquanto de novo se iluminaram todas as igrejas e o Seminário como na vespera.

Bem moço era D. Frei Vital, pois não contava ainda 27 anos, quando foi levado á sublime dignidade episcopal. Mas outros exemplos ilustres temos na história eclesiástica, bastando citar S. Luiz, Franciscano, Bispo de Tolosa e S. Carlos

Borromeu que com 24 anos foi Arcebispo de Milão e depois Cardial. Notando isto, D. Pedro Maria de Lacerda, no brinde que levantou, no banquete, a S. M. o Imperador, ao Bispo e á Ordem Capuchinha, disse, que esta nomeação importava um reconhecimento da religião e do patriotismo de S. Majestade o Imperador, que queria premiar em D. Fr. Vital os relevantíssimos serviços que em três séculos tinham prestado os religiosos Capuchinhos ao Brasil. Um dos beneméritos era presente: o Revmo. Fr. Caetano de Messina, além do Prefeito Fr. Engênio de Rumilly e outros irmãos de hábito que dirigiam o Seminário. (26)

1.ª CARTA PASTORAL. — D. Frei Vital apressou-se em escrever ao Vigário Capitular de Olinda, Mons. João de Paiva Torres, conferindo-lhe plenos poderes de substitui-lo até sua posse.

Na mesma ocasião escrevia ao Clero e fieis da vasta diocese, a sua primeira Carta Pastoral datada do dia de sua sagração. E' uma carta verdadeiramente saida dum coração franciscano, humilde e caridoso.

> "Com a alma ainda impregnada de santas e suaves emoções, vos anunciamos, Irmãos e filhos muito amados, que esta manhã o Pontifice do

---

(26) — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pag. 5 — Nota 6.

Altíssimo entornou sobre nossa cabeça o *oleo de alegria que nos distingue dos nossos companheiros,* conferindo-nos a plenitude do sacerdócio, o oleo das bençãos celestiais com o qual o Senhor Nosso Deus, não obstante a nossa máxima indignidade, nos ungiu Vosso Bispo. Aos vínculos da natureza, que já estreitamente nos prendiam a vós, dignou-se a Divina Providência reunir os da graça, indissoluveis e eternos... Saúde, forças, faculdades, até a própria vida, tudo, tudo agora pertence a vós, Irmãos e filhos caríssimos, por amor de quem consentimos em deixar, se bem que muito a nosso pesar, a querida solidão do *claustro que havíamos escolhido para morada,* e donde *não contavamos sair senão para entrar no eterno descanso.*"

Tem saudade da doçura do claustro e se recomenda ás orações dos irmãos afortunados que ficam, para que no combate seus esforços sejam coroados de feliz êxito.

Depois saúda seus diocesanos aos quais desde já consagra toda a ternura, afeto, dedicação,

"garantindo-vos, que se o vosso Bispo não tem a seu favor o mágico poder da virtude, nem tão pouco o prestígio da ciência, ao menos sente palpitar-lhe no peito um coração de Pastor, um coração que sabe amar as suas ovelhas e tudo sacrificar ao bem das almas."

Conforta-o saber-se pai de um povo que o viu nascer; um povo nobre, distinto, bem conhecido pelo seu amor á Religião, á Pátria, ao verdadeiro progresso. Olinda tem ilustres cònegos, professores sábios e virtuosos, clero numeroso, religiosos e religiosas que o ajudarão no cargo pastoral.

Já conhece, nem disto tem a menor ilusão, todas as dificuldades com que ha de lutar e não deixa de justamente aquilatar toda a extensão, toda a gravidade dos seus deveres.

> "Segundo Sto. Agostinho a incumbência do Bispo é *repreender os turbulentos, apoiar os fracos, instruir os ignorantes, estimular os remissos, increpar os desordeiros, humilhar os soberbos, pacificar os litigantes, socorrer os pobres, defender os oprimidos, aprovar os bons, sofrer os maus e amar a todos!*

E diz com grande humildade:

> "Somos o primeiro, a lamentar que, para o cabal desempenho de tão ardua, quão difícil missão, além de outros predicados, nos falença (com profunda magua confessamos) a autoridade que em geral inspiram as cans da idade madura."

E, quando o Papa lhe deu esse pesado encargo, exclamou como o profeta Jeremias:

"Ah! ah! ah! sou criança! imensa, porém, é a nossa confiança em Deus, e como Jeremias, a despeito da nossa pouca idade, esperamos tornar-nos nas mãos da Divina Providência, um meio de salvação para as almas. Pouco importa a qualidade do meio. Moysés, David, os Apóstolos, etc., eram meios ineptos para o mundo, mas escolhidos de Deus operaram maravilhas."

Descreve os erros modernos, as rebeldias, a indiferença e corrução dos costumes que embaraçam o trabalho do Clérro, mas espera que a caridade vença e torne facil o cumprimento da sua missão divina, como os Apóstolos venceram e transformaram o mundo.

Isto o impele a recomendar vivamente a caridade entre o Clérro, e entre todos, até mesmo na correção dos delinqentes. Na pregação, e no tribunal de penitência, entre os fieis, e nas familias, atear sempre o fogo da divina caridade.

"Nós vos daremos em toda e qualquer circunstancia exemplos desta virtude. Quando ainda devêssemos usar de autoridade, jamais o faremos sem primeiro ter esgotado todos os recursos da caridade." (27)

Prometeu e cumpriu.

---

(27) — D. FR. VITAL — *Carta Pastoral saudando os seus diocesanos.* — Cf. REIS — Ob. cit. — Pags. 379-391.

CAPITULO VII

D. Frei Vital toma posse da Diocese de Olinda

D. Frei Vital ~~veiu para Pernambuco~~ viajou pelo vapor *Ceará*.

A 21 de maio o navio tocava em Alagôas, que pertencia a sua diocese, onde foi homenageado pelas autoridades locais. Desejou saltar em Maceió; mas foi impedido pela muita chuva e pela tempestade. No dia 22, ás 8 horas, o *Ceará* aportava ao Recife.

O novo Bispo recebido pelas autoridades civís, religiosas e militares, foi solenemente acompanhado á Igreja do Espírito Santo, onde cantaram o *Te-Deum*, ficando marcado o dia 24 para a posse na Sé de Olinda. Depois, transportando-se ao Palacio Episcopal, iniciou imediatamente a recepção das autoridades e de quantos quiseram visitá-lo.

No dia da posse, Olinda vibrou do mais intenso júbilo, sobre tudo sabendo que o escolhido do Senhor era pernambucano.

O firmamento associou-se á festa com um dia verdadeiramente esplêndido. Logo que D. Fr Vital chegou ao Varadouro, começaram a repicar os campanarios a cujas vozes de alegria se ajuntava

o troar dos foguetes, tudo anunciando a chegada do Pastor. Moveu-se a grande procissão que conduziu a massa popular até a velhaSé de Olinda. O Prelado vestido pontificalmente ia sob o pálio cujas varas foram sustentadas pelo vice-presidente da Provincia, Dr. Manuel do Nascimento Machado Portela, o brigadeiro comandante das armas Emilio Luiz Malet, e pelos vereadores da ilustríssima Camara Municipal de Olinda, tenente coronel Manuel Antônio dos Passos e Silva, coronel Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, major José Joaquim Antunes, capitão Francisco das Chagas Salgueiro, major Francisco Luiz, Alexandre José Dornelas e major Antônio Gonçalves da Silva, juiz da comarca Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque e substitutos Drs. José Domingues da Silva e Gaspar de Vasconcelos Meneses de Drumond.

Formaram alas a confraria da Ordem 3.ª de S. Francisco de Olinda, as irmandades do Santíssimo Sacramento da Sé, e da matriz de S. Pedro Mártir de Olinda e mais sete irmandades da mesma cidade, o Seminário Episcopal com o seu Reitor, Mons. Dr. Gregório Liparoni e o Cabido, padres regulares e seculares e o povo que em massa enchia as ruas. Jogavam flores sobre o Prelado, cuja benção lançada de continuo era recebida com manifestos sinais de respeito e de grande júbilo.

Acompanhava-o tambem D. A. de Macedo Costa seu coléga no episcopado e depois na luta

contra a maçonaria. Ele passava pelo Recife rumo ao Rio, e havendo já combatido no Pará contra o liberalismo, vinha entender-se com o nosso herói.

Chegados á Catedral, pouco depois das 8 horas, os levitas entoaram o *Te Deum*.

O novo Prelado prestou o juramento nas mãos do Cabido, tendo antes o secretário do mesmo Cabido, Cônego Tranquilino Cabral Tavares de Vasconcelos, feito a leitura das bulas e cartas, assinadas pelo Papa Pio IX, por D. Pedro II e pelo Ministro Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, parente (?) do maior dos Sacerdotes, em que repousava a mitra olindense, e presente á festiva recepção.

Fez a oração gratulatória o sergipano, Revmo. Dr. Luiz Ferreira Nobre Pelinca, Vigário Encomendado da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Nazaré.

Respondeu o Bispo com a saudação franciscana: "A paz do Senhor seja convosco", convidando todos a se reunirem na paz e na caridade ao redor do seu Pastor, que a todos abençoava com o maior afeto de pai pronto a dar a vida pelo seu rebanho.

A' eloquente alocução todos se comoveram. Todos os jornais noticiaram que nunca se vira um povo receber assim o seu Bispo. Encerrada a função, com a Benção, a nossa bandeira fez sinal para a guarnição da fortaleza do Brum que salvou

com 12 tiros de artilharia o juramento do Principe da Igreja Olindense. (28)

NO PALACIO DA SOLEDADE — Logo que o governo recebeu a aprovação do seu escolhido Bispo de Olinda, mandou ao preconizado o *placet* de nomeação para receber a sagração e ao Snr. Presidente da Provincia de Pernambuco o aviso para que, como de costume, pusesse em ordem o Palácio para o novo Bispo de Olinda.

Dizia-se *Palacio da Soledade* porque estava situado perto da igreja da *Soledade*.

Essa residência do Bispo, bem feita, apresentava-se n'uma sóbria e imponente dignidade conveniente á autoridade espiritual. A pedido do Prelado foi preparada com a maior simplicidade qual convinha a um Bispo franciscano. A simplicidade e mesmo a pobreza reinavam nos seus aposentos particulares.

Recusou logo os escravos postos a seu serviço, declarando que todos os cristãos são iguais diante de Deus; por isso os filhos do Bispo não podem ser tratados como escravos.

---

(28) — Cf. JORNAL DO RECIFE de 23 de Maio de 1924 — Cf. REIS — *O Bispo de Olinda — Oração pronunciada na Igreja Catedral* — Pag. 391.

Não obstante detestar o fausto, sabia receber a todos com fidalguia. A sala do trono e os salões de recepção eram suntuosos, e decorados com arte e bom gosto. O Bispo de Olinda, chefe espiritual de quatro grandes províncias e membro do Conselho Privado do Imperador, era obrigado a manifestar oficialmente o esplendor da sua dignidade. Mas Frei Vital, Frade Menor Capuchinho, queria permanecer discípulo do *poverello* de Assis ao menos nos seus aposentos; e a pretexto de ser anti-higiênico, num clima quente, como o nosso, dispensou o colchão, dormindo numa simples esteira.

Dormia apenas algumas horas e era visto, alta noite, prostado em oração e profunda meditação, de joelhos, na capela do Palácio. Trazia continuamente um cilício e um cinto de ferro, e, quando não estava doente, não deixava o costume da disciplina três vezes por semana, seguindo o mais possivel sua Regra Capuchinha.

As portas do seu palácio estavam sempre abertas de par em par a todos, ricos e pobres, que lhe desejassem falar.

Sua compreensão facil dava-lhe a solução de problemas ás vezes dificeis e complicados; e sua caridade sabia envolver uma recusa necessária com palavras e conselhos, que acalmavam qualquer descontente.

Sendo conhecidos seu fervor e grande piedade, muitos desejavam assistir á Missa que celebrava e de suas mãos receber a sagrada Comunhão.

Apesar de ser muito moço, tinha ares de dignidade, um porte majestoso, que inspirava simpatia e respeito até mesmo ás altas autoridades civis e militares. Sua modéstia e prudência, porém levaram-no a retrair-se com as senhoras, e nem mesmo com seculares mantinha sem grande necessidade muitas relações ou intimidades.

Para ele a amizade era uma coisa alta e perfeita, a poucos confiava-se.

Mas os poucos amigos acompanharam-no desde o começo até o fim da luta com invejavel fidelidade. Foram homens inteligentes e a amizade com D. Vital os preparou para bem merecer da sociedade e ilustrar a Igreja brasileira.

Entre eles citamos: Os tres Governadores de Olinda, P. José de Lima e Sá, D. Francisco do Rêgo Maia, D. João d'Esberard, o Emo. Card. Joaquim Arcoverde Cavalcanti, D. Jeronimo Tomé, D. Pedro M. de Lacerda, D. Antônio de Macedo Costa.

PRIMEIROS ATOS. — D. Frei Vital Maria, chegado ao Recife, não iniciou a luta contra a maçonaria. Até aos 21 de novembro nada fez e nada disse publicamente; ficou alheio a certos aconteci-

mentos, e para não espalhar o fogo lançado pelos jornais perversos, agiu secretamente. (29)

Não esteve, porém inativo; trabalhou muito para organizar a sua casa e a Diocese.

Para sua casa, simplicidade e ordem; poucos e bons empregados. Não podia manter muita gente, porque era pobre e tinha outra grande familia: os pobres, as igrejas, o Clero e o Seminário.

Para seus conselheiros na Camara Eclesiástica, chamou padres sábios e de confiança, escolhendo sempre os mais zelosos e obedientes. Procurou conciliar o interesse de todos, a todos dando o exemplo do trabalho e de uma vida pura, intemerata. A alegria e o bom humor animavam a todos para trabalharem de bôa vontade.

Reuniu todos os padres que moravam perto para conhecê-los, expôs os seus pensamentos, manifestou seus projetos para o bem da Diocese e das almas. Recebia sempre com muita cordialidade a todos os Padres e Vigários que vinham de longe e a qualquer hora, do dia e da noite, dava o necessario expediente. Exigia porém dos mesmos perfeita obediência e prontidão quando algo mandava para a bôa ordem, sem atender a que fossem Vigários, senhores de elevada posição social, ou parentes. Diante da Lei todos eram iguais, de to-

---

(29) — FR. VITAL — *Resumo historico da questão religiosa no Brasil* — Em DR. DOS REIS — Ob. cit. — Pags. 728 e segs. — D. MACEDO COSTA — Obr. cit.

dos exigia a observancia das leis eclesiásticas. A respeito contam-se anedótas mais ou menos verdadeiras que, entretanto, provam só que o Prelado era o cumpridor fiel do seu dever.

Sobre tudo pensava que um capitão não póde dirigir o navio sem oficiais e marujos corajosos e fieis, nem dar batalha sem soldados prontos para o sacrifício, isto é, sem padres sábios e piedosos.

O Seminário é o viveiro dos Padres. Tinha Olinda apenas o Seminário Maior. Mas precisava escolher meninos inocentes bem dispostos, dirigidos desde a infancia para o serviço do Senhor. "E' bôa coisa para o homem levar o jugo do Senhor desde sua adolescencia", sem ter contacto com toda a sorte de companheiros nas escolas públicas, onde a inocência encontra continuos perigos.

No Seminário Teológico fez algumas mudanças; nomeou lentes doutos e seguros pela fé e pela moral, afim de que os estudantes, espelhando-se nos mestres, se tornassem verdadeiros apóstolos daquela Religião, que os escolhia e preparava para o divino ministério. Ele mesmo ia duas e mais vezes, por semana, ao Seminário para dirigí-lo e verificar se tudo se cumpria fielmente.

Tudo isto participava elle ao Exmo. Internúncio e recomendava-lhe que o dinheiro oferecido pelo Governo servisse para o Seminário pequeno, acrescentando: "E' este o maior serviço que póde ele prestar á minha Diocese".

Mas o nosso Bispo tinha vistas largas e quís abranger tudo que pudesse auxiliá-lo, mostrando-se um precursor da ação católica.

Para esse fim fundou a *Associação Brasileira Ortodoxa* em que recrutou centenas de homens, em particular moços, prontos a lutar pela Fé, que D. Frei Vital ensinou a estudar, amar, defender.

Cuidou da bôa imprensa para opôr um dique á imprensa setária.

Já existia *O Catholico,* impresso na tipografia do Colegio Jesuita, o qual desaparecera aos 14 de maio de 1873 pelo empastelamento daquela tipografia.

Ele deu vida ao jornal *A União* redigido pelo Dr. José Soriano desde 7 de Agosto de 1872 até a libertação de D. Frei Vital. Este jornal e os moços que nele escreviam, fortes, corajosos, representaram um papel saliente nos debates da Questão Religiosa, explicando os atos do Prelado, refutando os erros dos setarios, publicando tudo quanto auxiliava a Religião, e as cartas pastorais do Prelado em particular. (30)

Além disso quando se tornava necessário espalhava folhetos e avisos que suprissem á sua pa-

---

(30) — *Anais da imprensa periódica pernambucana* — Recife — Tip. do "Jornal do Recife" — Pag. 343 — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 99-106. — D.MACEDO COSTA — Ob. cit. — Pags. 133-137.

lavra e á falta da imprensa quotidiana para defender a Religião.

O povo seguia o seu Bispo; grande multidão se reunia nos templos quando ele presidia ás sagradas funções, para ouvir a sua palavra; mostrando que o apreciava, amava e admirava. Era calmo, tão caridoso, no meio dos insultos da seita que a todos edificava.

Nem foi inferior o procedimento do Clero no seguir e apoiar o Prelado. Preso, desterrado, sacrifiado até materialmente, se mostrou ardoroso, inabalavel, na peleja, digno do grande defensor da fé! Os cuidados, as palvras, os exemplos do Mestre foram escola donde nasceram abundantes frutos. O Clero da imensa Diocesa escreveu uma pagina gloriosa nos anais da Igreja de Olinda.

Vendo satanaz, os grandes frutos que prometia o trabalho do santo Bispo, lançou o pomo da discordia com a Questão Religiosa, mas foi derrotado.

PARTE II

LANCES SUPREMOS

CAPITULO VIII - (1872 - 1875) — (31)

A Questão Religiosa

A questão religiosa do Brasil enquadra-se nas lutas que naquele decênio teve que sustentar a Igreja Católica em todo o mundo.

O século XIX, filho legítimo da revolução francesa, foi rico das palavras *liberdade, igualdade, fraternidade,* mas só para enganar os simples, destruir os tronos e abater a Igreja Católica.

Donos da imprensa, louvavam tudo que tinha aparências de ciência, máxime se apareciam em cena protestantes, judeus, ateus; calavam o heroísmo, a caridade, a ciência, a bondade do Clero e

---

(31) — Damos as notícias resumidas das revistas e jornais do tempo. Em particular citamo-las segundo os *Annali Francescani* de Milão (Itália) dos anos 1.º-8.º, que além de algumas correspondências proprias, publicavam as notícias certas e já conhecidas de outro jornais e revistas. — (Conf. tambem *Echo de Roma,* de Lisbôa, Vol. I-V.)

dos justos. Lançavam sempre boatos e mentiras contra tudo que se referia á Igreja.

A luta foi preparada com aparência de progresso e de instrução. Abriram-se escolas, academias, bibliotecas.

Com as credenciais de uma ciência que tudo quer explicar pela razão, atacavam os dogmas e misterios da Religião, fomentavam o cisma.

Auxiliando as festas religiosas, em particular em Portugal e no Brasil, penetraram nas igrejas, e nas irmandades.

Com a intromissão dos máus, afastaram-se os bons, que em breve deixaram de se aproximar dos Sacramentos, reduzindo-se as festas religiosas à musica, luminárias e foguetes.

Para enfraquecer a autoridade do Clero, acusavam-no de reacionário, ignorante, presunçoso, de querer a independencia e mandar com empafia como nos tempos de Gregório VII.

Nunca se viu o Papa abandonado pelos Reis e Príncipes como naquele decênio. Tambem os Príncipes católicos, imbuidos dessas falsas máximas, confiaram o governo a mações, permitiram perseguir a Igreja, com toda sorte de represálias, abolindo as imunidades eclesiásticas, e caluniando os Bispos, e os Padres corajosos.

A França déra início á batalha com a *Comuna de Paris*, mas se deteve horrorizada e desagravou seu erro, erigindo a basílica de Montmartre.

Na Alemanha a coligação maçônico-protestante-judaica chefiada por Von Bismark, ufano do novo império constituido, dirigia a política européia e quís então acabar com a Igreja Católica, publicando as leis de maio, chamadas, por ironia, do *Kulturkampf*, isto é, *leis de defesa da civilização*.

Alí foram encarcerados, processados, multados os Bispos de Paderbon, Breslau, Trevires, Hildesheim, Friburgo, Gnesna e Posen. Quem não foi preso, foi desterrado.

Foram condenados 2000 eclasiásticos entre padres, religiosos e monjes; 200 cidadãos e 133 jornalistas; 103 padres expulsos, 50 associações católicas dissolvidas, além das confiscações.

Em Trevires os soldados entraram na igreja, enquanto o Padre celebrava a santa Missa, feriram e mataram fieis, levando o Padre para a prisão, porque rezava Missa! Todos os dias invadiam as igrejas, cometiam horrendos sacrilégios.

A Suissa, logar de todas as liberdades, centro de todas as conjurações, legislava sobre os dogmas, fechava as igrejas ou as entregava aos velhos católicos que ela patrocinava. Impedia o exercicio da Religião, suspendeu D. Lachat, desterrou

D. Mermillod, proibiu festas, depôs 70 Vigários, condenando-os á multa ou á prisão por terem batizado ou ensinado o catecismo!

Em Constantinopla os armênios cismáticos bateram os fieis, e com armas tomaram-lhes as igrejas. O governo tudo viu e silenciou.

Na Austria se atormentavam os bispos e os padres e denunciou-se a concordata. Na Baviera, o Ministro opunha-se ao dogma da infalibilidade.

Na Bélgica o governo fechava as escolas católicas, e afligia Bispos e padres.

Em Portugal esforçavam-se por aplicar as leis de Pombal.

Na Espanha tiraram-se os bens eclesiasticos.

Na Inglaterra, Lord Gladstone publicou um livro cheio de acusações e calúnias atrozes contra os católicos e o Papa. A seita aplaudiu e declarou que era um desafio ao catolicismo, deante do que os fieis teriam de entregar as armas. Isto além da perseguição na Irlanda que continuava de pé.

A Rússia cismática, para arrancar á Polonia a sua fé, perseguia o Clero e os fieis, de mil maneiras. Ordenava ceremônias contra as ordens dos bispos, e proibia as de costume, missas, romarias, procissões, etc. Enviava *popes* (sacerdotes cismáticos) a pregar nas igrejas católicas, ensinar nas escolas e até nos Seminários. Entregava igrejas aos cismáticos, fechava-as para os católicos. Estes eram constrangidos com multas, cár-

cere ou desterro, a passar para o cisma, sendo punidos com horriveis penas quem se convertesse ao catolicismo. Foram levados para a Sibéria mais de 1200 padres, e mortos 200 mil gregos catolicos, além de Bispos e sacerdotes sem numero.

Que diremos da Itália, onde dominava com impudencia o anti-clericalismo dirigido por Bismark e pela maçonaria?

O governo suprimiu as ordens religiosas, fechou conventos, seminários e escolas dirigidas pelos religiosos; obrigou seminaristas e religiosos ao serviço militar; laicizou as confrarias, legados e obras pias. Permitiu toda sorte de demonstrações anti-religiosas e sacrilégios e proibiu as procissões, até mesmo a grandiosa procissão do *Corpo de Deus*.

Na própria Roma abriram-se templos protestantes, publicaram-se novos jornais anti-clericais e livros perversos, que todos os dias diziam blasfêmias e insultos contra a fé, a Igreja e o Papa.

Para quem protestasse, prisões e multas. Foram presos 30 bispos, 45 padres, tirados do ensino professores beneméritos, ameaçados estudantes católicos. Era mister cada um alistar-se na seita; a recusa importava reprovação nos exames... Numa palavra, parecia chegado para a Igreja seu último dia.

Não é, pois, de admirar que uma centelha desse grande incêndio passasse aquém do Atlantico. Já havia o exemplo dos Estados Unidos da Amé-

rica do Norte, do México, da Venezuela e do Equador onde mataram o Presidente Garcia Moreno.

Pois que a doutrina, o pensamento, a forma, os processos foram iguais, tudo nos diz que além e aquém do oceano foi a mesma mão da seita que, mais ou menos aliada ao protestantismo e ao judaismo, soube se dirigir para não perder o fruto dum século de estudos e de esforços. "Já se aprontam ao combate, que eles julgam ser o último", (32) embriagados com os bons êxitos obtidos.

Alguns iludidos, em bôa fé, diziam que a maçonaria do Brasil era diversa da da Europa. Mas um dos seus sequazes nos diz: "A maçonaria não é de país nenhum; não é francesa, ou americana... é una e universal; se ela perdesse esse caráter de unidade e de universalidade, deixaria de existir".

Mas ela é sociedade beneficente e patriótica! Um dos chefes declarou que seu fim não é a beneficência, mas aniquilar para sempre o catolicismo e até a idéia cristã. "Nada de dogmas, nada de jugo; nem tiranos, nem Messias". "E' dever do bom maçon conspirar sempre contra a Igreja Romana, servindo-se de todos os meios e de todos os acidentes."

Um católico, pois, que quer salvar a sua alma

---

(32) — *Annali Francescani* — Vol. V — Pags. 17-18, 184-190. — *Encíclica do Sumo Pontífice Pio IX*, de 21 de novembro de 1873.

não póde ser maçon. "Uma maçonaria cristã, escreve o manual dos mações, seria um circulo quadrado; ela está mais perto do paganismo e do satanismo." Alí o culto é dirigido a Satanaz que ás vezes presidia ás sessões; nem poderia ser mais satánico e horrendo o juramento, que fazem os altos adeptos, escrito com o seu sangue: "Guerra sem fim contra a Igreja, o Papado, os Reis". (33)

Seria incrivel que tantos Pontifices, desde Clemente XII (1712) até hoje, tenham condenado uma sociedade que fosse só beneficente e inócua, sem que houvesse tentativas e fatos criminosos, positivos e manifestos .

E' pena que se enganassem tantos homens ilustres, até mesmo Padres; mas Jesus Cristo já avisou que viria tempo em que tentariam enganar, se fosse possivel, tambem aos justos.

Os fieis sempre desconfiem dos que criticam os Padres, os Bispos e o Papa. Sempre olhem para a estrela do Vaticano; o Papa é infalivel e, como temos visto, a barquinha de Pedro navega,

---

(33) — Cf. Loja "Conciliação" de 17 de Agosto de 1867. — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. e Carta Pastoral da D. FR. VITAL — *A Maçonaria*, etc. — Pag. 408 em REIS. — Cf. GAUTRELET — *A Franco Maçonaria e a Revolução* — *Porto-Chardron* — 1873 — *Statuti Generali, etc., dei framassoni* — Roma — Tip. di Roma — 1874 — Pag. 243 — VOZ DO ORIENTE — *Manual Maçônico*.

sempre ameaçada, porém jamais ha de naufragar, porque as portas do inferno não prevalecerão.

As coisas humanas se mudam, acabam-se renovam-se e hoje podemos contar quantos reinos foram destruidos sob o maior ou menor influxo da maçonaria...

Limitando-nos ao Brasil, diremos com o ilustre Dr. Augusto Barbosa Lima: "Não ha, talvez, nos fastos do Imperio página mais feia do que esta escrita pelo genio mefistofélico da incredulidade, irritada e prepotente, a torturar dois principes da Igreja." (34) O merito dessa vitória deve-se principalmente ao pobre e inerme Capuchinho: o nosso D. Frei Vital.

---

(34) — *O Seculo XX* — N.° 6 — Fevereiro de 1906 — "*Os Grandes Brasileiros*".

CAPITULO IX

Origem da luta—Provocações — Conduta do Bispo

Uma festa maçonica no Rio de Janeiro, deu origem á luta no Brasil.

O Sr. José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, fôra escolhido Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda. Espirito vivaz, pratico, trabalhador, tinha sido Professor e Plenipotenciário, prestando á patria importantes serviços.

Ligou seu nome á famosa lei do *Ventre Livre*, lei que foi aprovada aos 28 de setembro de 1871, e que iniciava a abolição da escravatura.

Filiado á Maçonaria, teve naqueles dias o gráu supremo do Gr.: Or.: do *Lavradio* no Rio de Janeiro.

Em regosijo da dita lei (e mais porque o Gr.: Or.: fôra elevado a dirigir os destinos do Brasil) a maçonaria organizou uma festa para o dia 2 de março de 1872.

Grande foi o numero dos Irmãos e amigos

que compareceram. Falaram diversos oradores e entre eles o P. Almeida Martins. Este, esquecido dos seus sagrados deveres, pronunciou um discurso em perfeito estilo maçônico, que em seguida, publicado nos jornais e espalhado pelo Brasil, produziu um grande escandalo.

D. Pedro Maria de Lacerda, digníssimo Bispo do Rio de Janeiro, chamou o P. Almeida, lembrou-lhe a excomunhão do Sumo Pontífice e a gravidade da sua culpa e o exortou a que se afastasse duma sociedade inimiga da Igreja, e reparasse o escandalo que havia dado.

Debalde, porém! O infeliz Sacerdote, obstinado, recusou-se a qualquer reparação, de forma que o Bispo se viu constrangido a puni-lo com a suspensão das funções eclesiásticas.

Por este ato, mais que justo, as Lojas declararam-se ofendidas e a 16 de abril do mesmo ano realizaram uma assembléia geral, para tomar resoluções sobre o caso.

O próprio Presidente do governo presidiu á grande assembléia e propôs as seguintes medidas, que não eram de defesa, mas de ataque:

1.° — Iniciar pela imprensa uma intensa campanha contra os Bispos e a Igreja.

2.° — Convidar todos os mações dessidentes a se unirem.

3.º — Recolher fundos para as despesas da luta.

Supérfluo seria dizer que as propostas foram aprovadas com aplausos e sem discussão. Tambem os dissidentes do *Vale dos Beneditinos* responderam estar de perfeito acôrdo com as propostas e forma estabelecida.

E a campanha começou.

Fundaram-se novos jornais, orgãos declarados da maçonaria. Os principais foram: *A Família* no Rio de Janeiro; *Correio Paulistano* em São Paulo; *o Maçon* no Rio Grande do Sul; *O Pelicano* no Pará; *A Fraternidade* no Ceará; *A Luz* no Rio Grande do Norte; *O Labarum* em Alagôas; *A Família Universal* e a *Verdade* no Recife; etc.

A estes se juntaram outros tidos como honestos e independentes, no Rio e no Recife, e que tomaram partido pelo governo contra os Bispos. (35)

O governo, e, depois, o Sr. Barão de Penedo, perante a S. Sé, acusarâm D. Frei Vital de ter perturbado o Brasil, onde, entre o poder civil e o eclesiástico, havia ótima harmonia.

Mas as resoluções da maçonaria e todas as blasfêmias e heresias da imprensa nos dizem quem foi o provocador. Se até então houve bôa

---

(35) — D. VITAL — *Resumo histórico*. — FR. LUIZ; e *Bol. do Lavradio* 1.º a pags. 202-205.

harmonia foi porque o governo nunca tinha encorajado a imprensa malévola, nem aos setários prometido impunidade.

Eis as provocações principais:

1.º — Antes da chegada do Bispo ao Recife, a imprensa setária, procurou suscitar desconfiança contra o novo Bispo, como jesuita, ultramontano, homem perigoso e frade imbuido do espírito inquisitorial.

2.º — Se D. Frei Vital tivesse ainda alguma ilusão sobre a bôa fé dos mações bastaria a maneira com que receberam a sua primeira *Carta Pastoral*, que só falava de caridade, descobrindo na mesma que seus intentos não eram de paz mas de guerra.

3.º — Chegado a 22 de maio, no dia primeiro de junho *A Família Universal*, depois *A Verdade*, iniciava a sua publicação com o subtítulo "*orgão da maçonaria*".

Todas as semanas saiam colunas cheias de ataques ás coisas e verdades sagradas. O sarcasmo e as injúrias feriam de contínuo fieis e Pastor.

4.º — A 27 de junho os jornais anunciavam com estrondo que no dia 29, na igreja de S. Pedro, haveria uma missa em ação de graças pelo aniversário de uma *loja*. Uma ordem secretissima do Bispo impediu esse escandaloso sacrilégio.

5.º — A três de julho nova provocação, com o pedido de uma missa por alma de um maçon

falecido sem arrependimento, a que os Irmãos assistiriam com opa e tocha. Nenhum padre se prestou a esse sacrilégio!...

E' facil imaginar a raiva dos inimigos acostumados a ser obedecidos cegamente. Sentiram-se humilhados perante o público: usaram e abusaram da imprensa. E' impossivel relatar todos os insultos e heresias proferidos durante 5 mêses, mais enfurecidos ainda pelo prudente silêncio do Bispo.

6.º — No mês de agosto atacaram pessoalmente o Prelado com insultos e calúnias nefandas. A tudo isto D. Frei Vital nada respondeu.

7.º — Afinal *A Verdade* nos dias 22, 23, 24, 25 e 26 de outubro publicou uma série de artigos contra a Sma. Eucaristia, a Virgindade Perpétua, a Maternidade Divina e a Imaculada Conceição de Maria SSma.

8.º — E para maior desprezo foi nomeado Presidente da Irmandade da Soledade, a dois passos do Palácio do Bispo, o autor desses artigos, e das calúnias contra o Bispo. Era de mais.

Levantou-se um clamor em toda a Cidade. Os mações honestos ficaram horrorizados; e todos esperavam que o Bispo saisse do silêncio.

CONDUTA DO BISPO. — Não aparecendo os protestos do Prelado, já murmuravam que era ma-

ção ou um mercenário que se arreceiava de cumprir os seus deveres.

D. Frei Vital sabia que a luta não acabaria com um protesto; antes que este seria o inicio da luta. Sobretudo não queria que o acusassem de apressado e imprudente.

Mas um bom cristão e muito menos um verdadeiro filho de S. Francisco de Assis, não podia calar diante das ofensas e blasfêmias contra a SSma. Mãe de Deus.

A 21 de novembro, festa da Apresentação de Nossa Senhora, o Prelado publicou um forte protesto, sem ofender a ninguem, antes compadecendo-se dos infelizes hereges, e ordenou desagravos, e, em nome da SSma. Virgem, respondeu aos desafios, aceitando a luta. Começou, continuará: o Ministro de Deus não sabe recuar.

Escreveu:

> "A todos vós, é bem patente e conhecido, Irmãos muito amados, que em algumas Províncias do Império, tem surgido (do íntimo d'alma o deploramos), uma imprensa inteiramente ímpia, assalariada pela seita tenebrosa... Essa imprensa sacrílega e herética não se cansa de mover guerra sem treguas á bela e santa Religião que nos legaram os nosso antepassados .. Infelizmente foi a nossa cara Diocese um dos pontos assinalados na escolha da seita perversa, para um dos centros da sua propaganda anti-católica.

Com pungente dor e amargura de nosso coração vimos, logo nos primeiros dias do nosso Episcopado a semente da doutrina de morte ser lançada no meio da formosa vinha, que o Pai de família havia confiado á nossa guarda e vigilancia.

Mas, oh! bem longe estavamos nós de supor que homens alimentados com o leite dessa mesma Religião, nascidos no seio de um povo eminentemente religioso, e que se dizem católicos, ousassem ferir e ultrajar o que no católicismo ha de mais doce, mais suave, mais consolador e sobre tudo caro a todo o coração católico: *a Santíssima e Imaculada Virgem Maria,* nossa terna Mãe do Ceo! Chegaram ao ponto, diletíssimos Irmãos, de negar á nossa Mãe SSma. uma das prerogativas que é o mais precioso brilhante de sua corôa de glória; negaram a sua virgindade perpétua!!!

Quem diria que na católica cidade do Recife... uma folha houvesse tão ímpia, a ponto de atrever-se a estampar em suas colunas tamanhas injúrias e tão horriveis insultos á Filha do Padre Eterno, á Mãe do Filho Divino, á Esposa do Espírito Santo, o Templo da Trindade Beatíssima.

Entretanto é isso um fato incontestavel. Veja o nosso bom e católico povo pernambucano, a que medonhos abismos pretendem arrastá-lo aquelès que gratuitamente se constituem defensores dos seus direitos.

Em face desse derramamento de doutrinas pestilentas, não podemos conservar-nos quedos e mudos. Semelhante procedimento tornar-nos-ia réo de traição á missão augusta e divina de que fomos encarregados."

Exorta a todos para que levantem a voz e protestem energicamente contra os insultos atirados á face da SSma. Virgem, contra as injúrias e ultrages incessantemente irrogados pela imprensa impia á Igreja Católica e ao seu Augusto Chefe.

"A' medida, porém, que profligardes com firmeza sacerdotal as falsas doutrinas, não vos esqueçais de caridosamente recomendar ás instantes orações dos vossos paroquianos os pobres infelizes que as pregam menos por malícia que por ignorancia. Coitados! São dignos de toda a nossa comiseração!" (36)

Convida a orar, e prescreve a forma de desagravo e das ceremônias que haviam de realizar-se com a maior solenidade em todas as igrejas e capelas da Diocese.

---

(36) — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. V. — D. FR. VITAL — *Circular dirigida ao Clero,* exortando-o a que profligue os erros da imprensa ímpia. — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pags. 387-400.

Clero e fieis responderam pressurosos ao apelo do Bispo. Com o número e a piedade ardente e significativa mostraram a sua íntima união de vistas com o Prelado. Realizaram-se as funções na maior calma e ordem, mas com todo o esplendor religioso. Alguns irmãos mações misturados aos fieis, puderam notar o entusiasmo do povo, o ardor dos oradores a favor de Maria SSma. Mas não ouviram nenhuma palavra de insulto aos escritores de *A Verdade*. O Clero cumpria a ordem: "destruir os erros, amar as pessôas".

A 27 de novembro, aniversário de D. Frei Vital, o Cabido, o Clero e os fieis apresentaram-lhe parabens e os protestos de respeito e de fidelidade. Ele aproveitou o solene ensejo para falar aos fieis, que enchiam a Catedral.

"Liberdade! palavra celeste descida do seio do Eterno Pae; liberdade, palavra sublime, palavra de inefavel doçura, á qual nenhum coração resiste; palavra misteriosa que faz tremer os soberanos da terra, leva a esperança ao pobre na sua choupana; palavra que faz rejubilar tanto o cidadão civilizado como o índio na floresta selvagem, imensa...

"Mas aqui não é mais de alegria, tornou-se uma palavra tenebrosa, cujo sentido foi alterado, de nenhuma palavra tanto se abusou.

"Só o catolicismo garante a verdadeira liberdade, só ele dá a verdadeira significação e frutos

x No dia de Natal

saborosos... A liberdade não é licença; a liberdade sem limites não é progresso, é o trabalho de um cadaver em decomposição!"...

D. Frei Vital mostra os efeitos nefastos duma liberdade escrava das paixões, inimiga da legitima autoridade. Lembra que a revolução francesa e a Comuna de Paris ensanguentaram a Cidade e toda a França; que o Arcebispo, o General, os magistrados e os padres foram passados pelas armas! Porque? Porque uma imprensa ímpia, obediente ás lojas maçônicas, neles mostrou os inimigos da liberdade, cujo monopólio pretendiam os revolucionários.

Com acento de dor acrescentou: "...Se amanhã a loucura de uma liberdade sem freio se apoderar dos espiritos, as nossas cidades, nossas campinas, até mesmo as choupanas tornar-se-iam teatro de lutas intestinas. Os direitos mais sagrados seriam destruidos, vereis vossos irmãos, vossas filhas, vossas esposas envolvidas na guerra civil, em risco de perderem a honra e a vida. Nós mesmos não seríamos poupados; póde acontecer até que nos seja proibido tambem orar ao Deus dos nossos pais."

"Mas se esta suposição se houvesse de realizar, não perderíamos por isso a coragem, saberíamos lutar, mas com a condição de nos convencermos dos ensinos da Igreja sobre a verdadeira liberdade. Persuadí-vos que somente o Filho de Deus feito homem é o nosso libertador; nele está

a nossa salvação. Por amor dele obedecei á autoridade terrena, e dái a Cesar o que é de Cesar; mas não vos esqueçais que não sois escravos de ninguem, e que a vossa obediência é devida antes de tudo a Deus. Séde sujeitos aos Pastores que a Igreja vos deu para dirigir-vos; fugi sobretudo dos semeadores do cisma e da falsa liberdade.

"Quero que ninguem seja surdo á minha voz; quero ser compreendido!"

Tão magnífico sermão, rico de expressões, ecoou no coração dos ouvintes e no de todos os que souberam e compreenderam a quem tocavam as últimas referências, que não podiam ser mais fortes, se bem que feitas com nobreza de expressão.

Sobretudo é de notar a hipótese da revolução, a queda do Império e a miseravel perseguição religiosa, que já sofreram os católicos na Rússia, no México, na Espanha. Coisas incriveis mas verdadeiras!!! D. J. Vital foi profeta!

Tambem era a primeira vez que o Prelado citava a maçonaria, indicando-a autora dos insultos á Religião e instigadora das revoluções.

Os redatores da *A Verdade* mostraram satisfação de ter feito saír o Bispo do silencio. Desafiando a forte homilia, disseram que esses avisos se aplicavam aos Padres e Cônegos filiados á seita, e publicaram todos os nomes. (37)

---

(37) — FR. LUIZ — Vida — Pag. 70 e todo o Cap. VI donde traduzimos o trecho maravilhoso.

D. Frei Vital já conhecia os Padres mações, mas, sem provas, não podia proceder. Agora aproveitou a denúncia e os chamou, cada um em particular, ao Palácio da Soledade. Com a eloquência de seu coração e a profunda doutrina mostrou a maldade da seita, o gravíssimo crime de a ela pertencer, as penas lançadas pelo Papa e os conjurou a abandoná-la, promettendo perdão, absolvição, auxílio.

E foi feliz. Pôde assegurar que todos, exceto dois, e não dos melhores, abjuraram e nos jornais católicos corajosamente declararam ter renunciado á seita. Foram bastante poucos minutos para afastar o Clero; o bom senso uniu mais estreitamente o Clero ao Prelado. (38)

A seita, se bem que visse desfeitos os seus planos pela prudência do Bispo, não desanimou. Em seguida publicou os nomes dos presidentes, secretários, tesoureiros das Irmandades que pertenciam ás *lojas*.

O Prelado agiu com eles da mesma forma como agira com os Padres e Cônegos, chamando-os á Soledade cada um por sua vez.

Aqui, porém, a coisa foi mais dificil. Duas Irmandades obedeceram, porque a maioria era

---

(38) — D. FR. VITAL — *Resumo histórico* — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. VII.

católica. A Irmandade do Terço pediu um ano para providenciar e o Bispo lho deu de bôa vontade, mostrando assim caridade, prudência e longanimidade.

As outras em que a maioria era da seita ou não responderam, ou responderam com zombarias e insultos.

D. Frei Vital não desanimou e pediu aos amigos e parentes deles, até ao Exmo. Presidente da Provincia, para que os induzissem a ir ter com ele á Soledade, afim de se entenderem.

Só depois, esgotados todos os recursos, o Prelado resolveu proceder.

Aos 28 de dezembro de 1872 envia o primeiro aviso canônico aos Revmos. Vigários pedindo que admoestem e induzam os irmãos mações a abjurarem ou se demitirem.

As Irmandades responderam que não podiam expulsar ninguem.

Aos 9 de janeiro seguinte enviou um segundo aviso ao Revmo. Vigário de Santo Antônio, conjurando-o a usar todos os meios para levar ao bom caminho os extraviados.

O dignissimo Vigario repetiu tambem o conselho, pedindo que fossem ao Palacio; mas nada aproveitou áquela gente.

Não havendo resposta, aos 13 do mês mandou o terceiro aviso, declarando que se no prazo de quatro dias não respondessem, veria nisso uma desobediência ás suas ordens.

Apesar dessa ameaça a Mesa regedora de Santo Antônio respondeu somente aos 19 com altivez e aplicando sacrilegamente as palavras do Santo Evangelho, disse, em resumo, que não mudava de convicção, porque "o contrario, (isto é, a obediência) era hipocrisia prejudicial á sociedade e condenado por nosso Pai e Creador Jesus Cristo". (39)

Após essa resposta era inutil esperar mais; poucas horas depois D. Frei Vital lançou o interdito sobre as Capelas das Irmandades de Santo Antônio e do Espírito Santo, declarando que somente era na parte espiritual, e que o interdito cessaria logo que a Irmandade obedecesse.

Os confrades mações furiosos fizeram mascaradas sacrilegas, invadiram igrejas, rezaram ofícios sem o Clero, promoveram motins. Porque os Vigários não se prestaram ás suas exigências, fecharam as matrizes, tiraram as chaves dos arquivos, dos paramentos e vasos sagrados e até do Sacrário, forçando os Vigários á não renovarem, por tempo notavel, a Sagrada Reserva. (40)

---

(39) — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pags. 85-91 e 400-425.

(40) — Até os protestantes do Rio de Janeiro no jornal *Imprensa Evangélica*, e de New-York no *Novo Mundo* davam justamente razão aos Bispos contra os mações que repeliam a Igreja e queriam gozar dos bens da mesma. Veja D. MACEDO COSTA — Ob. cit. — Pag. 75 e 124 em nota. FREI LUIZ, *Vida*, pag. 85.

O Prelado autorizou os Vigários a buscarem os Sacramentos em qualquer igreja não interdita para os doentes.

Muitos porém, em bôa fé, consideravam inocente a maçonaria; era mister instruí-los e D. Frei Vital aos 2 de fevereiro publicou a *Carta Pastoral contra as ciladas da maçonaria*.

Com abundancia de documentos mostra que ela foi condenada pelos Papas; que a maçonaria brasileira é a mesma da Europa e que a intenção dela é a destruição de todas as religiões, sobretudo da Religião Católica. Enfim confronta a teoria do *exequatur* e do *placet*, que nas folhas maçônicas se invocava para se subtrair ás penas lançadas contra elas.

Conclúe, proibindo a leitura do jornal maçônico *A Verdade*, declara excomungados os filiados que não abjurarem, recomendando ao Clero que, explique o Evangelho aos fieis, e ensine o catecismo e bem assim mandando que na Missa se reze a coleta do Espírito Santo afim de que a todos ilumine e se convertam os inimigos da Fé.

Era a primeira vez que no Brasil um Bispo bradava contra a seita, arrancando-lhe todos os véus com que se mascarava. Poderia imaginar D. Fr. Vital que os grandes adeptos e o Presidente do governo lhe perdoariam essa coragem?

APROVAÇÕES. — Todos os homens da parte sã de Pernambuco aprováram o Bispo.

O Revdmo. Cabido escrevia-lhe em nome de todo o Clero, três dias depois do interdito: "Se bem que a V. Exc. Revma. não falte uma grande fé, um exemplar fervor, uma constancia heroica, assim como uma paciência verdadeiramente evangélica repassada de caridade em desculpar os filhos discolos, esta corporação desejosa que o governo de V. Exc. Revma. em nada desmereça dos grandes Bispos que têm florescido na Igreja de Deus; admirando os esforços de V. Exc., pede-lhe permissão para dirigir-lhe palavras de animação no meio dos combates. Esforçai-vos, pois, oh! esclarecido Príncipe desta florescente Igreja: Obrai de tal maneira que os vossos súditos reconheçam em vós esse gênio de Crisóstomo, que, quando falava do alto da sua cadeira a uma cidade populosa, nele se via a luz celeste, se sentia essa grande unção que só Deus póde dar. Exmo. Snr., se os homens pertinazes em seus erros, empreenderem voltar ao século das perseguições, devem por uma vez convencer-se que não faltarão na Igreja santa fieis imitadores dos mártires".

E alguns dias depois com o protesto solene desmentiram o orgão maçônico que afirmava ser a maior parte do Clero adepta da maçonaria.

O *Povo,* que tem em grande estimação a autoridade que cumpre com energia o seu dever, rodeava o Prelado das mais estrondosas provas de afeto filial e admiração. Na efervescência da luta

o Prelado passeava, presidindo ás festas e funções, recebendo sempre sinais de cortesia e veneração.

Ao sair das igrejas a multidão, alvoroçada de júbilo, precipitava-se a beijar-lhe o anel. "A alma do nobre povo Pernambucano vibrava com a do heroico Bispo, digno filho deste torrão." E a voz do povo é a voz de Deus.

D. Fr. Vital o fez notar ao Exmo. Internúncio quando este queria fazê-lo recuar. "Não imagine que o Bispo esteja desanimado. Felizmente tenho por mim um grande partido composto da melhor gente, tanto na capital como fóra dela Todos os dias me chegam atos de adesão de leigos com milhares de assinaturas: saio todos os dias... Todos me cumprimentam. Sem força moral ficaria eu, se agora cedesse!"

A' voz de Deus fazia còro a Magistratura.

De fato, o Exmo. Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, Juiz de direito, que então *era da provedoria* de capelas e residuos, a 14 de fevereiro, expediu intimação ás Irmandades para que exibissem a razão da sua revolta e por sentenças de 17 e 22 do mesmo mês apoiava a sentença do Bispo com sua ação civil.

"Então nenhum homem sério julgava que o Bispo tivesse cometido um erro e menos um crime contra o Império. A magistratura veiu dar

força ao direito do Prelado no desempenho do seu sagrado dever".

O próprio Presidente da Província Sr. Barão Henrique Pereira de Lucena, se bem que, como maçon, guardasse uma posição neutra, entre a Igreja e a loja, fazia as mais honrosas referências ao nosso D. Frei Vital.

De fato, quando dos acontecimentos de 14 de maio, o Sr. Presidente escrevia ao governo, atribuindo a responsabilidade dos desacatos "*ao partido que se diz liberal...*" e, descritos os horrores daquele dia, acrescentava que o Bispo "*soube portar-se em tão críticas emergências com um heroismo que somente podem dar a virtude e a consciência do dever.*"

"Outrosim, escrevia ainda, deve tambem concorrer muito para a manutenção dessa tranquilidade, paz e arrefecimento das paixões a *prudência, cordura e unção evangélica* com que o Exmo. Diocesano se dirigiu aos fieis em sua eloquente Pastoral de hontem, *bem como o retraimento da maçonaria...*"

Não contente com isto, o Exmo. Sr. Presidente dirigiu uma carta particular ao Prelado, agradecendo-lhe o serviço relevante que prestara á ordem publica com a publicação da Pastoral, "que, dizia-lhe, o elevava á altura dos maiores Bispos da Igreja".

Ao Sr. Presidente fez eco a Assembléia Provincial, que mandou uma comissão para congratularse com o Bispo pelo seu heroico procedimento naquele dia nefasto.

Mas as aprovações e louvores vieram tambem de todo o Brasil.

O Episcopado brasileiro, todo inteiro, aderiu aos atos de vigor apostólico praticados pelo heroico Prelado pernambucano.

D. Pedro M. de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, na sua *Reclamação*... contra a Consulta do Conselho do Estado nota que todos os Exmos. Bispos do Brasil escreveram contra a maçonaria, como ele próprio tinha dado o exemplo, suspendendo o Revmo. P. Martins. (41)

Confirma isto D. Antônio Macedo Costa, dizendo que as adesões choviam de toda parte; cita os Exmos . Arcebispo Primaz, os Bispos do Ceará,

---

(41) — D. PEDRO M. DE LACERDA — *Reclamação* — Pag. 13-16. Essa reclamação mostra o ótimo espírito do Sr. Bispo do Rio de Janeiro; e a união do Clero e dos Bispos Brasileiros nesta questão. Se depois cessou a harmonia e a atividade, ficando sozinhos os de Olinda e do Pará, isto proveiu das intrigas da Missão Penedo em Roma, exageradas no Rio, pelo lastimoso incidente da Carta Antonelli. — Cf. D. MACEDO COSTA — Ob. cit. — Pags. 109-112 e 152.

de Diamantina, de S. Paulo, de Mariana, do Rio G. do Sul, de Goiaz e do Pará.

A esses aplausos uniu-se tambem a aprovação do Sr. Internúncio, que pediu um relatório de tudo que tinha feito o Bispo de Olinda.

Foi pois gratuita a acusação do Sr. Barão de Penedo afirmando que D. Frei Vital fez tudo de sua cabeça sem informar o representante do Papa.

Faltava só a aprovação do governo; mas ele estava comprometido com a seita, nem talvez pensasse quão longa e danosa para todos seria a luta. (42)

---

(42) — Idem, ibidem — Pag. 112 em nota.

CAPITULO X

Uma lição de franqueza

Não se póde imaginar o susto que produziu no Rio de Janeiro a noticia do interdito lançado no Recife por D. Frei Vital sobre as irmandades.

O governo reuniu o Conselho do Estado... e a elas aconselhou que interpusessem recurso á Corôa.

Publicada a Carta Pastoral contra a maçonaria, realizou-se outra sessão do governo e do Conselho do Estado. Não sabemos que resoluções tomaram; pensamos que foi a de processar o Bispo.

Mas fosse amizade, ou fosse tentativa para ver se D. Frei Vital recuava, o certo é que o Sr. Ministro do Império, compatriota do Bispo, encarregou-se de lhe escrever uma carta confidencial.

Dessa carta se pode julgar a mentalidade de muitas pessôas honestas mas ingênuas que pretendiam conciliar Jesus Cristo com Belial.

O Exmo. Sr. Cons. João Alfredo, pede desculpa de lhe falar com franqueza e como amigo.

Exmo. e Revmo. Snr. Bispo.

Permita V. Exc., Revma. que eu lhe fale com a franqueza que nos devemos como amigos e que as circunstancias exigem.

Estou muito inquieto com a questão maçonica, e infelizmente vêjo que a ação do tempo não a tem modificado. Receio que as manifestações de resistencia á resolução que V. Exc. Revma. tomou, prosigam e perturbem a ordem pública n'essa província. Receio tambem que V. Exc. Revma. seja levado pela coerencia a estender a todas as irmandades a providencia que já deu a respeito de muitas, e quando isto acontecer, Deus sabe o que será.

Prevejo que V. Exc. Revma. terá contra si quasi toda a população do Recife, animada pelas adesões que vão chegando de outras províncias.

Respeito os motivos de conciência que V. Revma. tem para praticar os atos que têm levantado tantos clamores, e tenho o mais firme desejo de não me achar em desacôrdo com V. Revma. em providências que me sejam pedidas e que eu deva dar, *mas a minha posição é dificilima desde que segundo o nosso direito não podem ter execução no império as bulas que não estão placitadas.*

Tenho ouvido a opinião de pessôas insuspeitas, de Bispos e de Sacerdotes respeitaveis: eles reconhecem que V. Exc. Revma. ESTA' NA RE-

GRA CANÔNICA, mas entendem que podia ser diferente a aplicação e até dispensada.

Os jornais têm publicado que eu sou maçon, e não dizem a verdade, porque fui iniciado, sim, ha quinze anos, mas compareci somente a três ou quatro sessões, e logo depois fiz, quanto me pareceu suficiente para tranquilizar a minha conciência de católico. Não sou portanto, suspeito quando penso, como quasi todos pensam, que a maçonaria entre nós é inocente e até benefica a certos respeitos.

Ora, sociedades que estão neste caso, e que de fato contam em seu gremio as pessôas notaveis do país e mais influêntes, bem podem deixar de ser tratadas com rigor, que, sem proveito para a religião, traz perigos de desacatos e desordens. Essas sociedades existem em todas as nações católicas, toleradas pelo Estado, e deixadas em paz pelos Bispos apesar da proibição da Igreja.

A nossa Constituição permite todas as religiões com seu culto domestico ou particular. Organizam-se aqui sociedades compostas de estrangeiros para fins religiosos diferentes dos nossos com autorização do poder civil, e funcionam livremente.

Quando isto acontece, não sei como poderia o governo proibir as sociedades maçonicas, que se compõem de católicos que não têm fins contrários á religião do império, e, que, dado que os tivessem, trabalham a portas fechadas.

O que V. Exc. Revma. diz a respeito das irmandades é em parte exato, mas desde que compete ao poder civil legislar a respeito de sua organização, e elas regem-se por compromissos em que intervém os dois poderes, temporal e espiritual, duvidam quasi todas as pessôas que tenho consultado, e negam muitas que seja legitimo o ato de V. Exc. Revma. mandando eliminar os membros mações.

Ainda não ha resolução tomada pelo Governo Imperial; eu tenho evitado tomá-la em respeito a V. Exc. Revma. pela muita consideração que me merece e que eu devo á autoridade eclesiástica; mas não sei até quando poderei esquivar-me da INTERVENÇÃO QUE E' SOLICITADA, E QUE OS FATOS PODEM TORNAR URGENTE E INDISPENSAVEL.

N'estas circumstancias, e cheio de verdadeira aflição, venho rogar a V. Exc. Revma. que cogite meios de nada adiantar na questão e de moderar a oposição, até que pelo tempo, pela reflexão ou por meio de providências mais oportunas cesse para o Governo a obrigação de conjurar os perigos de ordem pública, e se ofereça á V. Exc. Revma. ocasião de conseguir de suas ovelhas pacificamente, pela autoridade moral da Igreja, que lhe aceitem os conselhos e determinações. O tempo é grande remedio, e o que em certas ocasiões e circunstancias levanta resistencia e clamores gerais,

em outras faz-se com grande facilidade, com um só ato, com uma só palavra.

Falo a V. Exc. Revma. como filho obediente, como amigo dedicado; creia nos meus mais puros sentimentos; é levado por eles que eu lhe endereço a suplica constante d'esta carta, e confio sua eficacia da prudência e do patriotismo de V. Exc. Revma.

Sou com o maior respeito de V. Exc. Revma. amigo fiel e obediente criado.

João Alfredo Corrêa de Oliveira.

D. Frei Vital respondeu com uma carta digna de um Atanásio e de um Gregório Nazianzeno.

"*Recife, 27 de fevereiro de* 1873.

Exmo. Snr. Conselheiro.

"*Apresso-me a responder a carta de V. Exc. datada de* 15 *do corrente.*

"*Agradecendo do íntimo d'alma a franqueza e delicadeza com que V. Excia. se dignou de escrever-me, peço licença a V. Excia. para apresentar-lhe, com igual lhaneza e abertura de coração, algumas breves reflexões, mais no intuito de fazer patentes a V. Excia. os meus sentimentos, que de advogar a causa própria.*

"Nunca me restou dúvida acerca dos embaraços e sérias dificuldades em que ia a questão maçônica colocar a V. Excia.

"Compreendi-os e medi-os, desde que atendi para a circunstancia de, sendo V. Excia. católico, fazer parte de um Ministério cujo Presidente é Grão-Mestre de uma das frações maçônicas do Império.

De antemão senti profunda e vivamente as aflições que V. Excia. ia experimentar. Mas que fazer diante do dever?

"Desde que aqui cheguei, Exmo. Snr., a maçonaria me ofereceu um dilema terrivel: ou aceitar a luta, cumprindo os deveres de Bispo Católico, ou passar por imprudente, precipitado e temerário, o que é muito consentaneo com a minha idade; ou então fechar os olhos a tudo, transigir com a conciência e resignar-me a ser um Bispo negligente, pusilanime e culpado; (isto foi confessado pelos próprios mações).

"Eu tinha de admitir inevitavelmente um dos dois principios, e daí fazer dimanar todo o meu Episcopado.

Enquanto me foi possivel, sem culpabilidade perante Deus, declinei de pronunciar-me. Mas afinal, vi-me na dura necessidade de escolher e não hesitei em optar, como era dever, pela primeira parte do dilema.

"Quando mesmo já fosse eu um Bispo oto-

genário, tendo apenas alguns dias de vida, não trairia os deveres da minha missão; quanto mais tendo ainda talvez uma longa peregrinação a fazer.

"Que terrivel perspectiva, Exmo. Snr.,: um longo Episcopado inglório e criminoso perante Deus, se bem que glorioso aos olhos dos homens pela condescendência e frouxidão!

"Demais estou certo que V. Exc., referendando o decreto de minha nomeação, persuadiu-se de que o eleito seria um Bispo Católico e cumpridor de seus deveres, sem o que, por certo, não o teria feito.

"Se a maçonaria se tivesse contentado de trabalhar em suas lojas, de portas fechadas, como diz V. Exc., nada teria havido. Mas para provocar o Prelado diocesano, ela criou um periódico; começou a atacar, insultar e negar os dogmas de nossa Santa Religião. como provo em minha Pastoral de 2 de Fevereiro com documentos irrefragaveis; mostrou-se enfim de viseira alçada, publicando o nome de seus adeptos, tomando contas á Igreja, e formando no seio das irmandades mezas á maçônica.

"Não fui perturbar os mações em suas oficicinas, Exmo. Snr., não saí do recinto da Igreja da qual sou chefe. Não questiono diretamente com os mações, porém sim com as irmandades.

"Não pretendo exterminar a maçonaria; in-

felizmente nem os próprios monarcas já hoje o podem; só Deus. Desejo tão somente que as irmandades realizem o fim para que foram criadas.

"Entretanto parece-me que a maçonaria devia ser um pouco mais consequente. Já que ela não reconhece a autoridade da Igreja, brade muito embora contra a Igreja, mas abandone-a deixe-a a aqueles que se prezam de filhos obedientes.

"E' verdade, Exmo. Snr., que as irmandades se regem por compromissos aprovados pelos dois poderes, temporal e espiritual; porém o que lhes confere o caráter religioso é tão somente a sanção deste, sem a qual, como todos bem sabem, não são elas mais que sociedades meramente civis. E desculpe-me V. Exc. a franqueza de dizer-lhe que, na parte religiosa, o poder temporal não é juiz competente.

"Peço licença a V. Exc. para não dizer cousa alguma acerca da opinião dos Bispos e Sacerdotes, que julgam dispensavel a aplicação das Bulas, condenando a maçonaria.

"Apesar da negação do beneplácito, a maçonaria entre nós está condenada por muitas razões que de outra ocasião poderei citar, se V. Exc. assim julgar conveniente. Por ora limito-me a dizer a V. Exc. que na Alocução de 25 de Setembro de 1865, o S. S. Padre declarou formalmente condenada a maçonaria até mesmo nos países em que

é tolerada pelo poder secular. E isto basta para o Católico.

"A maçonaria, Exmo. Snr., tem movido céo e terra, tem feito protestos e apelações, tem finalmente envidado todos os meios para desautorar-me. Eu pelo contrário, conquanto tenha recebido muitos atos de adesão, com milhares de assinaturas de leigos, e tenha a melhor gente desta cidade a meu favor confiado na justiça da causa que defendo, e nos sentimentos religiosos de V. Exc., até o presente me hei conservado em silêncio.

"Mas já vou conhecendo que este meu silêncio é prejudicial á causa da Igreja.

"A carta de V. Exc. me deixa entrever, a menos que eu não a tenha compreendido devidamente, que, se eu continuar na resolução tomada, talvez a decisão do Governo Imperial me seja desfavoravel.

"Muito me custa crer, Exmo. Snr., que o mesmo punho que ha tão pouco tempo assinou o decreto de minha nomeação, lavre agora a sentença de minha desautorização.

"Todavia se tal acontecer, rogo encarecidamente a V. Exc. como bom amigo, lavre antes o meu decreto de prisão e de ostracismo, porque o apoio prestado á maçonaria pelo Governo Imperial, não me fazendo de modo algum ceder, dará infalivelmente ocasião a conflitos lamentaveis.

"Compreenda V. Exc. que esta questão é de vida ou de morte para a Igreja Brasileira; cumpre-nos antes arcar com os maiores sacrifícios, que afrouxar. Procederei sempre com muita calma, prudência e vagar; porém ceder, ou não ir avante, é impossivel. Não vejo meio termo.

"Se V. Exc. prevê que não póde apoiar-me, e que a minha resistencia vai dar lugar a cenas tristes, conjuremos a tempestade enquanto é tempo. E para isso só conheço um meio: peça o Governo Imperial á Santa Sé que me mande para o meu convento quanto antes.

"Porém esta medida pouco adianta ao governo.

"Se eu fosse político, ou de mais idade, diria que sérias perturbações da ordem pública estão iminentes em quasi todo o Brasil, e são inevitaveis apesar da maior prudência; a causa reservo-me para dizê-lo a V. Exc. pessoalmente, quando tiver ensejo.

"Peço a V. Exc. que não se admire de minha excessiva franqueza. Na ocasião presente não escrevo ao Exmo. Snr. Ministro do Império; escrevo confidencialmente a um amigo, e a um amigo diz-se a verdade inteira, sem rebuço. Em questão destè alcance e magnitude, toda a franqueza entre amigos não é demais.

"Não desanimo; pelo contrário muito espero da amizade e dos sentimentos religiosos de V. Exc. depois do auxílio divino.

"Creia V. Exc. na sincera amizade e inteira dedicação, de quem é

"De V. Exc.

D. FREI VITAL, Bispo de Olinda." (43)

Nesta carta está magnificamente delineado o caracter de D. Vital. Doçura e força, desapego de tudo e sacrificio completo ao dever. E' o soldado que sabe que vai ser esmagado, e fica em seu posto, imovel, imperturbavel, porque assim o exige a honra. Era o *homem de espanto,* o verdadeiro Atanasio brasileiro. (44)

---

(43) — Idem, ibidem — Pags. 93-99. D. MACEDO COSTA: Ob. cit. p. 119-127.

(44) — A D. Frei Vital fazia côro a palavra de D. Antonio de Macedo Costa. O corajoso Prelado, escrevia que jamais o governo imperial, até então havia bradado contra a liberdade dos Bispos. Ele proprio já escrevera a S. Majestade, e ao Sr. Presidente do Conselho, publicara um opúsculo contra o recurso á Corôa e o governo nada disse, ao contrário continuou a dar-lhe provas de consideração, publicando o opúsculo no *Jornal Oficial.*

"Mas agora? Por ter repetido em oficio ao Sr. Presidente do Pará que não reconhecia a lei do recurso á Corôa, todo o governo se abala, abala-se o Conselho do Estado, abalam-se os Senadores do Império e todos cla-

main e clama toda a imprensa de uma a outra extremidade do Brasil: "Eis a luz que enfim se faz! Nesse ofício do Bispo do Pará e no do Bispo de Pernambuco têmos a prova irrefragavel de que os Bispos, depois do *Syllabus*, estão feitos instrumentos da Curia Romana, para hostilizarem o seu país, estão conluiados e resolvidos a acabar com a Constituição, a arruinar as leis do império, e a venderem a sua pátria a um governo estrangeiro! São revoltados, são rebeldes, não conhecem o governo civil,só reconhecem o poder do Papa!

"Caia pois sobre eles, e já, todo o rigor de nossas leis! Vinte anos de prisão com trabalho, exclama o liberal Senador Visconde de Souza Franco! Correição! casa de correção! vocifera o liberalíssimo deputado Silveira Martins.

"*Nos legem habemus! tolle! tolle! Crucifige eos!*

"E esse pretendido crime não é se quer um pecado venial, se quer ligeira imperfeição, diante de Deus! — Parece-me sonhar!...

"Mas para que dissimular? Não é este o verdadeiro crime dos Bispos. O verdadeiro crime foi condenarem a maçonaria. E' este e nenhum mais!!!" — *Carta ao Exmo. Senador Ambrosino Leitão da Cunha. Recife,* Tip. Universal 1873.

CAPITULO XI

Recurso á Corôa - Aviso - Resposta de D. Vital

Conforme o conselho do governo, a Irmandade de Santo Antonio, a 10 de fevereiro, interpôs o recurso á Corôa.

O Codigo brasileiro exige: 1.º) que o recurso seja feito dentro de dez dias do agravo; 2.º) que o recurso seja assinado por um advogado do Conselho do Estado; 3.º) que fóra dos crimes comuns, nas causas dos Bispos se recorra ao Metropolitano ou ao Sumo Pontífice. Era pois nulo o recurso.

Mas o governo não se preocupou com isso e o deu a três mações para que examinssem o defendessem. Eles o estudaram três mêses e no fim de maio apresentaram o relatório.

Com urgencia foi reunido todo o Conselho do Estado a 2 de junho na presença do Imperador, discutindo-se até alta noite.

E' interessante o resumo dos pareceres.

Dum lado os Srs. Conselheiros obsequiosos ao governo e defensores do estado leigo, não querem desgostar o governo; portanto em geral admitem que o governo póde processar o sr. Bispo de Olinda. Mas doutro lado não concordam nem sobre a

lei onde fundar o processo, nem que pena aplicar, porque as leis e decretos não falam de penas.

Todos, porém, concordaram que se devia *andar com prudência e circunspecção, na esperança* de não chegar ao extremo sempre perigoso. (45)

O parecer do Conselho do Estado não obrigava, e teve de remeter-se á deliberação de S. M. o Imperador.

D. PEDRO II, filho de D. Pedro I, subiu ao trono do Brasil aos 15 anos (1840). Na minoridade, pela abdicação de seu pai (1831) houve uma regencia no império, e ele foi confiado á tutela de José Bonifácio, e de Padre Feijó.

Durante seu longo reinado, mostrou-se liberal, estudioso e amante de seu povo. Dominou as lutas civis do Maranhão, do Rio Grande do Sul, de Minas, de S. Paulo e de Pernambuco, com clemência e generosidade. Suprimiu o tráfego dos negros, construiu as primeiras estradas de ferro, fomentou a imigração e a instrução publica.

Saiu tambem vitorioso nas guerras contra a Argentina, o Uruguai e o Paraguai em que lutou quasi um decênio. Gozou de grande autoridade e

---

(45) — REIS — Ob. cit. — Pags. 134-185. — FR. LUIZ *Vida* — Pags. 138-151.

estima na Europa; foi três vezes arbitro em questões entre a Europa e a América; três vezes viajou á Europa, recebendo homenagens e aclamações pela sua sabedoria, pelo seu prestigio e pela nobreza de alma e de coração.

D. Pedro II, criado nos principios do regalismo e do liberalismo, não tinha alicerces profundos na Religião, como os tinha na política. Ele depois compreendeu seu erro, mas tarde! (46)

---

(46) — Ha pouco tempo lemos este traço da vida de D. Pedro II:

"O Imperador se achava já no leito de morte, e perguntou ao seu médico se tinha filhos.

— Pois não, Magestade, respondeu o doutor, tenho seis.

— Pois bem, doutor, quero dar-lhe um conselho, que é o de um moribundo com experiencia de longos anos. Faça educar seus filhos religiosamente. Eu, para minha infelicidade, passei a adolescência sem o influxo benéfico da religião, e tenho esta falta por muito grande e lamentavel em toda a minha vida.

Tenho procurado suprir de qualquer maneira esta falta, mas se a luz da religião, se o santo temor de Deus, não se inoculam desde cedo no tenro coração e na flexivel mente da criança, nunca mais haverá aquela vivacidade, firmeza, sinceridade, solicitude e energia, indispensaveis para que a fé exerça nas almas uma influência tão benéfica, que as enalteça e nobilite. — (*Squilla*, de São Paulo n.º de janeiro de 1935).

Esta a causa por que, na presente questão religiosa, não estava preparado e na resposta dos Bispos viu só falta de obediência, de respeito e de submissão á majestade do Imperador que devia ser absoluta em todos os casos, sem pensar que existe uma autoridade superior, a de Deus e da Igreja que o representa.

Joaquim Nabuco afirma que sem o apoio enérgico, e voluntarioso do Imperador, o Visconde do Rio Branco teria transigido; fiado mais na missão á Roma do que numa condenação judiciária, teria deixado que viesse a anistia. (47)

O mesmo com novos documentos prova o Sr.

Palavras dignas do grande Imperador, sem dúvida arrependido de seus erros religiosos, que pagou á sua custa!

A 16 de novembro de 1889, passava pelo Largo do Paço, D. Pedro M. de Lacerda, Bispo do Rio, rumo a Niteroi em visita pastoral. Surpeendido ao ver a praça atulhada de soldados, indagou: — Que é isto? Responderam: — Foi preso o Imperador e toda a família imperial está detida no Paço da cidade.

— "Isto mesmo fez ele aos Bispos" — murmurou o Prelado.

D. Pedro II teve de tomar rumo do desterro, e morreu em Paris, onde 13 anos antes falecera D. Fr. Vital!

(47) — *Um Estadista do Império* — III. — Vêja *A Ordem* — N. 31 — 1932 — Pag. 168.

tambem ás 11 horas da noite obscura e chuvosa numa lancha

Vilhena de Morais (48). — Conta-se tambem que recusara ouvir as súplicas de sua filha a Princesa Isabel. Nem mostrou ligar importancia á Carta do Sumo Pontifice Pio IX de 9 de fevereiro de 1875; dizem que quisera vingar-se de uma resposta do Papa, da qual não gostara. (49)

Mais ainda: "Correu boato, escrevia não ha muito tempo, um digníssimo Bispo brasileiro, de que a questão religiosa foi o resultado da viagem do Imperador á Europa, o qual teria lá recebido ordem para fazer no Brasil o que se estava fazendo na Suissa e na Alemanha." (50)

Apesar de tudo, porém, para nós, o culpado foi o governo. Ele criou os jornais irreligiosos, e lhes deu toda a liberdade; ele aconselhou as irmandades a recorrer, prometendo apoio, e fez admitir um recurso, que era nulo segundo o código braslieiro. O governo urgiu o Conselho do Estado e mandou processar o Bispo de Olinda, enquanto o mesmo Conselho recomendava prudência, e um só tinha acenado o art. 96; diriamos quasi contra o parecer da maioria.

---

(48) — DR. E. VILHENA DE MORAIS — *O Gabinete Caxias. Atitude pessoal do Imperador.—Pag.* 53.

(49) — *A Ordem* — Ibidem. — FR. LUIZ — *Vida* - Pag. 133.

(50) — D. MANOEL NUNES COELHO, DD. Bispo de Aterrado: Cart. Past. de 1927

O mesmo, no jornal *A Nação,* tinha anunciado que a condenação era *inevitavel* e na vespera da sentença, o governo foi ter com os juizes, recomendando de condená-lo (51). Ele deu ao Sr. Barão de Penedo as estranhas instruções, numa forma irrealizavel. Ele, afinal, que soube enganar o Imperador, pois que a adulação e a mentira são os guardas dos grandes, para que, como de costume, se saisse bem, o merito fosse do Ministério, se saísse mal, a culpa caísse sobre o Imperador! (52) Sempre se repete a história de Pilatos e dos judeus: quem condenou a Jesus Cristo?

"Vê-se, na obstinação do governo que a ele não interessava apurar e punir um crime, porém castigar, justa ou injustamente, um príncipe da Igreja, por motivos inconfessaveis...; significava um ato de reprovavel obstinação, dando a entender que obedecia á influências muito poderosas, a tal ponto que não se temia de sacrificar assim escandalosamente nesse caso, a mais elementar noção de pundonor." (53)

---

51) — D. MACEDO COSTA — *A Questão Religiosa* — Pags. 222-223.

(52) — JOAQUIM VIANA em *Almanaques Brasileiros* — 1909 — Pags. 230-274. Ver FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 133 e Cap. XI.

(53) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 156-157. — REIS — Ob. cit. — Pag. 134. — *A Ordem* — Rio de Janeiro — Ns. 62-64 — 1928: *D. Vital.*

D. Pedro II compreendendo a gravidade do passo, deixou passar dez dias, e o Presidente do Conselho teve, talvêz, de agir, afim de que se resolvesse a assinar o Aviso, e desencadear a perseguição.

Esse aviso, com *ordem de levantar o interdito,* chegou á Soledade a 20 de Junho.

Despido de todas as considerações de que estava envolvido, intimava-se ao Bispo, a que dentro de um mês levantasse o interdito, lançado contra a Irmandade de Santo Antônio do Recife, sob a ameaça de ser processado, se o não fizesse.

Se D. Frei Vital tivesse desejado, com uma palavra podia acalmar a tempestade, podia, tergiversando, ganhar tempo. Mas nem o caráter do Prelado, nem as provocações da seita o permitiam; cada um havia de tomar seu rumo e sua responsabilidade.

A resposta não se fez esperar. Nela a figura do Bispo, se revela superior, nobre, franca e calma. Nela aparece a alma do Atanásio brasileiro.

> "Desde o começo do cristianismo, escrevia D. Frei Vital, os Apóstolos tiveram proibição de pregar o Evangelho, mas eles responderam que é dever obedecer a Deus mais que aos homens, e continuaram como se nenhuma ordem tivessem recebido em contrário".

"E' este, Exmo. Snr., o nobre e santo modelo que durante a longa série de dezenove séculos, sempre tiveram diante do olhos os sucessores dos Apóstolos, todas as vêzes que lhe foi mister responder aos poderes da terra".

Apresenta suas homenagens a S. Majestade o Imperador e declara que se lhe pedisse as faculdades, o serviço de sua pessôa, até a própria vida, tudo daria, e com sumo prazer derramaria seu sangue.

Quanto, porém, ao sagrado depósito que pertence a Deus e á Santa Igreja, não póde, não deve ceder, nem jamais cederá.

Repele a necessidade do beneplácito civil, e da legalidade do recurso; explica como as irmandades são matéria mixta, e prova que a maçonaria não é uma sociedade inofensiva. A verdade manifesta-se a todos maravilhosamente clara, convincente.

"Mas, Exmo. Snr., permita-me perguntar: O que pretende o Governo Imperial?... Espera ele porventura que um Bispo católico renegue a sua fé, não acredite no ensino infalivel da Santa Igreja de Jesus Cristo e calque aos pés os seus mais sagrados juramentos para aceitar o oráculo do Conselho do Estado?

"Espera ele porventura que um Bispo católico, a despeito da formal decisão da Santa Sé, que declarou ser a Maçonaria uma sociedade inteiramente má e diretamente oposta á Religião Católica, acredite que ela seja uma sociedade totalmente conforme á mesma Religião santa?

"Não, Exmo. Snr., mil vêzes não! Isto seria uma verdadeira e vergonhosa apostasia.

A Maçonaria poderá ter o prazer de insultar e injuriar os Bispos do Brasil, poderá ter a glória de perseguí-los, fazê-los gemer, fazê-los carpir sobre os rochedos de alguma ilha deserta, ou peregrinar longe da Patria sempre amada; mas não terá jamais, firmemente em Deus confio, a satisfação de ver um Bispo católico caír de joelhos em terra e adorá-la...

"Um Bispo com o Evangelho na mão e observando os preceitos do Divino Mestre, póde ser morto, mas não vencido!"

E conclúe:

"Ninguem sobre a terra, Exmo. Snr., tem o poder de corrigir nem ensinar á Santa Madre Igreja o que seja conforme ou oposto á religião de Jesus Cristo.

"Reconheço não só no governo, mas em qualquer dos meus súbditos o direito de apelar do juizo da autoridade diocesana para o Exmo. Snr.

Arcebispo e com maior razão para a do Vigário de Jesus Cristo, Juiz infalivel em matéria de fé e de costumes...

"Em conclusão: tenho o mais vivo pesar de não poder levantar a pena de interdito que lancei...

"Peço encarecidamente a V. Exc. se digne ver nesta minha humilde resposta, não falta de obediência, respeito e consideração para com o Governo de Sua Majestade, a quem em sumo gráu venero e acato, mas um rigoroso dever de consciência."

Acrescentava pois:

"Desde o princípio desta lamentavel questão, levei ao conhecimento do S. Padre Pio IX, como era dever meu, uma fiel relação do que eu havia feito e tencionava fazer; e solicitei humildemente o seu juizo irrefragavel a respeito, inteiramente resoluto a lançar mão da pena, para de um só traço desmanchar tudo o que estava feito, se assim me aconselhasse o Vigário de Jesus Cristo. Mas, Exmo. Snr., no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo instante, em que ás minhas mãos chegava o Aviso de V. Exc., acompanhado da resolução do Conselho do Estado, recebia eu, pelo mesmo portador, a resolução do infalivel Vigário de Jesus Cristo.

"Tenho em uma mão o Aviso de V. Exc., por cujo intermédio Sua Majestade o Imperador me diz: *erraste, retrocede;* e na outra o autografo do imortal Vigário da Infinita Majestade dos Céos e da terra, por meio do qual o Juiz incorrutivel de nossas almas me diz: *andaste avisado, continúa.*

"Não podemos deixar de louvar... o zelo com que procurastes e ainda procurais obviar a tão grande mal... Nós Vos concedemos pleno poder para proceder com a severidade das leis canônicas contra aquelas Irmandades que por sua impiedade tão torpemente viciaram a sua índole, dissolvendo-as completamente, e criando outras que correspondam ao fim de sua primitiva instituição."

"A vontade de Deus... é que eu prossiga no desempenho de minha augusta missão: com sentimento e dôr profunda outra resposta não posso dar ao ilustre e bondoso Governo de S. M. o Imperador, senão que: *"Deve-se obedecer mais a Deus que aos homens."* (54)

Esta resposta humilde e nobre devia tocar o coração dos Ministros e do Imperador, mas a paixão fechou-lhes os olhos. O negocio passou ás mãos do Ministro da Justiça, que se apressou em executá-lo, mandando pronunciar D. Frei Vital.

---

(54) — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pags. 185-211. — (Ofício do Bispo de Olinda ao Governo Imperial). — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 153-165.

CAPITULO XII

Desacatos no Recife e outros acontecimentos

D. Frei Vital, entretanto, continuou o seu de
ver, cuidando do seu rebanho.

Chamou ao Revmo. Deão do Cabido Joaquin
Francisco Faria, e recomendou-lhe que presidiss
ás sessões e ceremônias, na qualidade de chefe d
Cabido, e que para honra do clero e bom exempl
dos fieis, cumprisse todos os deveres de bom sa
cerdote.

O Deão, porém, em vez de obedecer, mostro
menosprezo ás ordens, e continuou nas suas fal
tas, de forma que o Bispo foi constrangido a sus
pendê-lo das funções sacerdotais.

Esse ato contra um dos chefes politicos, Mes
tre da Ordem de Cristo, benquisto na maçonaria
moveu todo o anticlericalismo a sair á praça. To
dos os dias havia reuniões onde se vomitavam in
sultos contra o Papa e o Bispo e seus fieis.

Era mister provocar um tumulto para que s
justificasse a intervenção do governo e ficasse pa
tente que a culpa era do Bispo. Encontrou-se un
punhado de homens pagos e dispostos para a em
presa.

Na tarde de 14 de maio após uma homenagem
ao Sr. Deão Faria, convidaram o povo a um passei
de protesto, dirigindo-se ao Colégio dos Jesuitas

Era a hora do mês mariano, a capéla estava repleta de fieis. Os energúmenos invadiram-na e saquearam-na. Quebraram o pulpito, os confissionários, os paineis, os quadros, até a estatua da SSma. Virgem, que lançaram no chão, espancando e ferindo os fieis, pisando e mutilando tudo, e furtando os objetos preciosos.

Penetrando no Colégio, estragaram tudo, até a tipografia do *O Católico;* agrediram violentamente os Padres Jesuitas, expulsaram alguns, apunhalaram outros, em particular um que jazia acamado e que pouco depois morreu, mandando que tudo silenciassem sob ameaças... Durante duas horas poderam agir e destruir á vontade. A uns vinte passos do Colégio havia um quartel; mas a ordem era para que a tudo fechassem os olhos!

Dalí rumaram ao jornal *A União,* (o melhor sustentáculo do Bispo), e o empastelaram, destruindo tudo, tipos, livros, biblioteca, e agredindo os empregados.

Alguns sairam para o Colégio de Santa Dorotéia e para o Palácio do Bispo, proferindo injúrias contra o Prelado e a Religião e arrombando a porta principal.

Anoitecia. D. Frei Vital corajosamente mandou iluminar todos os aposentos e apresentou-se aos energúmenos, que já o ameaçavam armados. Foi então que o Presidente Lucena lembrou-se do

seu dever, e mandou a polícia dispersar os sediciosos. Para o Rio apenas mandou algumas explicações dos fatos, e, deixando os sediciosos amparados, inculpou os Jesuitas e o Bispo...

D. Frei Vital foi visitar as vítimas do furor satánico, abraçou os feridos, consolou a todos, e no dia 19 publicou uma carta de protesto contra tais desacatos.

Não pôde abafar as queixas espontaneas de um coração em extremo amoroso, leal e patriota! — Com liberdade apostólica dirigiu-se a todos que direta ou indiretamente concorreram para os desmandos e desacatos.

Ficou espantado á vista dos destroços, estragos e sinais de devastação vandálica e, mais ainda vendo os feridos. — A lealdade lhe fez dizer que foi gravíssimo crime porque eram inocentes, e se culpados fossem, era ilegal: haviam de levá-los aos Tribunais. — Como patriota tinha vergonha de ver que um punhado de brasileiros houvesse deshonrado assim Pernambuco e infamado o Brasil perante as nações francesa, inglesa, italiana, ofendendo religiosos e estrangeiros. (55)

---

(55) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 109-114. — D. FR. VITAL — *Carta Pastoral* sobre os desacatos de 14 de Maio em REIS — Ob. cit. — Pags. 432-439. — *Echo de Roma* — Revista de Lisbôa — Vol. V — Pag. 122 — 1.º de agosto de 1873: cita os redatores dos jornais jacobinos entre os desordeiros.

Mas D. Frei Vital que no começo da luta previu onde ela ia parar, escreveu ao Sumo Pontífice, expondo o estado das coisas, o que tinha feito e quanto se propunha fazer. Pedia o conselho do Papa e quanto ele julgasse conveniente.

O Papa respondia com o Breve de 29 de maio com que aprovava os atos do Prelado e entregava-lhe mais amplas faculdades com a ordem de comunicar a todos os Bispos do Brasil a vontade da Autoridade Suprema.

D. Frei Vital a 2 de julho publicou o Breve *Quamquam dolores*. O governo ofendido com esta publicação sem o *placet*, mandou processar não só ao nosso Prelado, mas tambem aos outros Bispos que o publicaram. Porém quando viu que todos os Bispos pensavam como D. Frei Vital e que todos tinham publicado o Breve, receiando uma revolução geral, retirou a ordem, mandando que se apressasse ~~o pronunciamento~~ a Pronuncia contra o Bispo de Olinda. (56)

---

(56) — D. FR. VITAL — *Resumo Histórico* — Pag. 746 — VIII.

Convem saber que todas as pessôas honestas aprovaram os atos de D. Frei Vital, já o provamos. Eis outro claro testemunho:

O Governo mandara proceder contra a publicação do Breve — *Quamquam dolores*. O Exmo. Sr. Desembargador Francisco Domingues da Silva, Procurador da

Passado o mês do aviso, a 23 de Julho um emissário do governo reunia todos os Irmãos das Confrarias interditas, e com solenidade declarou que *S. M. o Imperador retirava o interdito!* Comédia!

As Irmandades fizeram grandes festas, com foguetões, músicas, passeios; o Clero e o povo, porém zombaram desta comédia e continuaram a julgá-las como dantes.

Todos os dias acontecia um caso. Um irmão falecido que a Irmandade queria levar solenemente para a encomendação. Um doente a quem se havia de levar o Santo Viático... Os sinos

---

Corôa, assim respondeu ao Sr. Presidente da Província de Pernambuco, que o tinha encarregado da tarefa:

"...Entendo que o art. 101 § 14 de nosso pacto fundamental não pode ser entendido no sentido de não poderem os Bispos do império publicar nenhum decreto dos concílios, bulas, letras apostólicas ou constituições eclesiásticas sem benplácito do governo imperial, ou da assembléia, mas somente no sentido de não serem consideradas leis do país, não produzirem nenhum efeito no fôro externo, nem serem executadas pelos juizes e tribunais civis sem o dito beneplácito, que, em meu entender, não é exigivel para o fim de obrigar os fieis em matéria de conciência.

Se assim não fôra, estaria a Igreja em peior condição neste e em outros países católicos do que nos protestantes e cismáticos, onde suas deliberações não estão sujeitas a tais restrições de publicidade, o que certamente não é admissivel!..."

repicavam, as irmandades faziam barulho, mas nenhum Padre se prestava aos seus caprichos. Os jornais incentivavam os rebeldes e o Presidente Lucena, enquanto dava toda liberdade aos jornais setarios, se apressava em informar o Governo Imperial, e mostrando-se muito zeloso da paz e da ordem pedia ao Bispo que fizesse calar a imprensa católica.

Depois disso, começou a perseguição sistemá-

"A V. Ex. parece que o Exmo. Bispo diocesano, publicando o Breve do Santo Padre, sem que primeiro o governo lhe tivesse concedido seu beneplácito, usurpara o poder temporal. Pela minha parte, peço licença a V. Ex. para discordar deste modo de vêr; porquanto, não podendo dar-se usurpação senão quando alguem arroga a si poder que a outrem pertence, seria preciso, para que esta se desse no caso vertente, que o poder de publicar as Bulas e Breves pontifícios pertencesse ao governo e não aos Bispos. Mas contra esta pretensão protesta a pratica seguida desde o estabelecimento do Império, e reconhecida como fundada pelo governo imperial que até hoje tem visto os bispos brasileiros publicarem e executarem, no espiritual, todas estas disposições da Santa Sé, embora não placitadas, sem a isto fazer nenhuma oposição.

"Nesta província mesmo têm todos procedido do mesmo modo que o Exmo. Sr. D. Frei Vital. O Ilmo. Sr. Deão Dr. Joaquim Francisco de Faria, quando Vigário capitular desta diocese, publicou sem beneplácito, a bu-

tica. O presidente Lucena procurou convencer os Vigários do erro do Bispo e usou todos os meios, promessas e ameaças, excitando-os a desobedecer ao Prelado. Eles responderam por uma forma digna mostrando-se fieis á sua missão.

Por isto foi tirado aos Vigários e aos professores do Seminário o ordenado, enquanto eram auxiliados os vigários suspensos, e foi decretado o processo do Bispo de Olinda.

---

la pontifícia que definia o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, acompanhando-a de uma pastoral sua; e do mesmo modo publicou o *Syllabus* do S. P. Pio IX, ao qual fez igualmente preceder de outra pastoral. Sendo esta, pois, a pratica constante a este respeito, e estando eu convencido de que é fundada, além de ter a aprovação tácita do governo do país, e que na hipotese mesmo de ser culposa a publicação da bula a que alude V. Ex., o recurso á corôa não viria dar remedio ao fato da mesma publicação, não julgo dever proceder do modo pelo qual V. Ex. me recomenda.

"Em vista do que, não querendo pôr embargos á marcha do governo do estado, passo a solicitar do Exmo. Sr. Conselheiro presidente da relação a minha exoneração do cargo de procurador da corôa, soberania e fazenda nacional, que interinamente exerço, para dar assim logar á nomeação de outro desembargador, que mais esclarecido que eu, possa pensar de modo diferente.

Deus guarde a V. Ex. — Recife, 11 de Julho de 1873."

(Do *Echo de Roma,* n.º 54, 1 de Outubro de 1873 — Lisbôa.)

Mas eles continuaram com a mesma fidelidade: milagre da graça que confortava o coração do Bispo. D. Frei Vital exprobrou ao Presidente esta tentativa; louvou a obediência dos padres, declarando que, se houvesse culpa, era do Bispo, repetindo com Jesus no Horto: "Se procurais a mim, deixai livres estes meus filhos". E partilhou com eles as subvenções que o governo lhe dava.

A parte mais séria do povo, e o Clero foram fieis e inabalaveis. Compreenderam que para ser católico é preciso obedecer ao Papa e aos Bispos, que o Papa não é um soberano estranjeiro, mas Pai dos fieis de todo o mundo. Quem não obedecer ao Papa é protestante, cismático, hebreu, muçulmano, mas não católico.

O jornal *A União* continuou, ao lado do Bispo, rebatendo as calúnias e mentiras, mas sempre comedido, como exigia D. Frei Vital.

O estudo e o fervor estendeu-se a todo o Brasil, máxime ao Rio. Sobresaia o jornal semanário *O Apostolo* dirigido pelo Dr. Manuel dos Reis. Inteligência viva e profunda, batalhador nobre e intrépido contra todos os jornais adversários e contra o próprio Governo, sustentou sempre a causa dos Bispos.

Tambem entre os Deputados e Senadores havia homens á altura da questão que punham óbices á ação nefasta do Governo. Entre esses ilustres defensores da fé e dos Bispos perseguidos, salienta-

mos os Srs. Senadores Candido Mendes de Almeida, Zacarias de Góes e Vasconcelos, e os Deputados Dr. Tarquinio de Sousa, Dr. Leandro Bezerra, Ferreira Viana e os outros que no decurso do debate virão á cena. (57)

Dias depois dos desacatos de maio, D. Frei Vital principiou a sofrer de insônia, ter a cabeça pesada e grandes nauseas. Que era? uma tentativa de envenenamento. Visto que mais a mais a batalha se enfurecia e que o Bispo não cedia, encontrou-se quem propinasse um veneno que, de vagar mas seguramente, matasse ao Prelado.

Temos a notícia certa, insofismavel nos *Annali Francescani* de Milão, os quais no mês de agosto de 1873 davam estas linhas:

> "A este apóstolo não havia de faltar o merito e a glória do martirio. Pelo que vamos relatar, os leitores verão a maldade da seita e quanto seja secreta e feroz nas suas maquinações. Se o Senhor não tivesse protegido este escolhido, a vingança da maçonaria teria sido já satisfeita.
>
> "De que maneira fosse a tentativa o ignoramos, sabemo-lo, porém, por *notícia certíssima,*

que por obra da seita foi propinado ao Bispo um

---

(57) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 114-124. — D. FR. VITAL — *Resumo Histórico.*

lento mas seguro veneno. Por divina disposição pessôa ciente do horrivel crime, advertiu o Prelado, que ainda em tempo pôde tomar antidotos eficazes; mas sofreu muito e continúa a tomar remédios."

Agora sabemos que a pessôa ciente do crime foi a Irmã de Caridade (a Inglesa) do Colégio da Estancia, ha pouco falecida.

CAPITULO XIII

Missão do Barão de Penedo e Denuncia

O governo, se bem que seguro de que ninguem o venceria, sabia que a opinião pública lhe era contraria. O efeito da própria imprensa setária era cada vez mais irritante, porquanto aos deputados católicos que clamavam da tribuna parlamentar e na imprensa, respondia com insultos e calúnias.

Para agir diretamente contra todos e duma vez triunfar dos Bispos e seus defensores o meio infalivel era obter do Sumo Pontífice uma palavra de reprovação aos atos de D. Frei Vital. Destarte alcançava duas condenações, uma civil e outra eclesiástica, esmagava os Bispos cumpridores dos seus sagrados deveres, e com eles a Religião Católica. Assim ficaria uma veste exterior para encobrir toda a sorte de impiedade.

Esta missão especial junto ao Sumo Pontífice, foi confiada ao embaixador do Brasil em Londres, o Sr. Barão de Penedo, no meiado de agosto de 1873.

Se o enviado tivesse executado o mandato na forma irreverente como foi encarregado pelo Mi-

nistro, a questão ter-se-ia acabado. Como já acontecera, pela nomeação do Bispo do Rio de Janeiro, durante a regência, Roma teria respondido *non possumus!*

Mas o Sr. Ministro soube cumprir com muita habilidade a sua missão, isto é, com dólo, escondendo a verdadeira vontade do governo e fazendo recaír toda a culpa sobre os Bispos. Fosse qual fosse sua intenção, o que é certo é que o ilustre diplomata foi ao menos inexato e infiel, baseando-se somente nas palavras do governo e nas informações dos jornais perversos. (58)

A DENUNCIA. — Enquanto se ia a Roma para negociar a paz, no Rio iniciava-se a guerra. O ministro da Justiça deu ordem para ser denunciado o Bispo de Olinda. A denúncia lhe foi comunicada com documentos aos 11 de novembro, exigindo-se a resposta no prazo de 15 dias.

O Bispo em 21 do mesmo mês respondia que já expusera as razões que o guiaram até então. Foram tais que o Papa aprovou esses atos, até conferir-lhe plenos poderes. O governo havia de se conformar com o juizo do Papa e não responsabilizar o Prelado por ter cumprido seus deveres como manda a Igreja Católica.

---

(58) — FR. LUIZ — Ob. cit. — Capitulos XII e XV. — D. FR VITAL — *Resumo histórico*. — D. MACEDO COSTA — *A Questão Religiosa* — (Veja pag. 164).

De bom grado teria provado a legalidade de seu proceder, e que não invadira o poder temporal... Mas visto que o governo não reconhecera o juizo do Papa, responde simplesmente:

> "Não posso defender-me porque seria reconhecer a competência do Tribunal Civil em matéria religiosa.
>
> "Não posso porque seria renunciar aos meus direitos.
>
> "Não posso porque seria faltar gravemente aos sagrados deveres de Bispo Católico.
>
> "A isenção do fôro laical em matérias espirituais, é não somente lei natural e eclesiástica, mas tambem lei brasileira n.º 609 de 18 de agosto de 1857, art. 1.º, que declara:
>
> "*Os Arcebispos e Bispos do Império do Brasil nas causas que não* forem puramente espirituais, *serão processados e julgados pelo Supremo Tribunal de Justiça.*" (59)

A' vista disso não responde e não responderá, depositando tudo nas mãos da Divina Providência, e apelando para o Tribunal do Bom Senso, publicando uma obra aos 8 de dezembro de 1873. (60)

---

(59) — REIS Ob. cit. — Pag. 211. — Cf. ibidem *Resposta do Denunciado.*

(60) — Titulo do escrito: *O Bispo de Olinda e os seus acusadores no Tribunal do Bom Senso.* — Veja REIS — Ob. cit. — Pags. 440-535. E' uma luminosa demonstração das verdades católicas em relação com o

Chegada a resposta ao Rio, o Juiz Procurador a 6 de dezembro representava a S. M. o Imperador que o Bispo de Olinda devia ser pronunciado; a 12 o Sr. Presidente do Tribunal lançava-o no rol dos culpados; a 17 o Supremo Tribunal sentenciava que D. Frei Vital devia ser preso e transferido para o Rio afim de assistir ao seu julgamento, e a 22 publicava-se o competente decreto. (61)

Código Brasileiro. Examina os Avisos de 12 de junho e de 27 de setembro e a Denúncia de 10 de outubro. Expõe os princípios acerca das relações entre a Igreja e o Estado; repele a acusação de ter invadido o poder temporal; mostra os erros do governo, que não defende mas prepara o abismo do Império. Escrito claro, elevado, cabalmente convincente, que até agora ninguem refutou, e os fatos confirmaram.

(61) — Idem, idem — Pags. 218-223. — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XIII. DR. VILHENA: *O Gabinete Caxias*.

CAPITULO XIV

O Bispo é prêso no Recife e levado para o Rio de Janeiro

Começa o caminho do Calvário para D. Frei Vital; Deus já preparara seu coração. Afirmam que anunciou que devia ser preso numa quarta-feira. Nesse dia, 1.° de janeiro de 1874, chegou ao Recife o decreto de prisão. No dia seguinte o juiz da primeira vara civil encarregou-se dessa tarefa.

A 1 hora da tarde apresentou-se elle no Palácio da Soledade com o seu escrivão para ler o decreto e executar a ordem.

O Bispo ouviu tudo, mas negou-se a obedecer, a não ser coagido pela força, por que na presente questão ha imunidade eclesiastica.

O juiz achou-se embaraçado e mandou pedir ao Chefe de Policia que lhe enviasse dois oficiais e agentes.

Entretanto o Prelado subia aos seus aposentos; rezou muito e depois escreveu duas cartas. Na primeira nomeava três Governadores do Bispado que deviam suceder-se por ordem no caso de impedimento ou morte dos outros. Em primeiro logar o Revmo. Chantre da Catedral de Olinda, P. José Joaquim Camelo de Andrade; em segundo

o P. Sebastião Constantino de Medeiros; em terceiro o Mons. Dr. Joaquim Graciano de Araújo, que ficava exercendo os cargos que tinha de Vigário Geral e Provedor do Bispado. (62)

Exercerão também ~~A segunda carta foi~~ um protesto contra a ordem de prisão, assinado por todos da Camara eclesiastica. Depois de uma hora chegou a força requisitada, a saber: os Srs. Capitão de fragata Francisco Romano Steple da Silva, Inspetor do Arsenal, Tenente-Coronel Francisco Carneiro Machado Rios, Chefe de Policia e o Major Manuel de Azevedo Nascimento, do 9.º batalhão de infantaria. O sr. Juiz subiu até os aposentos do Bispo, bateu forte á porta duas vezes, intimando-o a se apresentar.

A essa ordem, abriram-se as portas da Capéla e o Prelado compareceu em paramentos pontificais, com mitra e báculo, e, cercado dos Padres da Camara eclesiástica, desceu á rua.

Em presença do Sr. Juiz, da força policial e dos Padres leu o seu protesto contra a violação da imunidade eclesiástica.

O Bispo queria ir, assim paramentado, até á prisão. Mas o Sr. Juiz, receiando um levante do povo, que se ia aglomerando, pôs a mão no hombro

---

(62) — O original deste ato episcopal encontra-se no arquivo do Cabido de Olinda, datado de 31-12-73.!

do Prelado, e, declarando-o preso, sem mais liberdade, ordenou-lhe que entrasse num carro qualquer, procurado ás pressas. D. Fr. Vital obedeceu, calado, e foi levado para o Arsenal da Marinha.

Se ele tivesse querido livrar-se dos esbirros, bastava uma palavra para mover a multidão á revolta. Ao contrário, ele recomendou a calma. Já aos 8 de dezembro indo consagrar a Igreja do Terço, o povo, aclamando o Bispo, o Papa Pio IX, e a Religião Católica, (63) bradava: Queremos livre o nosso Bispo, não deixaremos que o levem daqui; lutaremos com todas as forças.

E quem poderá descrever as homenagens de que foi alvo então?

Toda a cidade foi ao porto, e a simpatia pelo Bispo era tal que já se notavam ameaças contra o governo. Com a promessa de que ficaria alí por muito tempo, a multidão acalmou-se; mas vigiava dia e noite.

Quasi todas as Associações lhe apresentaram homenagens, como tambem a aristocracia, e a alta burguesia da cidade e das vilas. Um grupo de 200 senhoras declararam-se prontas a lutar até a morte.

---

(63) — *Annali Francescani* — Vol. 5 — Pag. 6. DR. MARITZ — *O Jornal* de 17 de Setembro de 1928 — Pag. 18.

Maior ainda foi a comoção do Bispo quando viu ajoelhar-se aos seus pés trinta mações, que com o maior arrependimento abjuraram a seita.

Outro maçon lhe disse: "Sr. Bispo, eu não venho apresentar pesames a V. Excia., ao contrário, o felicito, e felicito a Igreja pelo triunfo que recebe hoje na sua pessôa. Por mim tenho o maior desejo de viver e morrer como bom católico. Peço-lhe, pois, que receba este imundo papel, e que me acolha como um filho fiel." E entregou-lhe o diploma da maçonaria.

No dia seguinte, uma pessôa notavel do Recife, que demonstrava odio mui encarniçado contra o Clero e cultivava ideias de livre pensamento, pediu perdão ao Bispo, prometendo que desde então se punha ao serviço da Religião.

A multidão aumentou como as ameaças. Deante do que o Presidente da Provincia determinou manda-lo quanto antes para o Rio. As ~~primeiras horas~~ da segunda-feira, ~~depois de meia noite~~, fê-lo tomar o navio de guerra *Recife*, apenas presentes cinco ou seis pessôas além dos pais e parentes do Bispo que vinham saudá-lo.

Quando ~~ao despontar do dia~~, o povo vindo para homenagear o seu Bispo ~~o~~ navio que saía do porto e D. Frei Vital na ponte, abençoando, sofreu grande desgosto e muitos choraram.

Deu-se então uma cena digna de nota.

Dois homens comentavam o fato, trocando palavras em que ~~se~~ manifestavam as suas maneiras diferentes de sentir.

—Você, póde chorar á vontade; o Bispo não voltará mais. No Rio de Janeiro saberão puní-lo conforme o rigor da lei, porque é rebelde. Disporão de forma que nunca mais haja distúrbios por cá.

— Procurarão fazê-lo, respondia o outro, mas não o conseguirão; Deus restituir-nos-á o nosso Bispo, e nós cessaremos de chorar sua ausência.

O primeiro deu uma gargalhada; sabia o que se tinha proclamado nas lojas e o que esperava o Bispo no Rio.

"— Ria-se a vontade, acrescentou o outro, virá, tambem a sua vez de chorar. Desejo que nenhum mal sobrevenha á ninguem ~~sua casa~~, mas a todos os perseguidores da Igreja nem sempre sucederão bem as coisas!...

No mesmo instante a mulher do maçon costurava; inclinando-se demasiado, se lhe cravou a agulha no nariz. A dôr foi extrema e num instante a infeção derramou-se pelo rosto e depois de dois dias, apesar de todos os remédios, morreu entre dôres atrocíssimas. Destarte Nosso Senhor punia os inimigos de D. Frei Vital e encorajava os bons católicos. (64)

---

(64) — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XIII — Pag. 197. — REIS — Ob. cit. — Pags. 219-222.

Os pais de D. Frei Vital, longe de se queixarem da Divina Providência, embora conhecessem o caráter do filho destemido, inabalavel, o incitaram ~~ainda~~ a que "cumprisse o seu dever até o fim". Eis as palavras de pais cristãos. O Bispo mostrou-se meigo e terno, como uma criança, para com eles.

Desde então as igrejas do Recife encheram-se de fieis fervorosos e devotos; começou-se um turno de orações, pregações e procissões; uma verdadeira romaria, um despertar de fé, de confissões, de comunhões, admiraveis.

NA BAÍA. — A 8 de janeiro o vapor *Recife* entrava no porto da Baía.

Os católicos, já prevenidos da chegada do glorioso Prelado, alugaram três pequenos vapores, que enfeitados galhardamente, sairam ao encontro do navio como companhia de honra.

Aproximados, o Capitão do *Recife* permitiu subir a bordo somente as autoridades religiosas e alguns notaveis católicos delegados dos seus compatriotas para testemunhar-lhe a profunda admiração, a simpatia e a estima de todos os fieis e associações católicas.

Primeiro apresentou-se o Exmo. Snr. Arcebispo Primaz da Baía; lançou-se ao pescoço do preso, abraçou-o com ternura, e ofereceu-lhe os seus serviços para tudo de que precisasse. Depois perante as autoridades, os representantes das asso-

ciações e os fieis inúmeros que enchiam o cais leu o protesto seguinte:

> "Nós, Manoel Joaquim da Silveira, pela graça de Deus e da Santa Sé, Arcebispo da Baía, Metropolita e Primaz do Brasil, Conde de S. Salvador, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, visitando o nosso querido colega e irmão D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira que segue para a Côrte do Império, preso por ordem do Governo Imperial, e reconhecendo a injustiça que se faz por este ato á sua sagrada pessôa e se irroga á Igreja Católica, e todo o seu Episcopado, em particular ao do Brasil, protestamos, solenemente perante todos os fieis da Santa Igreja, de N. S. Jesus Cristo, com especialidade, os do Império, e perante o Governo de Sua Majestade o Imperador, contra semelhante violência, que feriu tão cruelmente os sentimentos do nosso povo cristão." (65)

D. Frei Vital foi, durante todos os dias que demorou na Baía alvo das maiores homenagens, da parte de grande número de pessôas de todas as condições sociais, que vinham trazer os protestos de sua solidariedade contra o ato do governo.

Todos admiravam a coragem, a nobre calma e meiguice do jovem Prelado, que ganhava a simpatia de todos que se aproximavam dele.

(65) — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 209.

+ as 11 horas da noite de 13 de Janeiro

CAPITULO XV

No Rio — No Arsenal de Marinha — Resultado da Missão Penedo — A Carta do Cardial Antonelli

O governo, para desviar a atenção, mandou que na Baía D. Frei Vital fosse transferido para o navio de guerra *Bonifacio* e guardado por um oficial da polícia carioca.

Destarte o Bispo chegou ao Rio sem que ninguem o soubesse, e foi levado tranquilamente ao Arsenal de Marinha, pondo-se sentinela á porta dos seus aposentos. Tinham medo de um levante? Tolice! ninguem pensava em livrar o Bispo; nem a D. Frei Vital convinha escapar a um juizo no qual pretendia apresentar-se com a cabeça erguida, para defender seus atos na plenitude do direito e do sagrado dever. O guarda á porta de D. Frei Vital pôs o governo numa situação pela qual no Parlamento e no país inteiro foi ridicularizado.

Quando no Rio souberam da vinda do Bispo de Olinda, operou-se um continuo e enorme movimento de simpatia e de aplausos ao Bispo Martir, que chegavam de todos os pontos do Império.

Os Bispos aderiram ao protesto do Exmo. Primaz da Baía; o Colégio Eleitoral de Pomba (Minas) saudava nele um Mártir de Cristo; sábios como os Drs. Joaquim de Sá e Manoel dos Reis, Deputados e Senadores mandavam cartas de admiração. O Clero de Olinda mandou uma carta de protesto, declarando-lhe obediência e afirmando-se pronto para seguí-lo até a prisão.

No Rio o primeiro a visitá-lo foi o Exmo. Snr. Bispo D. Pedro M. de Lacerda.

Entrando no quarto, ajoelhou-se aos pés do preso, beijou-lhe a mão, e vivamente comovido, pediu-lhe sua benção, para si e para toda a diocese.

D. Frei Vital levantou-o e abraçou-o ternamente. Falaram da questão e dos acontecimentos. Enfim D. Pedro de Lacerda para testemunhar a sua admiração pela vitima da seita, tirou a sua cruz peitoral, passou a corrente ao pescoço de D. Frei Vital, dizendo em presença de todos: "Excia., tem toda a jurisdição nesta terra; vejo em V. Excia. um prisioneiro de Cristo; meu Clero e o Cabido serão felizes pondo-se ás suas ordens; peço-lhe que nos abençôe, pois a benção de um confessor da fé, é um penhor de salvação."

D. Frei Vital não pôde refrear as lágrimas, e, agradecendo tanta bondade, teve tambem de aceitar uma quantia de dinheiro para as suas ne-

cessidades, com a promessa de que viria visitá-lo quando lhe fosse permitido.

O Comandante do Arsenal tinha posto á disposição de D. Frei Vital três quartos. O Bispo destinou o melhor para capéla, os outros dois serviam de salão de recepção, de jantar e de dormir para três pessôas. Era a pobreza franciscana que alegrava o logar, e que D. Frei Vital sempre procurou alí praticar. Foram seus companheiros voluntarios o P. José de Lima e Sá e o Dr. Antônio Luiz Melo Vieira.

Resignado á vontade de Deus, com o seu capelão e o empregado, passava todo o tempo orando, escrevendo, estudando, recebendo os visitantes. A calma e o bom humor resplandeciam no seu rosto. Alegrava os companheiros, fazia pasmar os que o visitavam. Esta paz vinha de fonte altíssima; da tranquilidade da conciência e da felicidade de padecer pela causa de Deus, da Religião e para salvar a pátria querida do virus da incredulidade.

Enquanto aguardava o dia da apresentação ao Supremo Tribunal, veiu a prova mais dificil, assombrosa e penosa de toda a sua vida, e coube á sua firmeza, unida á calma e clareza de espirito desvendar as tramas das lojas, salvar a Fé e a honra da Suprema Autoridade, pela conclusão da missão do Sr. Barão de Penedo a Roma, de que já falamos.

O Sr. Ministro, chegado á Roma em outubro

de 1873, apresentou as credenciais, foi recebido pelo Emo. Cardial Antonelli e solicitou uma audiência do Santo Padre Pio IX, para executar a sua missão.

Bem cedo surgiram as dificuldades. A Santa Sé não transige nos principios, mas se mostra mui conciliante nas aplicações.

O Sr. Barão teve de dissimular as verdadeiras intenções do governo e aproveitar as acusações feitas pelo mesmo e pela imprensa setária contra D. Frei Vital; sua mocidade, sua educação na França, sua imprudência impulsiva, e a circunstancia do que Breve *Quamquam dolores*, déra ensejo aos Bispos para desencadear a perseguição contra os mações.

Visto que as acusações pareciam merecer credito, ele aumentou a dose, contando á sua maneira os fatos desenrolados no Recife. Fez acreditar numa provocação simultanea de todos os Bispos do Brasil e numa resistência sistemática contra o Império!...

Nada disse do apoio do governo á maçonaria, nada das provocações da imprensa setária, nada das blasfêmias contra a Fé, dos insultos á Autoridade Eclesiástica, nem da condição imposta ás igrejas onde mandavam tais irmandades. Apenas acenou que o governo mandara responsabilizar o Bispo, concluindo que o meio melhor para evitar

a ação da Justiça e não chegar á condenação, era retirar os interditos!

O Papa se mostrou justamente desejoso de salvar os Bispos duma condenação afrontosa á Religião, e de evitar uma luta que, no dizer do Sr. Barão se tornaria causa de maiores perturbações mesmo no caso duma absolvição. Surpreso na sua bôa fé, e fiado na palavra do Sr. Ministro, que o governo nada faria de desagradavel, mas tudo faria para firmar a paz, prometeu todo o possivel pela pacificação do Brasil, sem comprometer os seus principios e a sua dignidade.

Fruto dessas promessas foi a Carta fatal de 18 de dezembro de 1873. Nessa, louvando o zelo dos Bispos, brandamente se censura a pressa em executar (entendendo-o mal) o Breve do Papa; manda levantar os interditos, impondo-lhes ao mesmo tempo que depois iniciassem a obra de purificação, afastando os mações e admitindo só os fieis que não pertencessem a nenhuma sociedade secreta.

O Sr. Barão satisfeito do ótimo resultado da sua missão, avisou o governo da mais completa vitória sobre a diplomacia da Côrte de Roma e que bem cêdo chegaria a Carta em que se desaprovam os Bispos, e levantam-se os interditos.

A carta foi endereçada ao Sr. Internúncio e chegou ao Rio quando já D. Frei Vital estava preso no Arsenal da Marinha.

Note-se que esta Carta era o meio especial e *reservado* para resolver a questão e havia de ficar secreta. (66)

Pelo contrário, Mons. Sanguigni, em bôa fé, deu noticia ao governo que a carta da paz estava nas suas mãos. Combinou-se que logo seria entregue com ordem de publicá-la quanto antes e pela primeira vez no dia 20 de fevereiro foi ao Arsenal.

D. Frei Vital, com a sua habitual perspicácia, viu no diplomata um ar estranho; palavras gerais de desgosto pela situação, esperança de cêdo obter a desejada paz... Convencido de que havia algo de grave, D. Frei Vital perguntou-lhe: "Mons., terá porventura notícias do Santo Padre a me comunicar? Sabe ele que estou preso? e ele, que sempre me animou na luta contra os inimigos da Igreja, enviou talvez palavras de encorajamento?"

As perguntas (em perfeito contraste com a Carta que ele tinha) desconcertaram o diplomata! Ele trazia um documento da mais alta importancia, mas não teve coragem de apresentá-lo, e respondeu que o Papa nada enviara.

O nosso Bispo por sua parte queixou-se dos que punham obstáculos á ação dos Bispos devotados á Santa Sé, enquanto nada podia ganhar a

---

(66) — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XII e XV — Pags. 239-247. — D. MACEDO COSTA — Ob. cit. — Pags. 168-170.

Igreja dos inimigos irredutiveis! Parecia ler no coração de Mons. Sanguigni!

A estas palavras Mons. Internúncio ficou embaraçado, balbuciou poucas frases confusas, saiu sem explicar o fim da sua visita... e foi encarregar da melindrosa tarefa o amigo e sagrante dele, D. Pedro M. de Lacerda. Na esperança de restituir a paz ao Brasil e a liberdade ao amigo, o Sr. Bispo do Rio a 21 do mês foi ao Arsenal e com grande alegria entregou a carta.

Ha quem diga que D. Frei Vital anunciasse o conteúdo da carta antes de abrí-la. E' certo que leu a carta com admiravel serenidade de animo e calma profunda.

Depois disse que nada mais lhe causaria prazer do que obedecer ás ordens do Papa, mas que precisava de explicações.

O espírito lúcido de D. Frei Vital, com aquela rápida intuição que o distinguia, viu logo os inconveniêntes enormes que surgiriam da execução desta carta, agravados pelo triunfo que contariam o governo e todos os jornais da seita. Como compreender que o Papa mandara desfazer o que antes autorizara e recomendara se fizesse? Como, recuando agora, sem condição, dar depois o mesmo passo? Como convencer a opinião titubeante dos católicos de que a maçonaria é intoleravel dentro das igrejas, se agora o Papa a deixava penetrar e dominar nelas? O governo, dava alguma

garantia de moderar a seita, de apagar tudo e pôr um freio aos jornais ímpios? Ou permitiria continuar da mesma fórma, e depois condenaria D. Frei Vital por sua conta?

A carta do Exmo. Sr. Visc. de Caravelas dizia claro que o governo ia condenar o Bispo, fosse qual fosse o resultado da missão a Roma!

Nem D. Pedro de Lacerda, nem Mons. Sanguigni tinham esclarecimentos a dar.

Portanto o nosso Bispo resolveu ficar com ela e esperar novas explicações de Roma, convencido de que nem o Papa nem o Cardial teriam enviado esta carta, ao menos na forma de publicidade que pretendia o governo, se conhecessem o estado verdadeiro da questão, a prisão do Bispo e a má vontade do governo.

Escreveu ao S. Padre uma ampla narração documentada, com todas as circunstancias, e, desconfiando do segredo do correio, enviou a Roma o seu secretário P. José de Lima e Sá.

E teve razão. O Papa mandou destruir a carta do Cardial Antonelli. (67)

Essa resolução de D. Frei Vital anulou a tão afamada missão Penedo, e todas as esperanças do governo numa condenação do Papa aos Bispos de Olinda e do Pará.

---

(67) — D. MACEDO COSTA — Ob. cit. — Pags. 181-187 e 238. — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 238.

Para o gabinete Rio Branco era do mais alto interesse que se amoldasse a todo o custo o ânimo do Bispo e que ele cedesse. Começou a urgir a Nunciatura, ameaçou dar-lhe o passaporte, se não se publicasse logo a carta. D. Sanguigni insistiu, D. Pedro de Lacerda foi de novo tentar a rendição daquela fortaleza! Inutil. Não cedeu!

A's ameaças do governo o Prelado respondeu que nada podia fazer. Somente para livrar o Internúncio das complicações diplomáticas, estava pronto a dar por escrito um documento em que ele assumia toda a responsabilidade perante o governo e a Santa Sé. Foi o homem do espanto que salvou a honra da Igreja e a fé do Brasil.

De fato, se bem que não publicada, os jornais anunciaram a carta em que o Papa não louvava o Bispo (*gesta tua non laudantur*), e dava ordem para levantar o interdito. Disseram que esta vitória tinha custado ao governo dois mil contos, que Roma (a antiga Babilônia) tudo vendia por dinheiro e que a maçonaria tinha vencido, e D. Frei Vital era mais católico do que o Papa!...

O boato paralizou a atividade do Clero e dos Bispos; cruzaram os braços, entregaram-se á inercia achando que era melhor deixar em paz a seita nas igrejas, e nada tentar daquela refórma tão necessaria!

Um Prelado chegou a dizer que se o demônio se pusesse a presidir a sua confraria e lhe oficiasse neste sentido, ele nada faria.

Não se ouviam mais os protestos dos Bispos; desapareceu a bela união do Episcopado brasileiro, cessaram as adesões tocantes, aqueles acôrdos de ação que salvaria á Igreja do Brasil. Um venerável Bispo, que seguia os exemplos dos Bispos de Olinda e do Pará, foi ameaçado de incorrer no desagrado e condenação do Sumo Pontífice (?!). Os Padres seculares e regulares e os católicos viviam nas maiores dúvidas. Depois de ter dado o alarme e todo o apoio ao Bispo de Olinda, tudo ficou sopitado com a carta do Cardial Antonelli, que ninguem lera. Imagine o leitor que teria acontecido se fosse publicada! (68)

---

(68) — D. MACEDO COSTA — Ob. cit. — Pags. 184-189. — *A Republica*, jornal do Rio, no dia seguinte á condenação de D. Fr. Vital assim zombava do governo: "O Governo esperou a publicação da Carta Antonelli, assim o imperador seria o forte, o generoso, a Igreja seria fraco, o imprudente... Toda esta brilhante trama se desfez como fumo, somente por não haverem contado o imperador e os seus ministros com a não publicação da carta..." "A carta-solução, a carta-acôrdo a carta-decisão, a carta-triunfo, a carta-crédito extraordinario, a carta-famosa, a carta-lição pelos diplomatas da Europa... é propriedade de Fr. Vital, e ele a guarda em seu bolso, como guarda a sua carteira... aí *ipso facto* foi derrocado todo o castelo erguido com tanta solicitude pelo Governo do Imperador." — *A Republica*, de 26 de Fevereiro de 1874.

CAPITULO XVI

D. Fr. Vital perante o Tribunal de Justiça — Defesa

No mesmo dia em que D. Frei Vital Maria foi internado no Arsenal de Marinha, teve aviso de que quanto antes havia de comparecer perante o Supremo Tribunal de Justiça.

Pode ser que a recusa em publicar a afamada Carta Antonelli, em que o governo tinha posto a esperança do seu triunfo, apressasse a discussão da causa e a consequente condenação para puní-lo da sua coragem apostólica. Ao ler os jornais, Governo e Maçonaria, foram tomados dum furor tal que pareciam diabolicamente movidos contra o Bispo de Olinda. Mas foi bastante a passiva resistência de um frade inerme e calado para destruir o castelo de papel erigido contra o Prelado e contra os direitos da Igreja Católica.

Aos 5 de fevereiro foi enviada ao Sr. Bispo a definitiva acusação, com o termo de oito dias para responder em contrário.

D. Frei Vital aos 10 de fevereiro (era o dia aniversário do recurso) repondeu simplesmente:

> "Senhor! — *Jesus, autem tacebat.* (Math., C. 26, V. 63).
>
> Em minha prisão, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. — *Frei Vital.*

Pela gravidade da causa o Tribunal e a galeria estavam repletos de espectadores.

Lido o expediente compareceu D. Frei Vital. Como fosse ele sentar-se no banco dos réus, o Sr. Dr. João Pedreira de Couto Ferraz, secretário do Tribunal, num impeto de fé, tirou o banco e apresentou ao Sr. Bispo a sua poltrona. A esta coragem o público deu palmas, repetindo-as quando perto de D. Frei Vital assentou-se o Exmo. Bispo do Rio que o acompanhava. (69)

Então dois membros respeitaveis do fôro do Rio mandaram uma petição á mesa do Sr. Presidente em que se ofereciam espontaneamente para a defesa do Sr. Bispo de Olinda. O Exmo. Sr. Presidente deferiu o requerimento, e eles assentaram-se ao lado do Sr. Bispo.

Quem eram eles? Os Srs. Zacarias de Góes e Vasconcelos e Candido Mendes de Almeida, advogados, e Senadores do Império, que no Senado e na Capital representavam um papel notavel. Amigos, ha muito, do intrépido Prelado faziam parte dum pequeno grupo de católicos iluminados e corajosos que lutavam sem descanso contra a politica antireligiosa do Ministério. Senhores da palavra e da arte oratória, impunham-se a todos os parlamentares e aos Ministério que os temia.

Mais duma vez manifestaram a sua admira-

---

(69) — O Dr. Pedreira era o afortunado pai de D. Zelia, e por esta ocasião, Deus preparava o esposo á filha. (Vêja Vida de D. Zelia. Cap. IV).

ção pelo Bispo de Pernambuco, que lutava contra a Maçonaria. Chegado ao Rio, foram ao Arsenal para oferecer ao ilustre Prelado, seu talento oratório, suas convicções, sua ciência jurídica.

D. Frei Vital decidido a não se defender, não quís recusar a oferta desinteressada, julgando que podia descansar sobre uma defesa perfeitamente ortodoxa.

O Exmo. Sr. Promotor recusara o Sr. Conselheiro Figueira de Melo, porque era católico e já tinha falado e escrito em defesa do Bispo de Olinda...

O Senador Candido Mendes pediu licença para recusar um juiz maçon. Mas o Tribunal compreendendo o plano dos advogados da defesa, não se deixou vencer; recusou o pedido, mostrando destarte a patente injustiça em aceitar o pedido do Promotor e recusar o da defesa.

Lida a ata, o Sr. Presidente notificou ao Sr. Bispo e aos Srs. defensores para comparecerem na sessão seguinte.

Não houve nenhuma demonstração na passagem, porque a multidão prometia voltar no dia da sentença.

A SENTENÇA. — Aos 21 de fevereiro realizou-se a 2.ª sessão do Tribunal.

Naquele dia, muito antes da abertura da sessão, todo o recinto do Tribunal e a galeria se achavam apinhados de espectadores.

Abriu-se a sessão ás 9 e ½ da manhã.

A's 10 horas, compareceu o Sr. Bispo de Olinda, acompanhado do Sr. Bispo do Rio de Janeiro e por D. Meige, Bispo de Kansas City (E. U. A.) que, achando-se no Rio, quís ter a honra de acompanhar seu jovem colega perante o Supremo Tribunal. Sua Excia. ocupou o mesmo lugar da sessão anterior entre os Srs. Conselheiros Zacarias de Góes e Dr. Candido Mendes, que já se achavam presentes.

O Sr. Promotor procedeu a leitura do seu Relatório, historiando todo o andamento do processo; declarou que o recurso tinha sido feito na forma legal (?); repetiu a queixa do Sr. Correia de Oliveira sobre a *injusta sentença* do interdito e a *suspensão ex informata conciência* (?), passou rapido sobre a resposta do Sr. Bispo ao Aviso do Conselho do Estado, ao ato de acusação e terminou: finalmente tendo o Réu de contrariar o libelo. limitou-se a escrever as seguintes palavras: *Jesus autem tacebat*...

Tudo foi lido no meio de um profundo silêncio. A estas três palavras os juizes estupefatos, ficaram como atónitos, e olharam-se entre si. Pareceu que se lhes tivesse tirado o uso da razão e da palavra; foi um instante solene. Depois de longo momento o Sr. Cons. Chichorro da Gama pronunciou com uma voz pouco tranquila: "Ele se compara ao Cristo!" Ninguem respondeu. Com

esforço acrescentou: "Comparando-se a Cristo, nos põe ao nivel de Herodes e de Pilatos!"

Isto não estava no pensamento de D. Frei Vital, mas o Sr. Chichorro exprimia o mêdo do Tribunal e o pensamento quasi unánime da assembléia. Teria o Sr. Procurador previsto a emoção produzida por essa peça do processo? Talvez: de fato ele desde o principio se tinha oposto á leitura, declarando-a inutil.

Afinal o Sr. Presidente fez a pergunta de costume ao acusado: — Quer o Sr. Bispo fazer algumas observações em resposta ao relatório?

D. Frei Vital nada respondeu.

— O acusado sem dúvida nada tem que dizer visto que guarda silencio, disse o Sr. Presidente, e deu a palavra ao Sr. Procurador da Corôa.

O Exmo. Procurador começou o requisitório em tom irritado:

"Hei de me queixar de não estar prevenido pelo Exmo. Sr. Presidente da sua determinação. Ele criou um fato importante, autorizando acusado e acusador a pôr objeções ao relatório. A acusação é clara; os documentos dão as provas do abuso do poder e da revolta contra as leis do império, levados a efeito pelo Sr. Bispo de Olinda. Sente ele mesmo a sua causa perdida? Ou quer insultar o Tribunal? Ele observa um silêncio obstinado, pensa talvez, que todos os ouvintes, que o cercam, são os seus defensores espontaneos?

—Não, respondeu o Presidente, vendo nestas palavras um ataque aos advogados admitidos; o tribunal admitiu dois advogados, não ha discussão sobre isto.

O Procurador usou toda a arte, apoiado pelo Cons. Sr. Valdetaro, para recusar os defensores de D. Frei Vital. Tinham mêdo da grande eloquência e sabedoria dos ilustres advogados. Mas o Sr. Presidente não quís fazer mais abertamente o serviço da seita.

DEFESA DO DR. ZACARIAS. — O ilustre senador, regeitada a acusação de intrusos lançada pelo Sr. Promotor, analizou o ato de acusação, e pôde provar luminosamente que o Sr. Bispo de Olinda não cometeu crime, nem houve desobediência; que não ha lei aplicavel no caso vertente; finalmente que o processo foi nulo, porque foi de todo omissa a forma do processo que se devia seguir em conformidade do art. 179 § 11 da Constituição. Desenvolveu os pontos com eloquência e demonstrou que crime era a ordem ilegal, tiranica, desleal do governo que quís fazer politica; era um crime, que quebrantava um preceito expresso da Constituição política do império, a omissão da forma do processo!

"Concluindo, Sr. Presidente, direi que o ilustre Prelado de Olinda sofre por um delito que não praticou, em um processo o mais tumultuário e

nulo de que haja notícia em o nosso fôro. Entretanto ele está resignado a tudo!"...

DEFESA DO DR. C. MENDES. — Obteve a palavra com muita dificuldade. Ele fez o requerimento, foi deferido, nem repetirá quanto disse o seu nobre coléga, com ele tendo repartido a matéria. Assim pôde falar.

O ilustre advogado entra logo em matéria e mostra:

1.º) A incompetência do Tribunal. O Brasil se rege pelas leis de Portugal de 1823 e 1824, e pela Constituição (art. 178) que limita os poderes civis e o art. 179 que garante a liberdade de conciência. O Bispo num império católico ha de obedecer ao Concílio Tridentino e ao Papa.

2.º) Na lei de 1851, em que se apoia o Tribunal, falta a forma do processo.

3.º) Os Bispos e todos os religiosos são, conforme a frase da ordenação, pessôas de outra jurisdição... têm outro superior que é o Papa; falta, pois, a forma legal.

4.º) O artigo fala dos empregados de sua jurisdição, não dos dependentes do Papa, e uma lei feita para seus empregados, não póde autorizar o Tribunal civil a discriminar o que é temporal do espiritual. A competência portanto da parte do Tribunal parece que não existe.

5.º) Não existe desobediência. A Constituição e as leis provam que não ha nem crime nem pena para este contraste. Antes a lei diz que são puniveis os infratores da Constituição; e foi o governo que infrigiu os arts. 178 e 179 da Constituição. Tudo estaria sanado se se ouvissem o Metropolita ou o Papa.

"Por outro lado, se vós podeis levantar interditos pelos vossos Juizes de direito, diz o advogado, como apelais para Roma? E se apelais para Roma e Roma vos satisfaz como quereis punir o Bispo? Então praticais com o Revmo. Bispo de Olinda o *bis in idem*, querendo puní-lo duas vezes o que é contra a lei natural.

"E mais, Sr. Presidente, o governo leva tão alto o poder do Estado a ponto de dizer que não se admitem bulas no Brasil sem serem placitadas. E em que se funda para querer que o Revmo. Bispo de Olinda cumpra sem *beneplácito*, uma carta que recebeu de Roma e que é reservada? Em que se funda para ao mesmo tempo querer que o ilustre Prelado seja condenado porque não obedeceu á injunção do Juiz de Direito, a que não estava obrigado?

"A obrigação era levar o Juiz a sentença á Igreja onde funcionava a Irmandade e quem aí seria o desobediente? o Bispo ou o Vigário? O Vigário é que tinha de cumprir a ordem; se não a cumprisse, o processo era contra ele por ser

o desobediente: contra o Bispo nunca, como me parece que a relação de Pernambuco nesse sentido resolveu.

"Eu compreendo, Sr. Presidente, concluiu o ilustre advogado, a posição angustiosa em que se acha o venerando Tribunal composto de cidadãos tão eminentes pelo seu saber e virtudes.

"Eu compreendo essa dificil posição, não porque não os repute capazes de grande valor cívico, que é superior ao valor militar, mas porque vejo de um lado o governo armado do seu poder.

"E nós sabemos o que é o governo em nosso país, onde póde tudo! Póde quebrar, se não quiser ser seu instrumento, o magistrado mais altamente colocado, e reduzí-lo a nada. E por outro lado vejo tambem o Tribunal em presença de outra força tão temivel, como a do governo, se não mais. E' essa turba numerosa de escribas que inunda a côrte e as províncias, aterrando a todos e a tudo com a sua linguagem virulenta, que pede o crucificamento deste digno mártir da doutrina da Cruz. (*Muito bem! Muito bem! Sussurro*)

"Eu, portanto, Sr. Presidente, sei a luta que se deve travar na conciência dos magistrados; mas tambem sei que magistrados dignos desse nome, fortes no bom direito, hão de vencer. (*Apoiado!*)

"Senhores! Vós sois homens, sois cidadãos amantes de vossa pátria, sois pais de familia estremecidos por vossa prole, sois católicos, fieis cum-

pridores dos ditames de nossa santa Religião, sois em suma os magistrados mais elevados do país, que procurais sempre resolver e decidir as questões com a maior calma e sabedoria. Além disso, todos vós estais pela vossa idade próximos a dar contas A'quele que foi julgado iniquamente pelos homens e que ha de julgar a vós e a todos os poderosos da terra com maior severidade do que aos outros mortais. Nestas circunstancias, tendes dois caminhos a seguir.

"Se, pondo os olhos em Deus e na lei, com a conciência pura absolverdes o inocente arrastado a este Tribunal por uma perseguição iniqua, vossos nomes serão escritos nos dipticos da imortalidade, a vossa memoria atravessará abençoada a nossa idade e os séculos futuros, aplaudida em vosso país pelos homens não só de nossa crença, mas por todos os que possuem um coração reto e leal.

Se infelizmente seguirdes outro caminho, conquistareis por certo aplausos momentaneos daqueles que anseiam pelo crucificamento deste mártir (*indicando o acusado*); mas neste mundo, severa, a história vos exigirá estreitas contas; no outro... é grande o poder da misericórdia divina: escolhei. (*Muito bem! Muito bem! Fóra, fóra!*)

O Sr. Cons. Candido Mendes teve de parar muitas vezes: os aplausos e os protestos partiam de todos os pontos do Tribunal e das galerias, que

notavam as passagens mais significativas da defesa.

"Durante todo o debate, narra o correspondente do *Jornal de Florence*, a calma de D. Frei Vital foi prodigiosa. Ele não pronunciou siquer uma palavra, nem deu sinal algum de aprovação ou de censura, no meio dos tumultuosos incidentes que sobrevieram."

Quando o Sr. Cons. Candido Mendes se assentou, comovido e comovedor, aconteceu uma cena sublime diante da qual os magistrados e a polícia ficaram impotentes.

"O Sr. Bispo Diocesano, extremamente comovido, abraçou o mártir da Fé e igualmente os dois ilustres defensores. Os católicos precipitavam-se uns sobre os outros, afim de se associarem aos defensores para homenagear o Bispo herói. Todos queriam ser os primeiros a beijar-lhe o anel, indo depois todos egualmente beijar o anel dos outros Exmos. Bispos, e apertar a mão aos dois heróicos defensores, apesar das *risadas amarelas* do grupo maçônico, visivelmente desapontado".

Com muito esforço D. Frei Vital pôde saír á rua. Quando ele entrou no carro com seus ilustres colégas e o carro saiu, um entusiástico e prolongado — *Viva!* — partiu do meio da multidão que enchia a praça e as ruas do Tribunal: *Viva o Sr. Bispo de Olinda!* Depois outros *vivas* aos Srs. Bispos e aos ilustres advogados, que acompanha-

ram ao Arsenal o seu constituinte. O Bispo lhes manifestou repetidos e cordiais agradecimentos.

O Supremo Tribunal ás 15 horas e 40 minutos abriu de novo as portas e o Sr. Presidente procedeu a votação nominal.

O Sr. Ministro Albuquerque declarou que o julgava incurso no crime de simples desobediência.— Somente o Sr. Barão de Pirapama declarou que votava pela nulidade do processo e pela incompetência do Supremo Tribunal. Este foi o único que contestou com a maior energia a competência do Tribunal! — Mas a maioria obedeceu ás ordens do governo, e o Bispo foi condenado a 4 anos de prisão com trabalhos. A seita ficou satisfeita. Cantou vitória!

D. Frei Vital foi o primeiro Bispo, no Brasil, levado á barra do Tribunal, o 163.° funcionário julgado, o 2.° funcionário contra o qual foi proferida uma sentença de condenação, e o *único* que sofreu a pena.

Conta-se que D. A. de Macedo ouvindo lêr a sentença de condenação não pôde contêr as lagrimas que lhe deslizaram pelas faces. D. Vital cercado de amigos em amistosa conversação, interrompeu-a para ouvir imperterrito o *veredictum* e depois continuou a conversar sem a menor comoção: já sabia o que lhe esperava!

O silêncio profundo com que foi recebida a sentença, mostrou logo a suma injustiça do Tri-

bunal e em todas as esferas cultas do Brasil ninguem aprovou o governo opressor da verdade. Viram na sentença uma prepotência sem razão, um desabafo incontido de raiva.

Duas revistas importantes do fôro do Rio de Janeiro, o *Direito* e a *Gazeta Jurídica*, ilustraram a sentença e declaram-na sumamente iniqua e deshonrosa para o Brasil.

Em *Direito* o ilustre A. diz em resumo: "Quando se considera que pelo Supremo Tribunal de Justiça foram julgados sem culpa o Presidente do Maranhão que mandou fabricar moeda falsa; que os Desembargadores de 1831 absolveram os falsificadores das eleições da Vila Parnaíba (São Paulo); que não foi pronunciado o Presidente de Sergipe que rasgara uma petição, que a parte requeria por direito; que nada sofreu o Presidente do Pará, opondo-se ao cumprimento de uma ordem legal de *habeas-corpus;* que ficaram impunes outros inúmeros crimes provados verdadeiros atentados contra a liberdade, propriedade e segurança de ilustres cidadãos, pergunta-se que enorme crime cometeu o Sr. Bispo de Olinda que foi condenado a 4 anos de prisão com trabalhos? Por uma simples desobediencia? Causa espanto! O julgamento ressente-se de injustiça notória e nulidade manifesta."

O vencedor entrou para o cárcere, mas ficou

de pé a questão, pois tinha razão o Prelado para afirmar que a questão era puramente espiritual, como o Supremo Tribunal em julgá-la temporal.

O ilustre Dr. Carlos Frederico Marques Perdigão na revista *Gazeta Jurídica* fez uma análise concienciosa e jurídica, de maior vulto, que, publicada á parte, foi muito lida e aplaudida no Império e no estranjeiro. Reproduziremos somente as conclusões do terceiro ponto do seu estudo:

"Falemos aqui com a franqueza de um homem livre:

Desde a sua origem até a conclusão, este processo é uma página sombria para a nossa história!

E' o transtorno da nossa ordem social!

E' a subversão de todos os princípios, de todas as garantias!

E' o triunfo do erro sobre a verdade, da iniquidade sobre o direito!

E' o suicídio da justiça, ou antes a aplicação cega e ímpia da força em opressão da inocência!

E' enfim uma verdadeira desgraça pública, e tanto mais contristadora quanto inevitavel.

O Sr. D. Vital, Bispo de Pernambuco, condenado a quatro anos de prisão com trabalhos, pelo exercício de uma *função ordinária* do seu santo ministério, é o único brasileiro para quem não existia nenhuma lei.

Não teve nem os direitos de *cidadão*, nem as prerogativas de *Bispo!*

Não gozou nem da sua *alta condição,* nem da condição *comum!*

Que estranho e inconcebivel destino!

Ultima conclusão: A este processo a conciência geral deu já o nome verdadeiro...

A sociedade brasileira deve, pois, ao Sr. D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo diocesano de Pernambuco, a reparação do dano que lhe foi feito; porque, por *invenção* atribuiu-se-lhe um crime; foi entregue á apreciação e discrição absolutas de um Tribunal que, sem competência e por falsa causa o fez prender e lhe impôs uma pena rigorosa separando-o assim do seu rebanho, confundindo-o com os maiores culpados e violando a Constituição do Império...

O Sr. D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, como mártir de uma idéia de sua religião, de suas crenças, que são as nossas, acha-se condenado pelo mais elevado Tribunal, porém absolvido por este país e pela opinião pública que já proferiu seu *veredictum* soberano.

O Sr. Bispo de Pernambuco tem direito á mais solene reparação, á mais completa indenização que possam oferecer os brasileiros. Essa reparação, essa indenização só se póde traduzir pelos sentimentos de uma veneração que lhe tributem todos aqueles para quem os interesses materiais não são o único objetivo, todos aqueles para quem os

princípios de justiça, de moral e de Religião valem alguma cousa e estão *super omnia.*" (71)

Tantas foram as reclamações e os protestos dos jornais católicos e dos Senadores e Deputados que a 13 de Março o *Diário Oficial* anunciava que o Imperador comutava a pena a quatro anos de *prisão simples* na Fortaleza de São João, para onde foi levado a 21 de março.

---

(71) — REIS — Ob. cit. — Pag. 225-332. Eis alguns juizos de pessôas insuspeitas: Foi "um escandalo judiciário" — Barão de Cotegipe. — "A magistratura violou manifestamente a lei penal". — VIVEIRO DE CASTRO, em *Vilhena de Morais — O Gabinete Caxias* — Pag. 126 — "Semelhante veredictum foi bárbaro, cruel" — Marq. de S. Vicente. — "Entristece as almas sãs, reler o libelo crime formulado pelo Procurador da Corôa, declarando-o incurso nas penas do art. 96 do Cod. Crim. com os agravos... isto é, pedindo que fosse metido na cadeia para que em 4 anos de saudaveis trabalhos, se corrigisse e emendasse o excelso sacerdote, que exercendo o seu santo ministério, na plenitude das suas prerrogativas canônicas e sob aupícios da SS. Trindade invocada pela Constituição do Império... e o que é irrisório senão afrontoso na boca da Justiça pelo seu orgão oficial, "impelido por um motivo frívolo ou reprovado com *premeditação* e com *abuso de confiança posta no delinquente*". — A. Barbosa Lima no *Século XX* n.º 6, 1906 — Se conclúe que "A condenação de D. Vital foi uma inaudita monstruosidade." — DR. LUIZ CEDRO, no "Diario de Pernambuco" n.º 1.º Cent. 1925.

CAPITULO XVII

Carta Pastoral do Atanasio Brasileiro — Consagração ao SS. Coração de Jesus

A Fortaleza de S. João está situada junto ao Pão de Assucar, na entrada da maravilhosa baía da Guanabara. Ao poente está o Corcovado, onde agora se levanta magestoso o Cristo Redentor que de braços abertos abençóa o Brasil, o oceano, o mundo inteiro. O ar da fortaleza é um pouco melhor do que no Arsenal de Marinha, tendo sempre alguma viração que a torna mais fresca no verão.

Ali, como no Arsenal, deram-lhe tres quartos. D. Frei Vital os arranjou, destinando o melhor para capela e os outros dois para três pessôas: sala de dormir, salão de recepção e refeitorio. Pobreza franciscana e perfeita alegria!

O Prelado distribuiu o seu tempo, como no Convento, e no Palacio da Soledade, do Recife. Para trabalhar o mais possivel, levantava-se ás 6 horas, porque as frequentes insônias o obrigavam a deitar-se muito tarde, demorando-se a orar na Capéla. Pela manhã celebrava a Missa, recebia quantos o visitavam e depois ocupava-se da correpondência e da leitura. Seus livros predile-

tos eram os Santos Padres e os classicos portugueses.

CARTA PASTORAL. — Seu coração estava no Recife entre o seu querido rebanho. A 25 de março enviava-lhe uma Carta Pastoral, que, imediatamente impressa em *A União,* foi lida em todas as igrejas do diocese e noutras provincias do Império e fóra.

A Pastoral é um grito de dôr por que o Bispo está afastado do seu rebanho, é um protesto enérgico contra os opressôres, e um brado de júbilo porque se ele sofre por Jesus Cristo, vê que todos, Clero e fieis, partilham de sua dôr e de sua coragem. Congratula-se em particular com o Recife, pela fidelidade, que lhe dedica e pela fortaleza a toda prova, que Deus lhe dá contra as maquinações das lojas. A realidade sobrepujou suas esperanças.

Os jornais da seita espalhavam as coisas mais absurdas; sobre tudo que o Bispo não mais tinha autoridade na sua Diocese.

D. Frei Vital tira-lhes este pensamento, duma maneira inequívoca.

> "Hoje aquí sepultado nas ignomínias e na noite sombria do cárcere somos tão Bispo de vossas almas como hontem, lá sentado em nosso sólio episcopal e cercado de todo o préstigio e de

todo o fulgor do poder espiritual, e com Santo Hilário, Bispo de Poitiers, vos dizemos: Somos o vosso Bispo: "*Episcopus sum.*" Numa ilha solitária... no exílio... na morte... sempre somos o vosso bispo: "*Episcopus sum.*

"Ha num cantinho da terra um homem curvado sob o peso de 19 séculos, debil, abandonado de todos e sem apoio humano. Este homem é o venerando Ancião das Colinas Eternas, é o Augusto Vigário de Jesus Cristo. Só esse glorioso mortal, que tem na dextra as chaves do reino dos Céos, e a quem foi dado o poder de atar e desatar, é bastante poderoso para separar-nos de vós, só ele póde desatar os vínculos celestes que a vós nos estreitam.

"Enquanto, porém, sobre os degráus do seu trono, dezenove vezes secular, não depositamos o nosso báculo pastoral, enquanto Pedro não falar pela boca de Pio, seremos o Pastor de vossas almas; e em toda a extensão e redondeza do globo terráqueo, não haverá poder nenhum, á exceção do dele, que nos iniba de dizer-vos com toda a propriedade e verdade: Somos o vosso Bispo: "*Episcopus sum!*"

Depois fala dos inimigos.

E que vantagem tiraram de tudo isto?

A Igreja nasceu, cresceu, e vigorou no seio das perseguições, e por isso nada ha de receiar.

Mas o Estado?
O futuro encarregar-se-á de nos responder!"

E respondeu com o destronamento de D. Pedro II!

D. Frei Vital não se contenta que os fieis deplorem os males, hão de combater as batalhas como verdadeiros soldados de Jesus Cristo, marchando impávidos para os combates do Senhor:

"Animo! Não temamos a multidão... nem as maquinas de guerra; por Deus e não por nós é que pelejamos: Ele ainda esta vez salvar-nos-á infalivelmente!

Irmãos, se algum conselho de Balaão por ventura vos derem, lembrai-vos de que o vosso companheiro d'armas, o vosso chefe, o vosso Bispo, enfim, geme no fundo de um cárcere, e avante!

Recuar... nem uma só linha."

Recomenda coragem, paciência, caridade.

"Jamais se abram as nossas bocas, para deixar escapar, nem sequer, uma só palavra de queixa...

"Pela mansidão, cordura, longanimidade e paciência, os nossos adversários convençam-se que em nosso coração, onde uma só gota de fel não se concentra, só ha mel de caridade e reconheçam

que assim não procede senão quem pugna pela causa santa da verdade.

"Ainda mais procuremos com afim prestar aos que nos perseguem em todas as ocasiões, todos os serviços que estiverem na medida das nossas forças a eles e aos seus pais, esposas, filhos... todo o bem que nos fôr possivel."

Esta magnífica Pastoral lida em todo o Império, e na Europa, suscitou grande entusiásmo, fortaleceu a fé, converteu mações, e promoveu um bem imenso. (72)

Mas se o Bispo estava longe do seu rebanho querido, não o deixou sozinho; mas o pôs debaixo do mais seguro amparo, mandando consagrar a Diocese ao S. Coração de Jesus com a carta de 12 de Junho. (73)

E' uma outra peça maravilhosa de piedade e de zelo do nosso santo Bispo.

A ordem foi recebida com grande entusiásmo em toda a Diocese. Na Sé de Olinda a consa-

---

(72) — D. FR. VITAL — *Carta Pastoral* dirigida do cárcere... — REIS — Obr. cit. — Pags. 536-550. — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XIV-XV.

(73) — D. FR. VITAL — *Carta pastoral* mandando consagrar a sua diocese ao Sagrado Coração de Jesus. — REIS — Ibid. — Pag. 550.

gração foi realizada aos 9 de agosto de 1874. O concurso dos fieis á ceremônia e ás funções fazia relembrar a piedade e as solenidades dos desagravos de novembro de 1872. Isto deu aos Padres a certeza de que aos fieis aprazia a continuação da linha traçada pelo heróico Pastor. (74)

---

(74) — No volume das pastorais que possúe o Revmo. Sr. Con. Jeronímo d'Assunção DD. Vigário de Bôa-Vista encontramos a fórmula da Consagração ao SS. Coração de Jesus que por brevidade omitimos, mas agradecemos ao Revmo. a notícia.

CAPITULO XVIII

Preseguições do Governo — Liberdade de D. Frei Vital

O governo sentiu-se ridicularizado porque não se publicava a carta do Card. Antonelli. Trabalhou para obter do Papa uma confirmação; encarregou o Sr. Barão de Alhandra; enviou o Sr. Visconde de Araguaia; mas Roma já ciente de que o governo violara as imunidades eclesiásticas, respondeu *non possumus*, protestando contra a condenação dos Bispos (tambem o do Pará) e negou copia da "*carta fatal*" como a chama D. Macedo Costa, ou melhor, mandou destruí-la.

O governo tentou atrair o Exmo. D. Macedo Costa encarcerado na Ilha das Cobras.

Mas D. Frei Vital com o seu fino tato desviou o perigo e D. Antônio respondeu nobremente aos emissários: "Estou aquí na prisão, exercendo uma função pontifical. Antes quero morrer, do que fazer um ato indígno que me cobriria de vergonha aos olhos de minha conciência e aos de Deus." Por isso, depois, mereceu ser Primaz do Brasil, como lhe tinha anunciado D. Fr. Vital. (75)

---

(75) — D. MACEDO COSTA — *A questão religiosa* — Pags. 138 e 207. — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 257. Carta de 12 de agosto de 1875.

Então, o Governo enveredou pelo caminho da mais encarniçada perseguição.

Confirmou os Srs. Governadores do Bispado de Olinda, nomeados pelo Prelado, e mandou que reconhecessem o levantamento do interdito feito pelo governo. Os dignos Governadores, porém, responderam que o interdito era reservado pessoalmente ao Sr. Bispo, que eles nada podiam fazer. Em todo o caso responsavel era somente o 1.º Governador, então no desempenho da autoridade.

O governo tentou o cisma entre o clero, mas o encontrou unido, forte, destemido.

Esforçou-se por vencê-lo pela fome, negando os ordenados devidos aos Vigários, e aos professores do Seminário. D. Frei Vital lhes mandou as esmolas que lhe chegavam á prisão, enviando-lhes parabens pela coragem e alegria nos combates.

Por fim, o governo pronunciou a condenação contra os governadores. O primeiro foi condenado a quatro anos de prisão com trabalhos, comutados em um ano de desterro fóra da Diocese. O segundo teve 6 anos de condenação, e já estava pronunciado o terceiro quando interveiu a anistia! Com eles foram encarcerados ou afastados do Recife tambem os fieis e as pessôas influêntes. Entre estas pessôas estavam nove Padres Jesuitas, acusados de promoverem a revolução no Norte do Brasil, de acôrdo com o Bispo e o Clero.

Mentira! A verdade é que o governo quis tirar os sustentáculos da Igreja de Olinda. Nenhuma parte tomaram os Jesuitas nesses movimentos. Mas aconteceu o que D. Frei Vital já prognosticara ao Ministro do Império desde 22 de fevereiro de 1873. Causa da revolução foram as novas leis. O próprio governo teve de recomendar aos Missionários Capuchinhos que acalmassem o povo, reconhecendo que os impostos, a lei militar, etc., foram a causa da revolução e não os Bispos nem os Jesuitas. (76)

Todos os dias os jornais do governo atribuiam ao clero e ao povo católico os crimes mais grosseiros. Poucos, porém, acreditavam nesta infamia; porque logo os jornais, os deputados e senadores católicos no Parlamento, tiravam-lhes a máscara, deixando o governo mais humilhado e em dificultosa situação.

O Prelado tambem não estava calado e respondia francamente:

Verbum Dei non est alligatum "A palavra de Deus não está ligada."

Estas palavras de São Paulo foram tambem o estandarte de D. Frei Vital. Era de maravilhar como um Bispo, preso, cercado de ameaças e de espiões, não tinha medo das prepotências do gover-

---

(76) — D. FR. VITAL — *A Maçonaria e os Jesuitas* — REIS — Obr. cit. — Pags. 566-705.

no. Mas quem conhece o seu caráter franco, limpo, e como odiava a mentira, repetirá que foi ele um herói inabalavel, o *homem de espanto,* o Atanásio Brasileiro.

Naquele tempo de tanta fraqueza de carateres, em que jamais se vira alguem sustentar os direitos divinos da Religião, era mister um homem assim: Deus suscitou o humilde frade capuchinho, e o tornou Bispo duma grande Diocese.

Era pouco. Levou-o á prisão na capital dum grande Império, como centro de irradiação. Mentiras e verdades ali se espalham mais cedo. Ha ainda gente, porém, que sabe discutir, desmascarar a mentira, encontrar a verdade e apreciar o que é justo. Foi a luz sobre o alqueire para que ninguem, em bôa fé, ficasse ignorando as verdades mais necessárias, e que não se póde juntar Cristo a Belial. O nosso Bispo no cárcere alcançou mais fruto do que se tivesse vivido tranquilo na Sé de Olinda.

Ele seguia os acontecimentos, lia os jornais e publicava os esclarecimentos necessários.

Quando o Deputado Dr. Tarquinio de Souza apresentou a petição dos professores do Seminário de Olinda, que estavam privados dos seus vencimentos, o Exmo. Minístro do Império declarou que o próprio *D. Vital pedira para que estes vencimentos fossem entregues ao Bispo.*

No dia seguinte o Bispo declarava que pediu os vencimentos e que o Sr. Ministro prometeu, mas que *nunca lhe foram entregues*, e que até o dia da prisão, todos receberam seus ordenados diretamente da Tesouraria.

O governo, para esconder sua maldade, respondeu pelo *Jornal do Comercio*, mas ladeando a questão... D. Frei Vital no mesmo dia respondeu-lhe de fórma esmagadora... ficando estabelecido que o Sr. Ministro prometeu, mas... nunca semelhante pagamento se realizou... E por que razão, havendo ordens expressas do governo imperial para serem entregues ao Bispo os vencimentos dos professores do Seminário de Olinda, continuou a Tesouraria a pagá-los *diretamente* aos próprios lentes?

Aplaudiram deputados e senadores católicos e felicitaram o Bispo, publicando outrosim artigos no *Jornal do Comercio* e no *Apóstolo* que o desvio não foi culpa do Bispo, mas do governo. (77)

Quando o governo mandou responsabilizar os governadores para que de *qualquer forma* reconhecessem o levantamento do interdito feito pelo Juiz de Capélas, o Prelado declarava que a nenhum dos Governadores, por ele nomeados, seria possivel levantar os interditos, por lhes faltarem os

---

(77) — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pag. 367.

poderes. Os delegados do Bispo, só podem governar dentro dos limites assinalados. De sorte que, se por ventura algum dos Governadores, cedendo ás ameaças e vexames levantasse os interditos, fóra das hipoteses da *retratação* ou eliminação dos mações, o ato seria de pleno direito nulo, como foi o do Sr. Dr. Juiz de Capelas. Responsabilizar sacerdotes por um ato para o qual lhes falta jurisdição, é injustiça clamorosa. Se nisto alguma responsabilidade deve haver, é do Bispo que não quis ou não pôde outorgar tal faculdade; tanto mais que a questão estava afeta á Santa Sé.

O governo desterrara os Jesuitas do Recife, e D. Frei Vital escreveu a Carta *A Maçonaria e os Jesuitas*. (78)

E' um trabalho luminoso e eruditissimo de 139 paginas que foi reproduzido em varias folhas católicas do Império. Ecoou tambem na Europa com os maiores elogios e foi impresso em livro com prologo e notas, na cidade de Guimarães (Portugal) em 1876. E' uma pastoral esmagadora que até hoje não foi refutada. Ela tem alguma coisa de profético: a Igreja triunfou e destronou aqueles que sustentaram a seita.

---

(78) — FREI LUIZ — *Vida* — Cap. XVII — *D. Frei Vital: A Maçonaria e os Jesuitas*, editada diversas vezes.

CAPITULO XIX

Missão de D. Frei Vital no carcere

No dia seguinte ao da sua chegada á fortaleza de S. João, principiaram as romarias para lá como a um Santuário. Desde os primeiros dias em que foi preso recebeu cartas lisonjeiras de protestos de respeito e devotamento de todos os pontos do Brasil.

O Cabido, o Clero de Olinda e a *União Catolica,* apresentaram-lhe as homenagens da sua admiração e obediência; Ordens e Associações religiosas, Deputados e Senadores felicitavam-no pela sua fortaleza; Colégios eleitorais e Municípios enviaram protestos, homenagens e representantes, encorajando-o a continuar a luta. Damos alguns nomes entre tantos que ocupam 20 paginas na obra do Dr. Manuel dos Reis.

Os Exmos. Arcebispo Primaz e Bispos de Mariana, São Paulo, Diamantina, Goiaz, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro; e entre os estrangeiros os bispos de Guarda, Braga e Angra (Portugal), Chartres na França, Lerino (Napoles), o Arcebispo de Santiago, os Bispos de Concepción, Himerio com Clero e fieis, de La Serena, (Chile), Arceb. de Haiti e de Buenos-Aires.

Professores a alunos do Colégio Pio Latino-Americano, Associação das Obras Pontifícias da Belgica, Associação Católica da Grã Bretanha e de Portugal.

Municipios e Camaras: Pomba, Ouro Preto. Juiz de Fóra, Itapetinga, S. João de Capivaras, Taubaté, Jundiai, Serafin, Tatuí, Itú, Caçapava, Casa Branca, S. João d'El-Rei, Caeté, Ubá, S. Miguel (Diamantina), Formiga, Dores, Maceió, Rio Novo, Macaé, Vila Imperatriz (Alagôas), Barbacena, Bonfim, Mercê, Mar de Espanha, França do Imperador.

Em muitas cidades e freguesias assinaram-se petições ao parlamento, e a S. M. o Imperador, para a libertação dos Bispos mártires. O lugar de honra pertence a Minas Gerais que apresentou 51.129 assinaturas; depois o Ceará com 31.325, o Pará com 6.000, e Pernambuco com 12.680, S. João d'El-Rei com 226, Campanha 360, Mercês de Mar de Espanha 260, Constituição (S. Paulo) 110, Ceará-Mirim 34, Caçapava 23, Lençóes 2.321, Pinheiros 62, Bagagem 302, Uberaba, etc.

Petições a S. M. o Imperador: apresentaram o Arcebispo Primaz, e os Bispos do Rio de Janeiro e de Mariana; os Municípios de Ubá, Barbacena, Bonfim de Vila de Matos e outros; tambem as senhoras da Baia, do Rio de Janeiro, em número de 6000, as senhoras do Pará e 2051 da Baia assinaram uma petição a S. M. a Imperatriz.

Do Ceará veiu outra petição de 5.134 assinaturas apresentando denúncia contra os Ministros Visconde do Rio Branco, Dr. J. Alfredo Correia de Oliveira, e Visconde de Caravelas, incursos no crime de maquinarem contra a Religião do Estado e crime conexo de suborno. A petição foi apresentada ao Parlamento pelo Dr. Leandro Bezerra, Deputado por Sergipe. Examinada de surpresa por três mações não só a rejeitaram mas queriam torná-la um triunfo para o Ministério.

O Sr. Ferreira Viana, encetando o combate, mostrou patente a inépcia da comissão especial que concluira desculpando o ato dos Ministros. "Se os culpados não eram os Ministros, não era o Supremo Tribunal de Justiça, não era o delegado do Imperador em Pernambuco, quem seria então o grande culpado? Talvez a seita?" — perguntou o orador. Ninguem contestou; ninguem redarguiu. Os ministros sentiram-se fulminados, porque não assumindo a responsabilidade, se se isentavam da culpa, ficavam humilhados como cobardes.

E' supérfluo tambem dizer que se orava. Em Pernambuco todos os dias havia exposição do SSmo. Sacramento, e súplicas pela libertação do seu Pastor.

No Rio de Janeiro havia Missa marcada nas diversas igrejas ás 8 horas todos os dias; da mesma fórma se orava em todo o Brasil.

Além disso, alguns católicos iniciaram uma subscrição para sustentar os Bispos presos e o Clero privado pelo governo das congruas.

E' claro que tudo isso confortava muito os dois destemidos confessores da Fé. A prisão converteu-se em um templo augusto e as figuras dos Bispos tornaram-se alvo de extraordinária simpatia das populações católicas do país.

Para lá se encaminhavam de todos os pontos do Império para vê-los, para ouví-los, admirá-los e receber a benção dos mártires, que tudo tinham sacrificado pela Fé, novos mártires das masmorras do Rio de Janeiro.

Os fieis, quasi todos os dias, vinham em romarias numerosas para assistir ao santo sacrificio da Missa e receber a santa Comunhão das mãos dos Bispos. Duas romarias em particular foram numerosas e interessantes; a de junho, e a de setembro de 1874, com milhares de fieis, de todas as classes, povo e nobres, senadores e advogados.

Tanta foi a estima por D. Frei Vital, que recebeu visitas tambem de S. A. I. a Princeza Isabel e por intermédio dela pôde chamar do Recife os seminaristas e na fortaleza de S. João ordená-los sacerdotes.

Entre os afortunados lembram-se os Padres João Moura e Temistocles G. de Andrade.

Sobremaneira os confortava o bem espiritual que surgira da perseguição. Aumento de fé e de

fervor, frequencia dos sacramentos, estudo das questões religiosas e das verdades católicas, leitura das Cartas do Papa e dos Bispos, como dos jornais católicos. Daí conversão de muitos iludidos pela maçonaria, ou que até então não ligaram muita importancia á vida e ás praticas cristãs.

D. Frei Vital pôde escrever: "O Bispo teve ainda o júbilo inefavel de receber, ele mesmo, a abjuração de muitos mações leigos, sobretudo no momento da sua prisão e durante todo o tempo que demorou na fortaleza de S. João." (79)

Outra ocasião de apostolado para D. Frei Vital foi a febre amarela, que rebentou entre os guardas, no mês de Julho de 1874, com tanta fúria e violência que fazia horror.

O Prelado se fez capelão voluntário, generoso, sem preocupação do contágio. Visitava-os todos os dias, consolava-os, exortava-os á paciência e á coragem; sobretudo os instruia. A ignorancia religiosa entre os soldados em geral é grande; muitos nada sabiam de catecismo, nunca se tinham confessado nem comungado, alguns não eram crismados. Ele punha-se á cabeceira dos doentes, ensinava as primeiras verdades da Fé, repetia-lhes as orações, e antes que morressem, os confessava, administrava a SSma. Comunhão e os crismava. Ninguem escapava ao seu zelo.

---

(79) — REIS — Obr. cit. — Pags. 372-377 e 789-804. — D. FR. VITAL — *Resumo histórico*.

Era uma bela e grande missão, na qual todavia não lhe podia faltar a provação.

O comandante da guarnição, mação como era, proibiu ao Bispo ter relações com os soldados; reservando-se o direito de chama-lo quando julgasse oportuno. A' rispidez e á falta de educação uniu zombarias de máu gosto: mandava chamar depressa o Prelado algumas horas depois que o doente tinha falecido... E vendo o Bispo aflito por ter chegado tarde, o comandante dava uma gargalhada... O bárbaro insulto renovou-se muitas vezes de dia e de noite.

E D. Frei Vital? Retirava-se calado sem manifestar a minima emoção, para não exasperar ao seu carcereiro e ser impedido o pouco bem que ainda pudesse fazer num apostolado que não conhecia limites. (80)

---

(80) — FREI LUIZ — *Vida* — Pag. 256.

CAPITULO XX

Os protestos da Santa Sé—Um cartaa a D.Pedro II

O Papa é o grande e, muitas vezes, o único defensor da verdade como da inocência oprimida; mormente dos Prelados que defendem os direitos de Deus e da S. Igreja. Pois não podia faltar o protesto da S. Sé contra os atos do governo, nem o conforto aos Bispos perseguidos.

Parece que o Nuncio não comunicára oportunamente ao S. Padre quanto se fazia contra os Bispos, talvez se contentando em protestar só após consumado o crime. E o protesto foi tão simples, tão moderado que deu ao Sr. Ministro Caravelas a ousadia de responder de fórma indigna dum governo católico, *cruel, aspera, brutal,* como a denunciaram os deputados católicos no Parlamento, enquanto o Sr. Ministro declarava que o protesto era *impertinente e nulo!*

Imagine, pois, o leitor como terá ficado o Sumo Pontífice quando do Governador do Bispado de Olinda recebeu a notícia da condenação do Bispo.

O Papa respondeu, exprimindo o acerbo pesar que sentira ao saber do sacrilego desacato. "Essa injuria necessariamente aparecia-lhe mais indigna porque era feita no mesmo tempo em que o en-

viado do Brasil dava palavra *expressa* que nenhum ato hostil se teria feito contra o Bispo de Olinda."

Recebendo o Patriciado romano, o S. Padre aludiu aos acontecimentos do Brasil, com estas memoraveis palavras: "Agora mesmo se encarcerou, no Império do Brasil, um Bispo por ter condenado os mações, condenados muitas vezes por esta S. Sé. Quis-se ferir o justo para sustentar os setários. E tudo isto se fez contra a palavra dada por aquele que representava o governo".

De ordem do S. Padre o Emo. Card. Antonelli protestava, anunciando a dolorosa surpresa que lhe causou a notícia da condenação do nosso Bispo. Este fato bastante desagradavel em si e pela violação da imunidade eclesiástica, alterava as bôas disposições de Sua Santidade para levantar os interditos.

Enquanto o governo insistia pela publicação e execução da Carta fatal, o Sr. Cardial respondia que o S. Padre, já disposto para pôr termo ao conflito, confiava que o governo lhe viesse ao encontro, e nunca podia supôr que este favor fosse a prisão do Prelado e a condenação a quatro anos de trabalhos forçados, por ter cumprido o seu dever. Se o S. Padre tivesse imaginado isto, se teria achado na impossibilidade de prestar-se a qualquer benigna disposição.

Em palavras claras, dizia que nunca teria enviado a Carta afamada, nem dado aquelas dispo-

sições!... E que *a causa dos Bispos tornava-se causa do próprio Sumo Pontífice.* (81)

No dia 1.º de abril o S. Padre respondia ás duvidas de D. Frei Vital, declarando inutil e inoportuna a carta do Card. Antonelli, declarando-se alegre com a fortaleza digna do seu caráter com que tolerava a injusta condenação.

Iguais palavras de protesto e de estímulo têm as cartas de 18 de maio a D. Macedo Costa, a de 26 de agosto a D. Frei Vital, e tambem as das senhoras do Rio de Janeiro e do Exmo. Sr. Governador do Bispado de Olinda. (82)

Entre todas merece ser conhecida a Carta do Sumo Pontífice Pio IX a S. M. o Imperador D. Pedro II, pela palavra franca em defesa dos Bispos condenados injustamente.

> "Insinuou-me o Ministro de V. Majestade junto a esta Santa Sé, que escrevesse a V. M. sobre o caso dos Bispos súditos seus e dos mações, que igualmente o são.
>
> Não posso, entretanto, escrever no sentido insinuado pelo Sr. Ministro, uma vez que os Bispos, ainda pelos mais recentes relatórios que te-

---

(81) — BARÃO DE PENEDO — *Missão espec.* — Pg. 103 e D. MACEDO COSTA — Ibidem pag. 189-91.

(82) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. 235-262 — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XVII.

nho á vista, conduziram-se perfeitamente bem, de conformidade com as leis canônicas; como todavia, não estão de acôrdo as leis civis com as leis canônicas, não podia deixar de surgir um disidio. Em substancia pede o Ministro a reabertura das igrejas interditas e semelhante ordem não creio eu possa dá-la enquanto não virem restituidos á antiga liberdade os Bispos que, de acordo com as leis canônicas, se acham injustamente encarcerados. Aliás a soberana prerogativa de conceder indulto está sempre ao arbítrio de V. M. que póde fazer o que lhe apraz. Concedida essa graça, *é certo que as igrejas,* ora em parte fechadas, serão *imediatamente abertas, contanto, porém, que se afastem os mações dos cargos que exercem nas irmandades.* Os mações do Brasil — dirá o Sr. Ministro — são diferentes dos mações da Europa. Bem sei, porém, que absolutamente não diferem dos que eá existem e que têm as mesmas tendências, as mesmas regras, o mesmo objetivo: e assim como estão condenados pela Igreja os mações da Europa, não resta duvida que incidam os mações da America na mesma condenação.

Majestade! Rogo-lhe que reflita que devemos todos comparecer perante o tribunal de Deus e que quanto mais alto estiver alguem, mais severo ha de ser o ajuste de contas; razão pela qual enquanto vivos peregrinarmos por este mundo, é mister que

façamos tudo quanto se acha ao nosso alcance, para prevenirmos um juizo severo e sem apelação.

Oro por V. M., suplicando humildemente a Deus queira conceder-lhe, pela intercessão da Virgem SS., salutares conselhos e a graça necessária para traduzí-los em obra. *Liberte os Bispos e ponha termo a essa dolorosa história.* E' o que espero do generoso coração de V. M. a quem concedo, bem como á Augusta Família a Benção Apostólica.

Do Vaticano — 9 de Fevereiro de 1875.

(ass.) *Pio PP IX.* (83)

Esta carta nos diz muitas coisas:

1.°) O governo não dormia num leito de rosas, sentia o máu estar, conhecia ter-se lançado num bêco sem saida e insistia para que o Papa levantasse os *interditos,* sem nenhuma promessa ou proposta de reconhecer seu erro e injustiça.

2 °) O Papa declara que os Bispos conduziram-se perfeitamente segundo as leis canônicas; a condenação era injustissima; todo o mundo o proclamava. D. Pedro tinha um expediente facílimo: a *anistia.* — "Solte os Bispos, responde o Papa, e as igrejas serão imediatamente abertas."

Afinal os Bispos eram súditos de S. M. co-

---

(83) — DR. E. VILHENA DE MORAIS — *O Gabinete Caxias* — Pags. 141-49.

mo os mações; estes da América estão condenados como os da Europa; porque em nada diferem; têm as mesmas tendências, as mesmas regras, os mesmos objetivos...

Não parece que D. Pedro II ligasse muita importancia a esta Carta, de certo não conforme a seus desejos. De fato, quando o Sr. Duque de Caxias propôs a *anistia*, o Imperador respondeu: "Faço votos para que as intenções do Ministério sejam compensadas pelo resultado do ato da anistia, mas não tenho esperança nisso." (84) Ou D. Pedro tinha esquecido a promessa do Papa, ou não acreditava nela; duas coisas imperdoaveis, como a terceira quando declarava que "na questão nada havia de religioso" (?!).

Mas a libertação dos Bispos que nem os protestos do Papa, nem os do Brasil e do mundo alcançaram, foi solucionada por uma simples ordem do dia no Parlamento. O Ministério Rio Branco, foi vencido por votos desfavoraveis, e teve de renunciar.

---

(84) — Cf. Cartas de D. Pedro II ao Barão de Cotegipe, por VANDERLEI PINHO—Brasiliana—São Paulo, 1933 — Pags. 239-45.

PARTE III

VITORIA E OCASO

CAPITULO XXI

Anistia — Demonstrações de Regosijo

Deante da queda do Gabinete de 7 de março, D. Pedro II fez apêlo ao patriotismo do Exmo. Sr. General Duque de Caxias. Este grande filho do Brasil, vencedor do Paraguai e devotado á monarquia e ao Imperador, se bem que idoso e doente, atendeu e organizou o novo Ministério mas sob a condição de anistiar os Bispos e acabar com a questão religiosa. O Imperador, adversário renhido da anistia, teve de se dobrar deante da necessidade politica: — Deus brinca no mundo!

Eis como o exmo. Sr. Barão de Cotegipe descrevia o máu estar de toda a nação:

> "A' anarquia dos negóeios eclesiásticos, ao estremecimento das relações entre a Igreja e o Estado, ao desasossego das conciências profundamente perturbadas, ao cisma a ensaiar-se, acresciam acontecimentos de outra ordem.

Imprudentes especuladores aproveitavam esses germes de descontentamento para desvairar a opinião, fomentar tumultos no seio da população rude do interior; tendência essa tanto mais perigosa quanto a aproximação da quadra eleitoral e a execução da nova lei do alistamento militar ofereciam ensejo á desordens.

Em tal estado de coisas, atentas as circunstancias sucintamente esboçadas, entendeu o gabinete, a que me honro de pertencer, que era conveniente e oportuno propôr á Corôa a anistia e em bôa hora a obteve... Solicitamos essa medida *altamente política,* como uma das de que mais careciamos para continuar com a responsabilidade do governo. Esperamos que este ato produza as mais salutares consequências." (85)

Falou-se tambem de uma intervenção pessoal do Sr. Conde d'Eu e da Princêsa Imperial junto ao Imperador.

Afinal, pela energia do Ministério, aos 17 de setembro o *Diario Oficial* publicou estas linhas:

"Tomando em consideração a proposta que me fez o meu Conselho dos Ministros e tendo sobre ela

---

(85) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pags. 266-271.

ouvido o Conselho do Estado, hei por bem, no exercício da atribuição que me confere o art. 101 § 9 da Constituição decretar o seguinte:

Art. Unico — Ficam anistiados os Bispos, Governadores e outros Eclesiásticos das Dioceses de Olinda e do Pará, que se acham envolvidos no conflito suscitado em consequência dos interditos postos a algumas irmandades das referidas Dioceses, e em perpétuo silêncio os processos que por esse motivo tenham sido instaurados. — *D. Pedro II.*" (86)

O Imperador até então tinha fechado os olhos e os ouvidos para não ver e não ouvir os brados do mundo e em particular do Brasil, que pediam a libertação dos Bispos. Ao menos viu as festas, os regosijos com que o povo recebeu a noticia da anistia, e leu, — quem sabe como? — as cartas de agradecimento que lhe chegaram de todo o império!

As assembléias provinciais de Minas Gerais, da Paraíba do Norte, do Rio de Janeiro, os Conselhos municipais de Caçapava, Tamanduá, Taubaté, Ouro Preto, Porto Alegre, Dores, saudaram com entusiásmo a volta da paz e da justiça.

---

(86) — DR. DOS REIS — Obr. cit. — Pag. 20 — Nota 12

Em todas as partes os Vigários reuniram as associações católicas e promoveram conferências, festas, *Te-Deums,* e toda a sorte de festejos populares em regosijo pela liberdade dada aos dois Bispos. Em suma, foi uma ruidosa e alvoroçada manifestação que rebentou em todo o Império, e dizia que a nação estava satisfeita com este ato de reparação. "A fibra religiosa de um povo nunca é ferida impunemente, e foi sempre máu cálculo político abrir lutas com a Igreja." (87)

Na madrugada de 18 já numerosa multidão de amigos e admiradores estava perto da fortaleza de S. João.

D. Pedro M. de Lacerda foi buscar D. Antonio de Macedo Costa na ilha das Cobras e juntos foram ao encontro de D. Fr. Vital. Quando este apareceu, houve prolongada salva de palmas e se ergueram vivas aos heróis.

Os Prelados seguidos de admiradores e do povo dirigiram-se ao Paço de S. Cristovão para homenagear a S. M. o Imperador e á Familia Imperial.

Dalí passaram a agradecer ao Exmo. Sr. Presidente do Conselho, sendo recebidos com fidalguia, e demonstração de estima e desejo de resolver pacificamente as questões pendentes.

---

(87) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pag. 288.

Depois de demorada visita ao Exmo. Internúncio, os dois Bispos recolheram-se ao Convento dos Capuchinhos no Morro do Castelo, sempre em toda parte acompanhados pelo povo que os aplaudia, e se retirou após repetidas bençãos.

Os filhos de S. Francisco, honrados por esta hospedagem, abraçaram-nos com o respeito e a devoção que mereciam, e cuidaram de aliviar-lhes os sofrimentos da prisão, e de lhes tornar agradavel a morada, dando-lhes todo o conforto possivel.

Ao anoitecer toda a cidade mostrou seu regosijo. Os conventos, as igrejas, os colégios católicos, seguidos por muitas casas particulares, iluminaram festivamente as suas fachadas.

Durante uma semana inteira houve uma verdadeira e continua romaria de visitas de senadores, deputados, magistrados, oficiais, padres, religiosos, nobres e povo, delegações de associações católicas de homens, de senhoras e de operários, não só do Rio como tambem das Províncias. Acorriam todos ao Convento para manifestar aos Bispos sua singela satisfação em vê-los libertados, e receber a sua benção.

Realizou-se uma recepção soleníssima no Seminário Maior preparada por D. Pedro M. de Lacerda. Alí se reuniram os dois seminários e numerosos padres do Clero secular e regular para homenagear os ilustres Prelados.

Um e outro falaram das vantagens da perseguição e da coragem necessária aos Ministros de Jesus Cristo, consolando-se e regosijando-se mutuamente. D. João Esberard, presente a essa festa de família, contava, mais tarde, a comoção que invadiu todos os presentes ao ouvirem as palavras tão autorizadas dos confessores da Fé. (88)

Solto, o nosso Bispo escreveu logo uma carta ao S. Padre Pio IX para anunciar-lhe a sua libertação.

Depois, com uma magnífica Pastoral participou a mesma auspiciosa notícia á querida diocese afim de que tirasse o luto e agradecesse a Nosso Senhor .

Escrevia D. Fr. Vital:

> "Relaxaram-se afinal, as cadeias da nossa prisão, escancararam-se as portas do nosso cárcere. Estamos livres! Deus, olhando lá do alto do céo, viu a tribulação do seu povo...; clemente deseeu com a sua graça, veiu com o seu poder consolar o aflito e descativar o encarcerado".

Sua alegria, porém, não é completa, porque o Papa está prisioneiro e a Igreja ainda peleja; mas sabemos que tudo servirá para o nosso triunfo.

---

(88) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 299-302.

Que vantagens trouxe a perseguição?

1.°) Mostrou a malicia e impotência da impiedade e a força da Igreja; 2.°) distinguiu os verdadeiros pastores dos mercenários; 3.°) o verdadeiro do falso cristão; 4.°) robusteceu, como nunca, a fé e a tornou frutifera. Romarias, procissões confissões e comunhões frequentes, novas obras, novas associações católicas, conferências vicentinas, novos jornais, vozes eloquentes no parlamento e conversões estupendas.

Agora desejaria voar a seu rebanho e gozar da vitória, mas o dever o chama a Roma, a venerar os sepulcros dos Apóstolos, e dos mártires, apresentar seu relatório ao Vigário de Jesus Cristo, homenageá-lo em nome de seu fiel rebanho, que lutòu ao lado do Pastor; e de lá trazer novas forças para o futuro. Orem á Virgem SSma. e se Deus quiser, voltará bem cedo.

Enfim entòa o hino de agradecimento a todos os bons fieis que participaram das suas dores e aflições, a todos que o auxiliaram, aos milhares que o visitaram, ás centenas de milhares que mandaram cartas cheias de animação.

Estas mensagens, ele as recebeu, de todos os recantos da sua Diocese, de todo o Brasil, da América do Sul e do Norte, de Portugal, da Espanha, da Italia, França, Belgica, Suissa, Alemanha, Inglaterra... até da Asia longinqua. Recebeu-as de todas as classes da sociedade... Bispos, Arcebis-

pos, Cardiais, até do próprio Vigário de Jesus Cristo.

Agradece, em particular, ao Sr. Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro M. de Lacerda, que com o seu Clero e povo caridoso o assistiu com inefavel carinho. Agradece aos denodados campeões da fé, que no Parlamento e no Senado pugnaram pelos direitos da Igreja, que com tanta sobranceria e desinteresse alçaram a voz eloquente em prol da causa da verdade e da justiça.

Agradece enfim aos oficiais de terra e de mar, que sempre lhe foram delicados. (89)

Tendo avisado previamente ao Sr. Ministro do Império de sua viagem a Roma, aos 4 de outubro, festa do Pai S. Francisco de Assis, embarcava no *Corcovado* (navio inglês), em demanda de Roma (90).

---

(89) — D. FR. VITAL — Carta Pastoral anunciando o termo da sua reclusão e a sua viagem *ad limina Apostolorum*.

(90) — FR. LUIZ — *Vida* -- Pags. 302-306.

CAPITULO XXII

Na França — Em Roma — Luta pela verdade

O *Corcovado* atracou no porto de Bordéos pela manhã de 25 de outubro. A viagem não tinha sido muito bôa, sobre tudo depois de dezoito mêses, passados em prisão insalubre. O Vigario de São Severino oferecera-lhe uma hospedagem carinhosa para que, recuperando as forças, melhorasse a saúde alquebrada.

Mas D. Fr. Vital agradecendo, recusou. Aos 28 foi a Lourdes, para colocar os interesses religiosos da sua patria sob a proteção da SSma. Virgem Imaculada. Aos 30 visitou, em Tolosa, os Irmãos de habito, que o receberam com afetuosa veneração, lembrando-lhe os belos dias ali passados na sua mocidade e reviu com santa emoção a igreja da Imaculada Conceição de Matabieau, onde tinha recebido a sagrada ordem do sacerdocio eterno.

Aos 4 de novembro viajou para Marselha, Genova, Florença. Passou um dia em Assis, junto ao sepulcro do Pai São Francisco e a 9 do mesmo, a tarde, chegava ao Hospicio dos *Santos Quatro Coroados*, onde os Irmãos Capuchinhos o receberam com toda a honra e respeito.

No dia seguinte foi logo recebido pelo Santo Padre, o imortal Papa Pio IX.

Que se passou entre os dois naquela primeira audiência?

D. Antônio de Macedo Costa, que de certo devia estar bem ao corrente das cousas, nos conta essa recepção da maneira seguinte:

"Chegou á metropole do mundo católico D. Fr. Vital em 9 de novembro de 1875, e sem embargo da contrariedade que sua presença causava a certa roda, foi logo admitido pelo Sumo Pontífice em audiência privada no seu gabinete particular, recebendo logo do Pai comum dos fieis as mais significativas provas do bom agasalho e carinho.

Tanto que o Santo Padre o viu prostrado em sua presença (ficou em memória esta cena para quantos comovidos a testemunharam), abaixando para ele a majestade do Soberano e do Pontífice, estendeu-lhe paternalmente os braços e o teve algum tempo estreitado ao peito, dizendo-lhe as palavras mais afetuosas e animadoras.

"*Mio caro Olinda! Mio caro Olinda!*" exclamava Pio IX.

Causou a todos maravilha o saír assim o Papa de todos os estilos, nessa extraordinária manifestação de vivo afeto e singular estima em que tinha o apostólico Prelado. Logo depois mandou Mons.

Jacobini, Secretário da Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, com um oficial da mesma Secretaria fazer, em nome do Augusto Pontífice, uma visita ao digno Prelado, (prova de consideração esta que os Papas só fazem aos Bispos mais beneméritos da Igreja), e oferecer-lhe de parte de Sua Santidade duas grandes medalhas, uma de ouro, outra de patra." (91)

Não foi igual a maneira com que o recebeu o Sr. Cardial Antonelli. Este a queima roupa anunciou-lhe que déra ordem para levantar os interditos e *publicar* a carta fatal de 18 de dezembro.

D. Fr. Vital não perdeu a calma, nem desanimou; fez apêlo ao auxílio do Alto, e pediu o resumo das instruções enviadas á Nunciatura.

No dia seguinte, foi ao Vaticano, para se entender com a Suprema Autoridade. Quando o S. Padre ouviu tudo isto, teve tamanho assombro, que só pôde acreditar quando D. Fr. Vital exibiu-lhe o documento!

Então o Papa pediu um relatório no mais breve tempo possivel, relatório que alguns dias depois estava nas mãos do S. Padre.

O nosso Bispo no relatório demonstrou que a carta fatal destruia formalmente os Breves de 29

---

(91) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pags. 288-89 e 293. — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XIX.

de maio e de 26 de agosto. Não só as ordens do Cardial tinham sido declaradas inoportunas, mas o Papa reconhecera a falsidade das relações do Sr. Barão de Penedo, pelas quais, sem ser ouvidos, foram censurados os Prelados beneméritos. A censura destruia a obra iniciada; mais tarde ninguem poderia reiniciar a depuração das Irmandades. Mostrou desnorteado o Episcopado Brasileiro, por tudo que se tem dito e feito, e ao contrário do que se pensava em Roma, provou que ele tinha executado o Breve *Quamquam dolores*, de que a carta é flagrante contradição.

Concluia:

"ou dar razão aos Bispos e sustentá-los, ou abrir as portas aos lobos, humilhar os Bispos e tornar insustentavel a posição e autoridade dos Pastores... Nós não sabemos mais que fazer para executar a Carta. Por isto peço uma palavra, e que a S. Sé nos dê instruções positivas e por escrito; é preciso publicá-las para que não haja contestação e o episcopado possa agir com uniformidade. Os perigos são tão grandes, as sinuosidades da maçonaria tão sutis, sua raiva tão pungente, que muitas vezes teria perdido a coragem sem o socorro do alto e a confiança em que o Pai Comum dos fieis saberia muito bem o meio de salvar o Brasil." (92)

---

(92) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 308-310.

Isto mesmo escrevera D. Antônio de Macedo Costa ao S. Padre em 25 de novembro de 1875: "Fale a bôca da Igreja!..." (93)

E' verdade que D. Fr. Vital mandara justificações pelo P. Lima e Sá, e tambem D. Macedo Costa, mas duvidamos se chegaram completas á presença do Papa, cercados dia e noite de inimigos e espiões, que os seguiam, os punham em má vista, ou mesmo tentavam subtraír as cartas. (94)

Estas intrigas eram tão claras e tão exageradas que o correspondente romano de *Le Monde* de Paris, as denunciava:

> "A agencia *Havas Reuter* e a imprensa revolucionária da América, não se cansam, principalmente na América, de transtornar o sentido da missão meramente religiosa que trouxe a Roma o Exc. e Revmo. Sr. D. Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda.
>
> "Falam principalmente de oposições e contrariedades que encontrou no Vaticano.
>
> E' uma verdadeira conspiração que pretende alienar-lhe de uma parte a simpatia dos católicos, e de outra a fazer surgir novos conflitos entre o Bispo e o Governo brasileiro. Insisto, por isto, nas

---

(93) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pags. 282-287 e 347.

(94) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 192 e 240.

declarações e pormenores autênticos que já dei aos leitores."

"Ainda ante-ontem estava ele em passeio com o Papa, e foi, como sempre, objeto da especial benevolência do Santo Padre e dos Prelados da côrte. Um incidente da conversação levara o Santo Padre a falar da preconização de Mons. de Oliveira em 1871. Recordou-se sua Santidade de que o governo do Brasil foi então o primeiro a insistir para que se fizesse a nomeação. Eu a princípio hesitei, disse o Santo Padre, embóra de todas as partes recebesse as melhores informações; o titular me parecia muito novo (tinha apenas 26 anos e cinco mêses); mas quando vi que o próprio governo se interessava por um pobre religioso, decidi-me a preconizá-lo. A constancia e firmeza que demonstrou, justificam a confiança dos católicos." (95)

Até aqui *Le Monde*. E' portanto verdade que, no Vaticano havia quem quisesse pô-lo em má vista, e suscitar novas questões afim de afastá-lo definitivamente de Olinda. De fato, entre o Exmo. Min. dos Estranjeiros e o Sr. Visconde de Araguaia encarregado em Roma, tinha-se falado da transferência de D. Fr. Vital para outra diocese, e os

---

(95) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pags. 290-91.

jornais maçônicos falavam de renúncia como de uma cousa natural. (96)

Pio IX reuniu uma Comissão de Cardiais e teólogos a quem D. Fr. Vital apresentou numerosos documentos com os escritos dos jornais maçônicos, a defesa do seu procedimento e de seus atos; explicou as condições da Igreja no Império do Brasil; insistiu sobre a necessidade de tirar toda e qualquer autoridade do governo na parte religiosa das confrarias; mostrou que a lei brasileira era clara, e só a paixão política a tinha obscurecido, como o confessara candidamente o Sr. Duque de Caxias. (97)

Os Cardiais não foram faceis de se convencer: eles receiavam uma rutura da Concordata, como desejava a maçonaria; mas D. Fr. Vital insistiu, mostrando que para a Igreja era peor o protelamento do que uma rutura.

Entretanto o Prelado alimentava a sua piedade com as sublimes elevações da Religião, visitando as basílicas e as catacumbas.

Aos 2 de janeiro, aniversário da sua prisão, foi ao cárcere Marmetino, onde estiveram presos os Apóstolos S. Pedro e São Paulo. Celebrou o

---

(96) — Cf. Cartas de D. Pedro II ao Barão de Cotegipe — Cit. pags. 240-243.

(97) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pag. 267.

santo sacrifício e pediu aos Santos Apóstolos luz e coragem para as novas lutas que ia encontrar.

Continuaram as audiências do Papa; em particular as de 28 de dezembro de 1875, de 12 de janeiro e de 22 de fevereiro de 1876. Mas já desde 28 de dezembro o Papa estava inclinado á causa de D. Vital. Naquele dia o Papa abraçou-o demoradamente, beijou-o na fronte, e lhe disse: "Eu agora aprovo tudo que tendes feito desde o princípio; no fundo e na forma; vossa conduta foi a dum verdadeiro Bispo; tendes cumprido o vosso dever com coragem e prudência até o fim". E querendo sem demora testemunhar-lhe seu afeto, ofereceu-lhe um soberbo missal ornado de preciosas gravuras.

D. Fr. Vital saíu do Vaticano com o coração cheio de alegria as últimas nuvens entre ele e o Papa tinham desaparecido.

Agora não o desanimavam as más notícias que lhe vinham do Brasil.

Em 5 de outubro um telegrama do Card. Antonelli a Mons. Bruschetti, encarregado dos negócios informava que: "Em consequência da anistia concedida pelo governo brasileiro na questão religiosa, Sua Santidade o Papa Pio IX decidira levantar o interdito lançado pelos Bispos do Pará e de Olinda contra as igrejas de suas dioceses".

O destinatário apressou-se em comunicá-lo a D. Macedo Costa e a Mons. José Joaq. Camelo de-

Andrade, Governador de Olinda, afim de que fosse executado.

D. Macedo publicou o levantamento do interdito com limitação.

Mas Mons. Andrade publicou simplesmente o telegrama, produzindo uma grande confusão. Os católicos, não acreditando num levantamento absoluto e sem condição, protestaram e pediam uma palavra clara e pública.

Entretanto os mações realizavam festas e procissões, os jornais maçônicos publicavam artigos e hinos os mais injuriosos á Igreja, ao Papa, aos Bispos...

A *Fraternidade* do Ceará chegou a caluniar o Papa, que teria recebido 3 mil contos de réis para abrir as portas do céo aos mações excomungados, e chamar os perseguidores da Religião ao aprisco do Senhor. E continuava:

> "Quanto a nós, dispensámos este favor, estavamos muito bem com a excomunhão que não passa de uma *feitiçaria* como tantas outras. Em todo o caso bem é que viesse esta prova que Roma será em todos os tempos a *prostituta*. Vendeu-se ainda uma vez, curvou-se ainda uma vez ao peso do ouro, blasfemou ainda uma vez contra a memória do divino Jesus!"

O *Paulista* escrevia:

> "Contudo lucrou-se alguma cousa! Foi saber-se que a Religião dos Bispos não é a mesma

que o Papa professa. Os Bispos lançam excomunhões, fecham as portas das igrejas a homens que eles consideram como ímpios, como perniciosos á sociedade e á moral.

"Estes homens em vez de contritos e humilhados, baterem nos peitos, e pedirem perdão, reagem, provocam a luta, fazem com o seu clamor erguer, por minutos, do letargo a habitual indolência ministerial, *acusam, condenam e fazem sofrer a merecida (?)pena aos Bispos*... O Papa, porém, sem que esses homens por ato nenhum público se arrependam não só dos passados erros, como das *próximas e continuas agressões,* levanta-lhes os interditos e abre-lhes as portas da Igreja... Os outros Bispos e Padres continuam como dantes, e os mações podem ser *cristãos, católicos, apostólicos, romanos,* o que nós não compreendemos."

O *Diario de Campinas* concluia a sua sequência de calúnias e blasfêmias com estas palavras:

"Quem venceu? Não foi por certo o Chefe da Igreja porque ele transigiu profundamente com a impiedade, outorgando aos mações a graça e a remissão sem arrependimento. Venceu, pois, a maçonaria que disputou palmo a palmo o terreno de suas idéias, e nem um passo recuou do pórtico de seus triunfos".

Pensamos que se o Card. Antonelli tivesse lido estes e outros insultos e calúnias, nunca teria persistido na publicação da carta fatal. (98)

D. Fr. Vital com a certeza da vitória, confiou a Deus suas amarguras. Aproveitou o descanso para escrever o resumo da questão, e o fez tão lucidamente que a Comissão Cardinalicia, lhe disse que não precisava mais da sua presença (99).

Por terem sido expulsos os Capuchinhos do Hospício em que se hospedava, aos 26 de novembro, D. Fr. Vital teve de se recolher ao Colégio Pio Latino-Americano. Ali tambem realizou-se uma sessão em sua honra e os alunos pernambucanos ofereceram-lhe uma cruz peitoral de ouro. (100)

A 1.° de março de 1876 saíu para a França, passando a Turim, depois a Lião e aos 5 de março entrava em Paris. Demorou-se entre os seus irmãos de hábito até o dia 3 de maio, cuidando da sua saúde e realizando várias funções pontificais.

A 25 de março, no Convento de Versalhes houve a ordenação sacerdotal de alguns religiosos, as-

---

(98) — Id. ib. — Pag. 276-282.

(99) — D. FR. VITAL — *Resumo histórico da questão religiosa no Brasil*, escrita em francês e impressa em Roma. Tip. da Propaganda fide. 1875.

100) — Revista *Maria*, do Recife, n.° 11-12-1934 —

sistida pelo Provincial Fr. Timoteo, e pelo seu antigo mestre de noviciado Fr. Saviniano.

Durante o almoço reinou a maior cordialidade; o refeitório enfeitado com gosto tinha duas inscrições: *Eu trabalho para o Evangelho até ser atado. Sêde fortes na batalha contra a antiga serpente.*

Foram pronunciados discursos e poesias ao sacerdócio e ao grande Prelado que respondeu com breves palavras, mas em que manifestava toda a sua alma.

> "Meus caríssimos irmãos, dizia, foi para mim uma grande consolação e uma suavíssima alegria ser escolhido para vos dar as sagradas Ordens. Mas desejo antes de tudo que vos penetreis deste pensamento: Hoje o Padre ha de ser homem de sacrifício; ha de fazer a Deus o sacrifício de seu corpo e de sua vida; ele deve-se acostumar a olhar para o martírio sem receio. Somente com esta condição ele poderá cumprir a sua missão e defender até o fim os direitos da Igreja e da verdade."

Em Paris procurou descansar, esperando a conclusão da Comissão Cardinalícia, que foi de completa vitória e satisfação.

CAPITULO XXIII

Propaganda anti-clerical — A Enciclica *Exortae* — Os frutos

A imprensa da seita continuava as ofensas, e para isto empregou poesias, caricaturas, até dramas teatrais, sem mérito literário, mas sugestivos na forma: *os Mações e os Jesuitas — Os apóstolos do mal — O Milagre — Ganganelli, o terror dos Jesuitas — Galileu — Os Lazaristas — O Jesuita...*

Nisto avantajou-se a revista *America Ilustrada...*

O Cons. Saldanha Marinho, Umberto Amaral e outros escreveram livros cheios de impiedade.

No Recife queriam impedir o *mês Mariano* na Matriz da Bôa-Vista; mas foram expulsos da igreja, prendendo-se os mais exaltados que pouco depois libertados, foram gritar *vivas* ao Chefe de Polícia e *morras* aos Jesuitas... (101)

De toda parte pedia-se uma palavra autorizada e clara. E veiu tal que melhor não se podia desejar: a *Encíclica*.

D. Fr. Vital estava em Paris. No começo do mês mariano pediu ao pregador, Frei Flaviano, que recomendasse aos fieis fervorosas preces.

---

(101) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 316-324.

Aos 3 de maio D. Mermillod chamava-o a Roma anunciando que a encíclica estava pronta, mas queriam protelar. O Prelado saíu imediatamente.

No dia seguinte um estranjeiro, que se dizia brasileiro, procurava o Bispo e demonstrou desgosto ao saber que saíra. A' tarde chegou outro brasileiro com o mesmo fim, e pareceu vivamente desapontado por uma ausência contrária a seus projetos.

Quem eram eles? As circunstancias fizeram suspeitar que eram emissários que maquinavam algo contra D. Fr. Vital.

Chegado a Roma em 5 de maio, foi logo admitido á audiência do S. Padre. Pio IX, abraçando-o carinhosamente, disse-lhe que punha no seu zelo toda a confiança, que o Clero do Brasil e em particular os Bispos de Olinda e do Pará bem mereceram da Igreja e que todos os seus atos recebiam completa aprovação proclamada na *Encíclica* que lhe entregava!

Imagine-se que lagrimas de satisfação derramou D. Vital! Depois de tantas lutas e sofrimentos viera a vitória!

Cheio de emoção telegrafou aos Irmãos de Paris: "Tenho nas mãos a *Encíclica*: vitória completa!"

De fato, nela declara o Papa que com grande mágua viu 1.° os Bispos arrastados á luta pela sei-

ta; 2.° confirma quanto disse no Breve *Quamquam dolores* e na Encíclica de 1.° de novembro de 1873; 3.° admira-se que, levantando os interditos para satisfazer ao desejo do Imperador, se divulgasse que, no Brasil, a maçonaria estava excluída da condenação... E continúa:

> "Para que em assunto tão grave não possa restar dúvida alguma nem haver logar a algum engano, nós não queremos deixar de, nesta ocasião, *novamente declarar e confirmar* que as sociedades maçônicas, quer as que existem nesse país, quer em qualquer outra parte do mundo, sociedades que muitos ou enganados ou enganadores afirmam só terem em mira a utilidade e o progresso social, e o exercício da mútua beneficencia *se acham proscritas e fulminadas* pelas constituições e condenações apostólicas, e que todos os que desgraçadamente se alistarem nas mesmas seitas, incorrem *ipso facto* em excomunhão maior reservada ao Romano Pontífice." (102)

A palavra do Papa não podia ser mais clara, enérgica e caridosa ao mesmo tempo. E nós devemos repetir: *Roma locuta est, causa finita est* — "Roma falou, encerrou-se a questão".

Alguns deploraram que o sacrifício de D. Fr. Vital e de D. Macedo Costa fosse inutil; porque

---

(102) — D. MACEDO COSTA — Pags. 295-305.

o governo e o imperador nada reformaram, as irmandades continuaram da mesma fórma, e ainda ha mações.

Respondemos que jamais é inutil um sacrificio para o bem da humanidade. e menos pelas verdades eternas, quando o próprio Filho de Deus morreu para testemunhá-las.

Deus só sabe medir o valor de um sacrifício e o galardoa. Mas todos admiram o grande desenvolvimento da Fé e da Hierarquia católica no Brasil e todos homenageiam aos dois Bispos que lutaram para este triunfo.

Bem mereceram os Srs. E. Vilhena de Morais e Lucio José dos Santos, realçando este sacrifício e mostrando os frutos abundantes. (103)

Ainda ha mações? Ha mações como ha protestantes e judeus, espíritas e ateus. Sempre teremos misturados bons e máus, a sizania ao trigo. O proprio D. Fr. Vital não declarou que não pretendia *exterminar a maçonaria?*

Pela Encíclica obteve completa vitória e com ele todos os bons que o apoiaram.

Quem poderá descrever o susto que a Encíclica produziu em todo o Brasil?

Lida em todas as igreja e publicada pelos jornais, teve o efeito de um raio fulminante que des-

---

(103) — E. VILHENA — *O Gabinete Caxias* — Cap. VIII: *O valor do holocausto.* — *A Ordem,* n.º de set. de 1932.

truiu todos os castelos dos inimigos. Compreenderam que a causa estava perdida. Todas as habilidades diplomáticas, as calúnias, as intrigas, até as ameaças de romper as relações entre a Igreja e o Império nada adiantaram. Meditaram vinganças, escreveram grosserias, mas ficaram nisto.

D. Fr. Vital podia voltar triunfante.

Aos 13 de maio, aniversário do Papa, ao se despedir, dirigiu-lhe uma carta cheia de comoção e de agradecimento. Pedia que o Santo Padre, como lembrança, aceitasse a cruz peitoral e o anel presenteados pelo Exmo. Sr. Bispo do Rio no dia da sua sagração episcopal.

> "A dádiva é mínima, mas é o sinal da minha piedade e devoção filial para com Vossa Santidade. Procurei oferecer cousa mais preciosa; mas na minha pobreza seráfica nada encontrei mais digno de V. Santidade".

Pio IX, comovido, aceitou o presente do jovem Prelado; assegurou-lhe que suas preces o acompanhariam, e enviou-lhe uma magnífica almofada bordada com fios de ouro, que ainda hoje se conserva no salão de honra do Arcebispado do Recife.

Saiu de Roma aos 8 de junho; em Marselha visitou N. Sra. da Guarda e outros santuários.

Depois foi ás aguas de Cauteréts para cuidar

da garganta que, bastante inflamada, lhe causava pungente dôr e uma tosse continua. Com um mês de tratamento severo e tranquilo, melhorou muito e lhe tornaram as forças.

Foi agradecer a Nossa Sra. de Lourdes pela vitoria alcançada. Participou das festas da Coroação de N. Sra. e esteve oito dias em retiro espiritual sob o olhar carinhoso da Mãe do Céo. Antes de sair deixou uma oferta vultosa para uma coluna da basilica do Rosario.

Saindo daí foi fazer suas despedidas aos Irmãos de habito e amigos, dos quais tinha saudosa recordação.

Visitou Tolosa, Perpignan, Paris, Angers, Le Mans até a Belgica. Em toda parte foi alvo das homenagens mais significativas da parte dos Irmãos e de todos os Prelados, do Clero e dos leigos. Todos se sentiam felizes em saudar um martir da Fé, cuja fama da luta e da vitória se espalhou em todo o mundo catolico.

Ele, porém, aceitava a hospedagem de seus Frades, e nos conventos sempre foi assiduo aos exercicios espirituais e aos humildes serviços dos religiosos, de fórma que a todos enchia de admiração pela sua piedade e modestia, e em toda a parte aparecia como um apóstolo, um enviado do Céo, um santo. (104)

---

(104) — FR. LUIZ — *Vida* — Cap. XIX —

CAPITULO XXIV

Regresso ao Brasil — Entrada triunfal no Recife - Festas populares

Aos 19 de setembro, em Bordéos embarcou no *Paraná*, sendo acompanhado do seu devotado secretario P. Lima e Sá. A viagem decorreu agradavel e á tarde de 6 de outubro, chegou ao Recife.

Uma testemunha ocular assim descreve a solene recepção na cidade do Recife:

"Lembro-me bem daquella tarde de 6 de outubro de 1876.

"Era eu então um creançola que iniciava os estudos de humanidades.

"Embora meu espirito ainda não fosse capaz de altos raciocinios sobre a luta que então se travava, atingindo á acuidade, entre o preclaro Bispo de Olinda, D. Vital, e a maçonaria, meu coração se inclinava todo para o lado do jovem Prelado a quem via martirizado mas sempre altivo e nobre.

"Tomei-me de verdadeira paixão por aquella mocidade combatente que se impunha á admiração dos homens de sã conciência; por aquela inveja-

vel serenidade que se não alterava aguilhoada de máximos sofrimentos; por aquela indômita coragem de confessor da Fé a vibrar o seu *non possumus* em face á triunfante iniquidade das potestades terrenas.

"Via-o desrespeitado em sua autoridade, escarnecido em suas ordens, insultado de mil fórmas nos comícios e jornais maçônicos, caluniado em seus atos, ridicularizado em torpes jornais caricatos...

"Vi-o depois processado, preso, transportado á Côrte, julgado por tribunais setários e condenado a 4 anos de prisão com trabalhos na Ilha das Cobras. (?) (S. João).

"E tudo isso porque quís separar o joio do trigo; porque quís separar o católico sincero do herege encapotado.

"Em todas as fases da tormentosa luta vi-o sempre o mesmo, sereno, doce, risonho, imperturbavel e nobre, sem recuar nem ceder; sem se queixar nem temer; sempre a fazer flutuar bem alto o sagrado vexilo da Fé.

"Mas tambem vi, desde o início da memoravel luta, formar-se ao redor dele uma legião de verdadeiros católicos dispostos a dar a própria vida em defesa da Fé que os nossos ancestrais nos legaram, a qual era gloriosamente sustentada pelo Pastor amado.

"O número de legionários aumentava na pro-

porção dos dias de luta e na razão da furia que ela ostentava.

"Em sua dolorosa paixão, D. Vital não esteve só.

"Milhares de peitos ardorosos e sinceros o acompanharam, sempre fieis desde o tragar do calix até o *Exultet* do triunfo.

"Relaxadas as cadeias da prisão, pela anistia concedida ao Bispo-mártir, anunciou ele, em tocante pastoral, o seu regresso ao rebanho dileto que ansioso o aguardava.

"E na tarde do dia 6 de outubro de 1876 desembarcava no Recife e era recebido qual um triunfador.

"Imensa a multidão que se aglomerava no porto de desembarque prêsa de fremente entusiásmo, num retumbante *Viva D. Vital!* acompanhado de uma torrente de palmas .

"Indescritivel momento! Os vivas recrudesciam de instante a instante através das salvas da fortaleza, das harmonias impulsivas das bandas de música, do estrugir das girandolas e do repicar festivo dos sinos de todos os templos da cidade...

Formou-se imponente préstito. A multidão alvoroçada, em delirante aclamação levava em triunfo até a igreja de S. Pedro, para o "Te-Deum" de ação de graças, a D. Vital que, cercado desses corações em júbilo, caminhava, revestido de suas vestes pontificais, tendo na cabeça a mitra precio-

sa, na mão esquerda o báculo de ouro e erguida a dextra em benção que ele comovido e risonho, multiplicava sobre seus diletos filhos em Cristo.

Ao penetrar no templo e depois que, á grande orquestra, foi entoado o *Ecce sacerdos magnus,* — duas meninas apresentaram-lhe uma palma artística de ouro como ao vencedor, — e então rompeu, majestoso e tocante o hino a D. Vital, de música vibrante e letra expressiva, cujo estribilho era secundado pela multidão entusiasta que enchia o templo a transbordar.

Nunca sentí até hoje a impressão tão viva, tão forte, tão enternecedora e creio que nunca mais sentirei na vida".

Hino — oferecido ao exmo. e revmo. sr. Bispo de Olinda, por ocasião de seu desembarque no dia 6 de outubro de 1876:

CÓRO

I

Oh! Salve, três vezes salve,
D. Vital, nosso Pastor,
Da santa Igreja Olindense
Esforçado defensor!

Salve, oh gloria do Brasil,
Denodado confessor;
Salve, herói pernambucano,
Salve, Ungido do Senhor!

II

Oh! Salve Pastor invito
Da grei santa de Sião!
Salve, ilustre encarcerado,
Salve, vítima da opressão;
Sal da terra, luz do mundo,
Tua gloria é sem igual,
Acendeste a fé extinta
Nesta terra de Cabral.

III

De Cristo fiel soldado
Na luta foste Sansão
Dos ímpios terror imenso,
Dos crentes aureo brasão!
Salve, do Episcopado
Atanásio brasileiro,
Esplendor da Igreja santa,
Nobre filho do Cruzeiro.

IV

No ardor do entusiásmo
E da mais santa expansão
Te recebe hoje em seus braços
Do Norte o bravo Leão,
E estremecido contempla
Aquele que denodado
Contra a seita combatera
Sempre na Cruz escudado.

V

Do redil desvia, atento,
Esses lôbos ardilosos,
Que, fementidos, pretendem
Dilacerar-nos raivosos!
Une o rebanho disperso,
Nos congregue a lei de amôr,
Reconheça Pernambuco
Uma grei, um só Pastor.

VI

Em todo o orbe terráqueo,
E' teu nome abençoado;
P'ra salvação do Império
Te julgam predestinado.

E hoje que triunfante
Pisas sólo Americano,
Prega a todos a doutrina
Do Mártir do Vaticano. (105)

N. B. — Este hino foi publicado pelo aniversário da sagração de D. Vital, quando preso, em 1874 e modificado para a recepção deste dia. A musica é de um cantico francês. Tanto entusiasmou que se tornou a Marselhesa dos Católicos pernambucanos e vibrava sempre em todas as manifestações ao ínclito Prelado.

D. Fr. Vital pronunciou então um vibrante sermão:

"Que diremos? Por onde começar? Bendito seja Deus! Palavras que proferimos no momento da chegada, como na hora da partida; palavras que nunca cessámos de repetir na terra estranha"..

Nota o contraste: ontem preso como malfeitor..., hoje recebido em triunfo; agradece a Deus, agradece aos filhos sempre fieis. Como eles nunca esqueceram o Pastor, este tambem sempre os levou no seu coração, sempre pronto a trabalhar, a derramar seu sangue por eles. Conclúe:

"Venham pois os trabalhos, e as tribulações; venha de novo o cárcere com todas as suas pri-

---

(105) — DR. LANDELINO CAMARA em *A Tribuna,* 4 de julho de 1921. — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 327-28.

vações; já o conhecemos. Nunca será tão lôbrego, tão pavoroso, como a tétrica prisão Mamertina. — Venha o desterro, temporário ou perpétuo... venha a própria morte violenta ou traiçoeira, nada de tudo, saiba a impiedade, nos ha de acobardar o animo. — Venha, sim, venha a morte por amôr do rebanho estremecido; venha essa morte assim bela! A cruz no peito, Jesus nos lábios, os olhos aos céos, recebê-la-emos radiante de prazer. Será a morte gloriosa, nosso maior triunfo!

"O martirio! Oh! o martirio! Que dita não fôra a nossa! Sucumbe na luta o Bispo, mas torna-se-lhe o sangue semente fecunda, germe fertilizador. Morre o Pai, mas Deus que não morre, vela pelos filhos orfãos, deixa o Pastor o rebanho, mas continúa, lá do céo, a protegê-los e abençoá-los."

E abençôa a todos, aos destemidos sacerdotes, católicos e fieis que sofreram e oraram muito e sem interrupção. Nem se esquece de abençoar as ovelhas desgarradas e ao padre que deu tanto escandalo, assegurando que para todos será pai estremoso! (106)

O efeito deste discurso foi enorme.

As Associações Católicas e as Operárias queriam render homenagens especiais, mas o Prela-

---

(106) — *Discurso,* etc. Cf. REIS — Obr. cit. — Pag. 767.

do pediu que adiassem as festas para o mês de janeiro. Queria ir logo ao Rio e que as festas de Natal e Ano bom nada perdessem do seu aspecto religioso.

Aos dois de janeiro realizaram as manifestações ao Bispo.

A festa dirigida pelas Irmãs de S. Vicente de Paulo foi iniciada com missa e comunhão no colégio da Estancia. A igreja, a casa, os salões foram enfeitados com todo o carinho e esplendor; as flores naturais se espalhavam por toda parte. As meninas cantaram um hino ao confessor da Fé, hino que lhe fez responder com eloquência mais celestial que terrena.

"Vossas vozes harmoniosas e puras, minhas filhas queridas — disse ele — despertam em mim fatos dolorosos e ao mesmo tempo consoladores. Cantastes a coragem dos confessores da Fé e celebrastes a constancia dos mártires que nos precederam. Oxalá que nós tenhamos a sua fortaleza. A Igreja vive na dôr e nas perseguições melhor do que na prosperidade. Ha três anos, neste dia, o vosso Pastor foi arrastado á força, do seio do seu povo e conduzido á prisão. Deus fez resplandecer o raio da esperança, e a fidelidade de todos, sacerdotes e fieis, obteve o premio. Pedí a Deus que poupe os castigos aos autores da perseguição; nós sigamos o exemplo de S. Estevão: orando e perdoando!"

A' noite toda a cidade se iluminou e muitas casas estavam enfeitadas com bandeiras, tapetes e flores. O povo se encheu de alegria, recordando o aniversário da prisão do Pastor, agora restituido ao rebanho.

No dia 7 as Associações operárias precedidas de bandeiras e da música desfilaram pelas ruas do Recife entre enorme multidão, e foram homenagear o Prelado no Palácio da Soledade. D. Fr. Vital as recebeu com a afabilidade e a fidalguia de costume, que lhe grangearam logo as simpatias da multidão.

O presidente da principal sociedade, com palavras simples mas sinceras, exprimiu o regosijo filial e a emoção profunda daqueles operários, enquanto um dos chefes oferecia ao querido Prelado uma magnífica caneta de ouro. Foi uma idéa mui significativa: querendo dizer que aprovavam tudo quanto ele, o Bispo, tinha escrito em três anos de luta pela defesa da Religião.

E não se enganaram. A bela e delicada lembrança tocou o coração do Bispo, filho do *Poverello* de Assis, cuja ternura para com os operários passou á familia religiosa, e comovido respondeu agradecendo a saudação e a dádiva.

"Ha uma razão sobretudo que me faz apreciar o vosso presente. Esta caneta não é presenteada por homens privilegiados da fortuna, ou poderosos do mundo. Atendendo ao dom afetuo-

so de devotos corações e numerosos, esse é um ato de fé nas verdades que me esforcei por defender e aceitais como ordens vindas da Autoridade de Roma e do vosso Bispo. Por que se esforçaram os inimigos por vos deter nas vossas manifestações? Não ouvis o brado do ódio e os gritos da paixão, que nos revelam o sinal de sua impotência? Esta manhã os jornais anti-religiosos diziam que vós seríeis no máximo uma meia dúzia. Eles se julgam ainda poderosos como em 1872! Mas enganam-se; vós sois um exército que tem desprezado as injúrias e as ameaças. Cégos! Dizem-se arautos da liberdade e defensores da tolerancia. Porque, pois, a negam aos católicos? E' permitido a eles realizar manifestações nas ruas, mostrar a todos os seus veneráveis e grão-mestres das lojas; e pretendem impedir-vos de vir a mim para dizer vossa adesão ás nossas crenças? Tirania maçônica! Ei-la declarada pelos próprios charlatães, os palradores do livre pensamento".

D. Fr. Vital em rápido resumo fez um quadro dos erros e dos planos dos mações, e exortou os operários a ficar inabalaveis na fé e pediu que se unissem em redor do Clero e do Bispo. E concluíu: "Vossos verdadeiros e melhores amigos são os Sacerdotes, e se tivessem a ousadia de nos combater, nós responderiamos com a palavra que haveis gravado nesta caneta: *non possumus* — não podemos!"

Aquela demonstração ficou gravada no coração de todos e em particular no dos operários, e se compreende que recuassem os mações. Padre Lima e Sá escrevia: "Os mações estão enfurecidos, mas não passam aos fatos". Fizeram muitos projetos e tentaram manifestações contrárias, mas inutilmente. (107)

NO RIO. — D. Fr. Vital não era rebelde á autoridade civil. Chegado da Europa, pelo *Guadiana*, depois de apenas seis dias de descanso, foi ao Rio apresentar o relatório ao governo, e tributar-lhe suas homenagens.

Visitou o Exmo. Internúncio para combinar com ele e com o governo na atuação da encíclica, afim de que obtivesse seus efeitos sem choques, nem ruidos. Encontrou apoio no Sr. Internúncio, e bôas disposições no governo.

Alí afluíram as visitas. Todos queriam saber o verdadeiro pensamento do Papa a respeito da maçonaria brasileira, contra a qual o Bispo de Olinda, no parecer de todos, alcançara a mais completa e estrondosa vitória.

Ele aproveitou as bôas disposições dos visitantes para demonstrar que as lojas eram as oficinas da anarquia e da hipocrisia. Elas se conside-

---

(107 — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 330-333.

ravam poderosas aproveitando a fraqueza dos católicos divididos.

Ao Ministro da Fazenda, Sr. Barão de Cotegipe, pediu lhe fossem dadas as subvenções, que desde 1873 não lhe pagaram, para cobrir as despesas da viagem á Europa e do tratamento de sua saúde, que lhe custaram gastos consideraveis.

Pedia tambem auxilios para o Seminário Menor, que ia reabrir, fechado, então, por falta do necessário. O Seminário Maior se fechara á falta de alunos.

As famílias viram na carreira eclesiástica uma penosa condição e nem todas sentiam forças para expôr seus filhos á luta e aos perigos a que se expôs D. Fr. Vital.

Se bem que a vastíssima diocese precisasse de numerosos sacerdotes, o Prelado principiou de novo o seu trabalho, preferindo esperar alguns anos contanto que pudesse ter alunos seguros e com estudos mais sólidos segundo as necessidades do tempo.

Com a resposta favoravel do Ministério pôde reabrir o Seminário Menor. Nomeou seu Reitor o P. Joaquim Arcoverde Cavalcanti, recem-chegado de Roma. (108)

---

(108) — Depois Bispo de São Paulo, Arcebispo do Rio de Janeiro e 1.º Cardial da América do Sul, falecido em 1930, cuja memória é bendita em todo o território brasileiro.

O *Cabido* da Sé é o senado do Prelado, seu conselheiro nato, seu auxílio na direção e administração das freguesias, do Seminário e em toda a complexa tarefa do Bispado.

Daí se compreende a importancia da escolha de Padres beneméritos, exemplares, sábios, prudentes, para constituir o *Cabido da Sé*. Em Olinda haviam falecido muitos cônegos e o Bispo não pôde substituí-los, porque faltavam as prebendas para os sucessores. D. Fr. Vital escreveu de novo ao Ministro da Fazenda, indicou os Padres que julgava merecedores da honra e do ofício, mostrando que as funções da quaresma e as da Semana Santa, com suas procissões e solenidades, exigiam que as vagas do *Cabido* fossem preenchidas. Felizmente, pôde alcançar quanto desejava, conseguindo tambem que o governo, compreendendo a necessidade de ir ao encontro dos pedidos do Prelado, restituisse ao antigo esplendor o veneravel *Cabido* da Sé de Olinda.

O Prelado ocupou-se tambem do calendário ou Ordo da diocese. Aproveitou a demora em Roma para apresentar as questões particulares sobre as festas realizadas desde o tempo da dominação portuguesa; e obteve melhoras concedidas pela S. Congregação dos Ritos.

A' sua visão esclarecida de Pastor, não passou despercebida a necessidade de dividir a vasta

diocese. Depois de ter estudado largamente a sua situação topográfica e econômica, propôs dividi-la em três dioceses: Pernambuco—Paraíba e Rio Grande do Norte, — Alagôas e Sergipe. Mas o breve tempo do seu Bispado impediu a realização da idéia que se objetivou quando desapareceram as dificuldades do governo monárquico.

VISITA PASTORAL. — Aproveitando a relativa paz, principiou a *visita pastoral,* de que a vasta diocese tinha tanta necessidade.

Em todas as freguesias por onde passava, a lembrança de sua luta, a sua bondade, sua eloquência afetuosa sempre prática e acessivel a todos os ouvidos, atraíam os fieis e lhe alcançavam verdadeiros triunfos.

Poucos, porém, podem imaginar os trabalhos e o cansaço que produzia uma visita pastoral. Viajar a cavalo, confessar, crismar, pregar, etc. Se isto cansa os mais robustos, que terá sido do nosso prelado que desde a sua mocidade tinha sofrido da garganta?

Tendo trabalhado além da medida nas viagens e nas visitas, a sua saúde teve um grande abalo durante o mês de março. Sofreu sem se queixar, e resistiu até que voltou ao Recife para as funções da Semana Santa e da Páscoa.

Somente depois da Páscoa resolveu viajar para

a França em procura de saúde, porque não teria encontrado remédios eficazes no Brasil.

Para este fim escreveu ao Exmo. Sr. Ministro do Império, expondo os motivos urgentes de sua ausência.

Aos 30 de abril S. A. a Princesa Imperial regente, respondia que seria feliz de vê-lo tomar todos os cuidados exigidos pela sua saúde e, se fosse necessário, ir mesmo á Europa.

Antes de sair do Recife pôs tudo em ordem: melhorou a situação pecuniária com esmolas e dons, pagando a grande dívida deixada pelo seu antecessor, e encaminhou o Seminário Menor. Realizada a concórdia com o governo, deixava a dirigir a diocese o corajoso Padre Graciano de Araújo; podia saír sossegadamente; ninguem o acusaria de ter desertado de seu posto, ou de ter recusado trabalhar.

No Rio de Janeiro cumpriu todos os deveres de cortesia, mas não participou seus projetos e a viagem senão ao Padre Lima e Sá, ao Con. Esberard e a poucos íntimos. No dia primeiro de maio, comparecendo D. Pedro M. de Lacerda e outros amigos, D. Fr. Vital embarcou no *Paraná*. (109)

---

(109) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 333-337.

CAPITULO XXV

Para a Europa — Renuncia ao Bispado — Amôr á Diocese

D. Fr. Vital, se bem que religioso e Bispo, duma fortaleza inabalavel, amava intensamente a sua *patria querida e nunca esquecida*, o Brasil.

Ao Dr. Romualdo Barroso, que quando estudante em Paris, lhe tinha oferecido uma vista do Recife, respondia que "a emoção de ver a patria deixou-lhe um oceáno de saudades e de lembranças que lhe fizeram subir as lagrimas do coração aos olhos. Talvez que não edifique muito o que acabo de confessar-lhe". Justifica sua saudade com o dito francês: *A' tout coeur bien né la patrie est chére*. "A corações bem formados a patria é muito cara."... "As nobres paixões que pulsam debaixo do burel se purificam. Patria, irmãos, amigos continuam a amar-se entrelaçados aos pes da cruz; como que participam da grandeza e da eternidade de Deus."

D. Fr. Vital foi sempre caridoso, auxiliou, aconselhou a todos, em particular os brasileiros na patria e na Europa. E porque sofreu, porque lutou? Só por um Brasil mais livre e feliz aos pés de Jesus.

Imagine, portanto, o leitor, como se lhe abalou o coração naquela tarde quando se afastava da maravilhosa Guanabara.

O navio estava para levantar ferros, e D. Vital abraçando afetuosamente um íntimo amigo lhe disse: "Nunca mais nos veremos no Brasil e talvez neste mundo." Era profecia? Era pressentimento? Os amigos souberam de sua boca o agudo sofrimento que lhe apertou o coração quando na penumbra da noite viu desaparecerem os cumes da serra dos Orgãos e do Brasil.

Desembarcou em Bordéos aos 21 de maio e aos 24 chegava a Paris.

Desde que se soube da sua chegada, foi grande a alegria da multidão que ia visitá-lo, para ter novas de sua viagem, e saber da situação da Igreja no Brasil.

Ele respondia amavelmente mas com reserva, mostrando a necessidade do descanso; mesmo quando parecia necessária sua presença, recusava convites para as ceremônias e festas.

Renunciar ao Bispado para cuidar da saúde e retomar o hábito e a vida franciscana, era seu sonho e o fim da sua viagem!

Na mesma tarde combinou com o Fr. Apolinário uma carta ao S. Padre, expondo a necessidade de renunciar ao Bispado. Por um lado a saúde abalada impedia-lhe cumprir seus deveres. Por outro lado tinha inimigos, que o combatiam sem

treguas; um novo Bispo, mais forte e sem as dificuldades do passado, poderia cuidar melhor da Igreja de Olinda.

"Sou jovem e o peso que me foi imposto é demais grave, ultrapassa as forças do corpo e da alma". Outras razões daria de viva voz. Conclúe pedindo que lhe permita deixar a dignidade episcopal e vestir o hábito da pobreza, esperando com esse favor alivio a seus sofrimentos.

Esperando a resposta, no dia seguinte foi ao Dr. Fauvel que diagnosticou a doença: *faringite* aguda. O Bispo estava quasi sem voz. O médico prescreveu um tratamento rigoroso: gargarejos, repouso absoluto, e passar 15 dias nas aguas de Bourboulé, e 15 nas de Aix-les Bains.

Aos 10 de julho D. Fr. Vital tinha concluido o tratamento, a garganta doía menos, e desejando noticias de Roma foi a Paris.

Já o S. Padre a 27 de junho respondera-lhe com uma carta mui delicada e afetuosa:

> "Nós estamos muito aflitos pela vossa doença; mais ainda por saber que a tristeza causada pelos máus, vos impele a nos pedir a exoneração do Bispado. Não queremos que vos deixeis tomar de tristeza, conforme o conselho do Apóstolo: "Orai para expulsá-la". Considerai que o Pastor dos Pastores nos dará o galardão prometido, se combatermos com energia, embóra não vejamos os fru-

tos de nossos esforços. Esforçai-vos, pois, e confiai no Senhor. Quanto ao mais falaremos de bôa vontade *os ad os* quando vierdes a Roma como nos anunciais".

O Papa não quís aceitar a renúncia pensando que o motivo principal era o afastamento da luta. Lendo a carta dissera: "Aceitar a renúncia seria grande desgraça"! — Tambem os Prelados da Côrte Romana acharam as razões pouco eficazes.

De passagem por Paris encontrava-se o P. Esberard, seu confidente e a quem tinha já manifestado seu pensamento.

Este sugeriu-lhe expôr melhor os motivos da renúncia. Numerosos espiritos estavam prevenidos contra o Bispo; em tais condições era provavel a luta. Um Bispo novo, seria mais bem aceito pelo governo e por todas as classes de Pernambuco. Acrescentemos a grande extensão da diocese, o pequeno número de padres, a desconfiança do Imperador e do Ministério, que recusára o ordenado aos padres e o auxilio ao Seminário Menor, fechado por falta de recursos. As lojas tinham recomeçado uma propaganda encarniçada; as irmandades, causavam mil vexames ao Clero e aos fieis. Possuindo a maior parte dos bens da Igreja, aproveitavam somente os padres que pactuavam com os mações. O governo prestava-lhes apoio se

bem que disfarçadamente. A situação era insustentavel e precisava de uma ação enérgica.

Não teria sido melhor tratar da laicização completa das irmandades, para lhes tirar toda a influência? Só então poder-se-iam reconstituir outras irmandades sobre um plano exclusivamente católico. Continuar nessa situação era colocar a Igreja do Brasil em um beco sem saída, aumentar a luta e diminuir cada dia mais as vocações eclesiásticas. A encíclica de 29 de abril nada alcançára porque a fórma do levantamento do interdito, com a estranha conduta do Cardial Antonelli tinha comprometido a situação.

A ação nefasta das irmandades maçonizadas e a necessidade de destruí-las era a mais rude condenação da carta de 18 de dezembro. (110)

Mais; naqueles dias o Sr. Saldanha Marinho, do Grande-Oriente do vale dos *Beneditinos,* ele o mais encarniçado e insolente escritor irreligioso, subia a presidir o Conselho dos Ministros.

Sabendo o Prelado pelas cartas de seu irmão, o sr. Belarmino, estas notícias, exclamou: "Pobre pátria!" Não lhe restava senão orar, sofrer, morrer pela Pátria.

Causou uma dôr profundíssima a notícia da sua renúncia, ao Clero e aos fieis de Pernambuco.

---

(110) — Id. — *Vida* — Pags. 339 etc. — Cap. XXI.

Os amigos e seu irmão, então tesoureiro das obras diocesanas, todos suplicavam que não renunciasse. (111)

Porém, o convite mais insistente foi o de D. A. Macedo Costa, que sabemos quanto o apreciava e amava. O nosso Bispo respondeu, com uma carta admiravel, no dia de Natal de 1877. E' a carta testamento e ao mesmo tempo testemunho da sua humildade, de seu desinteresse e seu amôr para com a justiça, a verdade, a sua diocese. Se lutou, foi por dever de conciencia, não por ambição.

> "E' a sua derradeira carta ao Bispo do Pará; é o testamento de sua curta vida episcopal, escrito com o sangue do seu coração e depositado em confiança no seio da amizade. Não podemos reler este papel, observava o proprio D. Macedo Costa, escrito todo de seu punho, sem que as lagrimas nos rebentassem dos olhos. Oh! santo e saudoso amigo!" (112)

Nela expõe pormenorizadas as razões que o impelem á renuncia. Mas nem Pio IX, falecido aos 9 de fevereiro de 1878, nem o seu sucessor Leão XIII quiseram aceitá-la.

---

(111) — FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 357.

(112) — D. MACEDO COSTA — *A Questão Religiosa* — Pags. 328-336.

CAPITULO XXVI

Recrudesce a doença — Em Paris — Morte — Funerais

Já durante a estação de aguas em *Mont-Dore* os medicos tinham percebido raios de sangue, muito inquietantes, no escarro, e D. Fr. Vital queixava-se de dores no estomago e nos intestinos.

Em Roma, no Colegio Pio Latino-Americano peorou, talvez porque não conhecessem a doença... Em 21 de janeiro foi acometido do mal que o levou á morte.

Ficou acamado até 14 de fevereiro.

A 26 de fevereiro, por conselho dos medicos, saiu de Roma com destino á França. Descansando em varias cidades, mais ainda em Chambery e Lião, aos 13 de março chegou a Paris, continuando enfermo no Convento de *La Santé*, onde se recolhera, dizendo ao seu companheiro: "Entro na minha sepultura; da qual eu não sairei senão cadaver."

Somente no dia de Pascoa, a 21 de abril, levantou-se, e parecendo bem disposto celebrou a Santa Missa, ajudado pelo P. Duarte pernam-

bucano. (113) Como de costume, a piedade e a santidade resplandeciam no veneravel semblante do enfermo; dir-se-ia que a doença lhe havia dado um raio celestial. Orou muito no *memento* e na comunhão. Acabada a Missa, quando voltava para seu quarto, disse: "Estou muito cansado; não sirvo mais para nada, e já foi felicidade ter podido ainda hoje celebrar."

Em verdade foi a última Missa.

Dizem que a doença mostra o homem qual é. No leito da dòr e da morte, já não enganam as aparências ou a hipocrisia, e então o homem mostra seus defeitos, e as bôas qualidades, e a ascética cristã nos ensina que os sofrimentos e as provas são o ímã das grandes almas. E D. Fr. Vital teve grande alma, forte caráter, energia moral bem superior á coragem empregada nos campos de batalha.

A 14 de maio fez um passeio a carro.

Parecia melhor e mais forte. Passando pelo claustro disse aos Religiosos: "Vêdes como vou bem; eis-me prestes a saír para o Brasil." Aproveitou para visitar o Sr. Jobin, pres. das Conferências de S. Vicente, P. Esberard e o cônego Antonio Arcoverde para saber as últimas noticias do Brasil.

---

(113) — Mons. José Paulino Duarte natural do Rio Grande do Norte, morreu aos 90 anos no Recife, aos 14 de Abril de 1936.

Na volta sofreu muito pela incomodidade da viatura, e chegado ao Convento caíu num sofá, dizendo: "Sinto-me alquebrado"; e esforçando-se para rir, acrescentava: "Vereis que vou zombar do Dr. Ozanam; virá um dia e não me encontrará mais"!

Era verdade! Estava muito mal, desde então nunca mais se levantou.

O governo brasileiro lembrou-se do Bispo de Olinda e urgia que voltasse ou renunciasse. Mas estava escrito que devia morrer Bispo de Olinda!

Tambem o Emo. Card. Franchi, fez saber que a S. Sé não exigia mais a sua volta ao Brasil; cuidasse da saúde e depois aceitaria a demissão, mas precisava de tempo para regular definitivamente esse negócio.

Tranquilizado nesta parte, teve o pressentimento de que a morte não demoraria. Quís preparar-se melhor ainda. Passou todo o mês de junho na prática das mais altas virtudes escondido no SS. Coração de Jesus.

A sua piedade tão franca e terna para com Nosso Senhor e á SS. Virgem, aumentou mais ainda. Passava horas inteiras em oração e na meditação e parecia pasmado de sobreviver ainda.

Os Padres Lazaristas queriam levá-lo para sua casa, onde lhe prepararíam um grande quarto conveniente á sua dignidade, e mais comodo. Mas ele recusou, como recusara em Roma muitas

propostas, cada qual mais vantajosa. Pediu só o favor de retomar o hábito de capuchinho. "Amo-o tanto", repetia.

Sentia-se muito feliz por encontrar-se em tão extrema pobreza no seu quarto franciscano. A um padre, antigo missionário do Brasil que lhe falava das belezas da pátria, ele lembrava a felicidade do Convento, a alegria de se encontrar entre seus irmãos, na vida voluntariamente aceita.

Na doença mostrou toda a doçura de sua alma. Sempre cuidava de não cansar o enfermeiro. Dizia que chorára quando, noviço, via velhos padres com tanta humildade receberem os avisos do Superior.

Fr. Apolinário quis lavar-lhe os pés. D. Fr. Vital não pôde conter as lagrimas, dizendo: "Como é bom e caridoso! Nunca esquecerei o que fez por mim em Perpignan".

Sua resignação á vontade divina era perfeita. Frei Vicente disse-lhe que ia oferecer sua vida por ele. "Não, respondeu o Prelado, reze para que se cumpra a vontade de Deus. Ele sabe melhor do que nós o que é necessário."

Outro dia dizia: "Crêde em um pobre Bispo enfermo; aqui tudo é vaidade; é melhor estar com Deus que com os homens, mas é preciso merecer esta graça. Eu vim aqui para morrer: vereis que digo a verdade."

Disto não fazia segredo e o repetia a todos os amigos. Vendo-os tristes, consolava-os, mostrando o céo, nossa verdadeira pátria, e concluia: "Meu pobre Brasil! ao menos nada haverá de me exprobar. Minha pátria agora é o céo; a morte se aproxima a largos passos."

O exmo. D. Grandin, Bispo de Santo Alberto (Canadá), anunciando-lhe sua visita, escrevia:

> "Como tenho inveja da felicidade que o espera, e quanto é dura e longa a privação imposta! Mas que o bom Mestre (Jesus) lhe dê em consolação quanto lhe tira a sua justiça."

D. Fr. Vital recebeu com grande alegria aquela visita.

> "D. Grandin, disse Fr. Apolinário, era um verdadeiro santo. (113 *bis*) Com grande edificação realizou a visita, como se fosse uma peregrinação. Eram duas almas heroicas, capazes de se compreenderem; passaram todo o tempo em conversas

---

(113 *bis*) — Está já introduzida a sua causa de Beatificação.

espirituais, na despedida deram-se os últimos adeuses com os votos mutuos de se reverem um dia no céo"!...

A Sra. De Combolas não acreditava na gravidade da doença do Bispo, e o convidou para ir á Castelnau, enviando-lhe um médico para levá-lo. Mas este teve de desenganar a Sra. Condessa.

D. Fr. Vital não pôde responder-lhe por si mesmo, pediu a um irmão de hábito para agradecer e anunciar-lhe a sua próxima viagem para a eternidade... De fato, quando a carta chegou ás mãos daquela senhora, já o Bispo deixara a terra!

No dia 1.º de julho deu-se a visita do Emo. Card. Howard, da Inglaterra, mas o achou tão fraco que teve escrúpulo de cansá-lo com uma conversação demorada. Retirou-se muito aflito, declarando aos religiosos que considerava iminente a morte do Prelado.

Nem ele se enganava sobre seu estado. Na tarde de três de julho, chamou fr. Apolinário, confessou-se e pediu os últimos sacramentos. Fr. Apolinário e o enfermeiro, queriam esperar: "Vou morrer, bem o sei, respondeu D. Fr. Vital, dê-me a extrema unção."

Enquanto Fr. Vicente arrumava o quarto e se dispunha para administrar os sacramentos, o Bispo entregou 800 francos ao P. Provincial, di-

zendo que nada tinha e nada queria deixar na terra; aquilo era todo o dinheiro e toda a riqueza que possuia. Perguntaram-lhe se queria fazer testamento; ele recusou, dizendo:

> "Sou frade capuchinho; quero morrer na pobreza de que fiz voto. E, que testamento poderia fazer, se nada possuo?"

A's 7 horas da noite os religiosos, com velas, acompanharam o S. Viático ao doente. O Revmo. Fr. Crisóstomo, Provincial, que presidia a sagrada ceremônia, endereçou-lhe uma comovente alocução. Lembrou-lhe as lutas no Brasil pela glória de Deus e pediu que perdoasse aos inimigos.

O moribundo, com esforço, endireitou-se no leito e em voz bem clara, exclamou:

> Oh! sim! Eu perdôo tudo que me fizeram; perdôo a todos sem excepção; já o disse nas minhas cartas pastorais, quero repeti-lo neste momento; *ofereço minha vida a Deus pela minha Igreja de Olinda!*"

Comungou e recebeu a extrema unção, enquanto os religiosos se desfaziam em lágrimas.

Passou quasi toda a noite profundamente recolhido: presentes só estavam o enfermeiro e Fr. Verano.

Veiu o dia 4. Os sofrimentos tornaram-se intoleraveis, apesar de todos os remédios e prescri-

ções do médico. A miude vinham Fr. Crisóstomo, Fr. Marcel, e os outros para vê-lo e sugerir-lhe um bom pensamento, uma jaculatória, e saíam sempre admirados de sua energia e paciência.

Vieram os amigos, P. Esberard e outros; todos se comoviam até as lágrimas.

O Sr. Jobin, entrando no quarto, lançou-se de joelhos aos pés do moribundo, sem falar; os soluços afogavam-lhe a voz...

O Dr. Ferreira, de Pernambuco, ao sair, exclamou:

"Que perda para o Brasil! O seu povo amava-o tanto!"

Ao meio dia, perguntou a Fr. Vicente: "Viu a bela Senhora que me veiu falar?"

Sendo a resposta negativa, ele guardou o silêncio. Quem era ela? Talvez a SS. Virgem que viera consolar, animar a seu filho devoto, armá-lo nas últimas lutas.

De fato, ás 10 horas da noite exclamou: "Que escandalo! Que escandalo!" Mostrou o pé do leito e pronunciou algumas palavras, entre as quais Fr. Vicente distinguiu "demônio"! O enfermeiro com agua benta fez o sinal da cruz sobre o leito. Vendo que o Prelado procurava algo sobre o seu peito, perguntou se procurava a imagem da SS. Virgem.

A' resposta afirmativa, este apresentou-a; ele

a tomou e apertou-a contra o seu coração, orando fervorosamente.

Entrava em agonia. Fr. Patricio deu-lhe uma última absolvição; depois, com o enfermeiro recitou as Landainhas dos agonizantes.

O moribundo até então gemera; de repente sua voz se tornou clara; exclamações de alegria e de felicidade anunciavam a vitória alcançada após duro combate. Seu rosto iluminou-se, seus lábios abriram-se radiosos e olhou para o enfermeiro, que pela comoção apenas pôde responder *Ora pro nobis*. D. Fr. Vital respirou três vezes com esforços; á terceira vez a sua alma abandonava esta mísera terra.

D. Fr. Vital falecera e no sitio dos Buritis (Recife) um menino de onze anos brincava no terraço, quando viu passar nos ares um bispo! Por todos de casa ele gritou para verificarem o fato: — *Um bispo de cajado e mitra voando...* — A mãe, observando tambem, exclamou: *"E' D. Vital, meu filho, ele morreu e vai para o céo!"*

Era uma quinta-feira, 4 de julho de 1878, ás 23 horas e vinte minutos, tinha 33 anos, 9 mêses e 8 dias; o 15.° ano da sua profissão religiosa e 7.° de episcopado. (114)

---

(114) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 359-363. — Perguntar-se-á qual foi a doença que vitimou D. Frei Vital.

FUNERAIS. — Os Religiosos Capuchinhos pensavam executar um modestíssimo enterro.

Mas Deus enviou alí Mons. Esberard, que já

E' convicção geral que ele foi envenenado. Isto disseram os Padres Lazaristas de Pernambuco, indo visitá-lo em Paris. Isto repetiu a colônia brasileira a uma voz, isto afirmou o *Apóstolo* do Rio, publicando uma carta vinda do Ceará. Esta afirmação corrente publicou a revista *E'co de S. Francisco,* de Sorrento (Itália).

E' certo que houve envenenamento depois dos desacatos de maio de 1873, como já relatamos a pag 133.

Além disto o Bispo foi acometido de violentas cólicas e dôres precordiais, quando retirou-se ao Colégio Latino-Americano, reconhecidos sintômas de intoxicação e daí o agravo da doença e morte.

O próprio D. Fr. Vital, assim prudente e reservado, declarou muitas vezes ter sido envenenado, até nas últimas horas de sua vida, exclamando: "E' veneno!!!"

O Dr. Ozanam diagnosticou que fosse tísica a doença de Frei Vital, devida á laringo-faringite. Mas ele mesmo, depois da morte, vistas as manchas do abdômen, que não provinham da doença de que tratava, declarou-o envenenado e vítima de gangrena intestinal.

Mons. José Paulino Duarte, (pag. 246) tira toda a dúvida sobre o caso, afirmando que ele próprio ouvira o médico declarar que o prelado tinha sido envenenado.

Não ha pois, mais dúvida sobre este ponto. Se os médicos não fizeram o exame cadavérico, foi porque estavam na firme persuasão do envenenamento que dispensava outras pesquisas.

conhecemos devotado a D. Fr. Vital; ele próprio nos conta a sua atuação:

"Declarei aos Padres que era preciso fazer ao Sr. D. Vital o funeral mais solene que fosse possivel, e prometí-lhes arranjar o dinheiro que fosse necessário.

Além disso tomei a iniciativa de mandar embalsamar o seu corpo. Assim poderá um dia ser transportado intacto para o meio de seus caros Diocesanos, por cujo amôr deu ele a vida.

"O dinheiro não faltou. *Andei esmolando,* e achei corações bem generosos. Uma bôa família brasileira deu-me 500 francos, e outra 1.000 francos.

"Estas somas, reunidas a outras mais miúdas e ao pouco dinheiro que o Sr. D. Vital deixou, nos permitiu fazer exéquias mais solenes. No dia 6 foi embalsamado o corpo, ficando logo depois, e todo o dia seguinte, publicamente exposto na Igreja dos Padres Capuchinhos.

"Os fieis acudiam numerosos a venerar esse corpo sagrado. De todos os lados nos enviaram lindas corôas de flores naturais algumas de trabalho delicado.

"No dia 8 celebraram-se as exéquias solenes.

"A Igreja dos Padres Capuchinhos esteve cheia de povo. No centro erguia-se um modesto mas

elegante catafalco sobre um supedaneo de alguns degráus. A' roda do corpo, colocado no catafalco ardiam numerosos cirios.

"A gente mais distinta da colonia brasileira, residente em Paris, estava presente, contando-se numerosas famílias. O Encarregado de Negócios do Brasil e o Vice-consul, diversas deputações de Ordens e Congregações religiosas vieram tomar parte nesta lugubre cerimônia.

"Cantou-se ás 9 horas da manhã a Missa de *Requiem*, precedida de matinas e laudes. Oficiou o Sr. D. Ordonez, Bispo de Riobamba, no Equador, desterrado pela maçônaria de seu país. Assistiram o Emo. Cardial Arcebispo de Paris, o Nuncio de Sua Santidade, os Bispos de Vannes (França) e de Galveston (Est. Unidos) e o celebre orador e escritor Mons. de Ségur.

"Terminada a Missa, Mons. de Ségur subiu ao pulpito e improvisou uma tocante oração fúnebre, que comoveu a todos e arrancou lágrimas a muitos. O orador era cégo, e esta circumstancia concorria para tornar ainda mais tocante a sua palavra. Disse bôas e duras verdades, sobre a maçonaria.

Após a oração fúnebre seguiram-se as absolvições em redor do catafalco. Deu a primeira o Bispo de Riobamba, depois o Nuncio, o Bispo de Vanes e o de Galveston, e por ultimo o Emo. Cardial de Paris.

"O corpo de D. Vital foi transportado para Versalhes: eu o acompanhei com alguns padres Capuchinhos.

"Em Versalhes muitos fieis achavam-se á espera do corpo, que foi colocado no meio da Capéla dos Capuchinhos. Era a Capéla do Convento onde o Sr. D. Frei Vital fizera o seu noviciado.

"Aí os Padres cantaram as vésperas de finados, e em seguida foi de novo encomendado solenemente o corpo pelo Vigário Geral de Versalhes na ausência do Bispo. Levamos processionalmente o corpo do nosso saudoso Bispo para o cemitério, onde o depositamos numa das sepulturas subterraneas dos padres Capuchinhos... até que os seus diocesanos o reclamem... (115)

Sobre o sepulcro foram gravadas estas simples palavras em francês:

Dom Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira — da Ordem dos frades Menores Capuchinhos — Nascido no Brasil aos 21 *de Novembro de* 1844 — *Professou em Versalhes aos* 19 *de Outubro de* 1864.

---

(115) — REIS — *O Bispo de Olinda* — Pags 49-53. — P. João Fernando Tiago Esberard, natural de Campos (E. do Rio) em seguida foi coadjutor de D. Pedro M. de Lacerda, Bispo de Olinda (1891-93) e 1.º Arcebispo do Rio, onde faleceu em 1894. Foi ilustre pela doutrina e santa vida.

Promovido ao Bispado de Olinda (Brasil) aos 21 de dezembro de 1871 — Falecido no Convento de Paris em 4 de julho de 1878.

A morte de D. Fr. Vital mostrou quão grande simpatia adquirira por toda a parte onde passara. Afluiram cartas do Brasil, da França, da Itália, da Inglaterra. Todos exalçavam a santidade do sacertode, o heroismo do Prelado, a sabedoria do Diretor espiritual, a fidelidade do amigo sincero.

O sr. Carlos Riant escrevia ao P. Marcel:

> "Foi uma grande perda para a sua Ordem morrer tão jovem, mártir de sua fé e depois de tê-la confessado no meio de provas tão cruéis. Mas é tambem uma grande honra. E' um santo de mais que sua Veneravel Ordem enviou para o céu." (116).

Concluiremos a vida do ilustre Prelado com as palavras vibrantes do seu amigo e admirador, o Dr. Manoel dos Reis:

> "Já não existe o grande Atanásio brasileiro!
> "Morreu como viveu, com os olhos fitos no céo e o pensamento voltado para Aquele, a quem

---

(116) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 362-377.

proclamava que convinha obedecer mais do que aos homens: *Obedire opertet Deo magis, quam hominibus.*

"Morreu reconciliado com o seu Creador, depois de se ter assentado no banquete dos anjos, comido o pão do céo, e chegado aos lábios o calix da redenção.

"Morreu no silêncio augusto do claustro, á sombra veneranda do Santuário, rodeado de seus Irmãos em Jesus Cristo, e como um verdadeiro filho do grande Patriárca de Assis!

"Morreu como um Bispo encomendando sua alma ao Deus das misericórdias, enviando um adeus saudoso á sua cara diocese, e perdoando como Jesus Cristo ao seus algozes!

"Viveu como um justo, combateu como um herói e morreu como um santo!

"Quanta fé, quanta nobreza, quanta abnegação e quanta generosidade, não se asilam no coração desse glorioso combatente, que acaba de sucumbir abraçado com a sua bandeira imaculada!

"Eclipsou-se o astro radiante que resplandecia no céo de Olinda, tombou a majestosa coluna do Santuário, apagou-se a lampada de ouro, e o vento frio do sepulcro arrebatou as flores de uma existencia em plena primavéra, aljofradas do orvalho do céo, primicias de belos e sasonados frutos!

"Aos hosanas sucederam as préces, ás aclamações entusiásticas os gemidos de dôr, ás galas o

luto, ás palmas os ciprestes. A Igreja de Jesus envolve-se no crepe da viuvez para chorar a morte de seu fiel esposo!"

"Olinda! Olinda! Pérola reluzente engastada na corôa do Imperio! Mimosa porção do rebanho de Jesus Christo, cobre-te com as vestes da viuvez, porque é morto o teu Pastor, o teu Pae, o teu Heroe!

"Era o teu orgulho, o teu renome e a tua gloria!

Olinda! Olinda! Dos teus olhos nunca correram lagrimas nem mais sentidas nem mais abençoadas!

...O herói não será esquecido enquanto palpitar um coração católico sob a constelação do Cruzeiro. Foi aqui o theatro de seus feitos, a arena de seus combates, o capitolio de suas glorias. Vimo-lo sempre de pé, erguida a fronte, o sorriso nos labios, e a fé no coração, desafiando o pasmo das turbas, recolhendo as homenagens dos contemporaneos e recomendando-se ás bençãos da paternidade!

Não morre o canto onde vibra a lira,
Não morre o nome onde vive a gloria!" (117)

---

(117) — REIS — Ibidem — Pags. 46-47.

CAPITULO XXVII

Pesar de Olinda na morte do Pastor — Levado para Recife — O 50.º aniversario da Consagração da Diocese — Monumento

Padre Esberard apressou-se em anunciar ao Revmo. governador do Bispado de Olinda a morte do grande Bispo, assim como o telegrafo a espalhou por toda a parte.

Podemos imaginar a dôr dos filhos que tanto amavam ao extremoso Pai e falecido em terra estrangeira.

Todos os jornais do Imperio falaram dele, cada um segundo seu modo de ver, mas todos eram forçados a admirar o lutador forte, destemido.

O *Diario de Pernambuco* concluia o seu necrologio: "Para nós D. Vital morreu como atleta, fazendo jús á admiração dos coévos, enquanto não chegar a vez da historia, que sem duvida escreverá em suas paginas: foi um heroe!" (118)

O Exmo. Mons. Vigario Geral comunicou a infausta noticia ao Revmo. Cabido, Clero, fieis, convidando-os para os solenes funerais de trigésimo dia na Sé de Olinda.

---

(118) *Diario de Pernambuco* — 7 de julho de 1878.

Estes realizaram-se solenes aos 4 de agosto de 1878 com grande concurso de todas as classes sociais, em particular do Clero secular e regular e de todas as associações católicas. Teceu o elogio, perfumado de lágrimas, P. Francisco Maia, amigo e secretário de D. Vital. (119)

LEVADO PARA O RECIFE. — Em 1881, Olinda teve novo Pastor na pessôa de D. José Pereira da Silva Barros. Este, admirando o seu predecessor, reclamou os despojos do ínclito herói, e encarregou o mesmo P. Francisco Maia, com o P. Esberard, das providencias necessárias.

Aos 14 de junho do ano seguinte em Versalhes procedeu-se á exumação dos restos mortais do querido Prelado, afim de serem levados para o Recife.

O corpo estava em perfeito estado de conservação.

Chegou a Pernambuco aos 5 de julho, e da parte do seu povo teve uma recepção triunfal. Imensa multidão seguiu o prestito pelas ruas ma-

---

(119) — Vêr no *Jornal do Recife* — 17 de agosto de 1924 que deu esssa oração fúnebre — D. Francisco do Rêgo Maia, natural de Recife, foi Vigário Geral de Olinda, Bispo de Niterói, Arcebispo do Pará, enfim Arcebispo de Nicopolis, recolhendo-se a Roma onde veiu a falecer em 1930.

gnificamente enfeitadas até a igreja de Nossa Senhora da Penha, esplendida e das maiores do Recife e de todo o Brasil.

Cena comovente! No prestito encontrava-se a mãe de D. Frei Vital, acompanhada do seu filho Belarmino. Lançou-se de joelhos aos pés do catafalco onde puzeram o ataúde; suas lágrimas de dôr pelo filho falecido, exprimiam tambem a satisfação daquela solene recepção. (120)

Aos 7 de julho foi celebrado o ofício fúnebre e a Missa Pontifical do Bispo diocesano, cercado do Cabido, Clero e fieis. Pronunciou a oração fúnebre o grande polemista e Irmão de hábito, Fr. Celestino de Pedavoli. (121)

Após renovadas exéquias, foi depositado no jazigo dos Irmãos de hábito á espera de novas honras.

1924 — O 50.° DA CONSAGRAÇÃO DO SS. CORAÇÃO DE JESUS. — Tendo sido D. Fr. Vital o primeiro Bispo do Brasil, que ordenou a Consagração da Diocese ao SS. Coração de Jesus, a data foi comemorada de modo digno de D. Fr. Vital e de Pernambuco, no novo esplendor de três Arcebispos e 9 Bispos que constitúem a antiga diocese de Olinda.

---

(120) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 376-377.
(121) — Foi impressa no Recife, Tip. Central, 1882.

Realizaram-se tríduos solenes, um Congresso e missões em todas as freguesias, encerrando-se as festas com Missa campal diante da Faculdade de Direito, e procissão das mais esplendidas e admiradas (6-15 agosto 1924). (122)

No dia 17 de agosto houve um ofício fúnebre a D. Fr. Vital na igreja da Penha. O elogio foi lido pelo Exmo. D. José Pereira Alves, agora Bispo de Niterói. (123)

Na mesma ocasião os depojos do santo Prelado foram postos numa artística urna de jacarandá á espera de um monumento.

MONUMENTO. — Na mesma data pensou-se em erigir-lhe um digno mausoléu. Mas causas diversas impediram a realização.

No 50.º da chegada dos restos mortais de D. Fr. Vital, (1932) os novos missionários da Penha pensaram em relembrar a data e avivar a idéia do mausoléu.

Encontrando aplausos de toda parte e o apoio do Exmo. D. Miguel de Lima Valverde dd. Arcebispo diocesano puseram-se á obra.

O monumento desenhado pelo Arq. Sr. Giacomo Palumbo e aprovado, foi encarregado da exe-

---

(122) — Vêr a Revista *Maria*, do Recife, de 1924, que relata os pormenores das festas, como tambem os jornais da cidade.

(123) — Foi impresso em Natal.

cução o Exmo. Cav. João Bereta de Carrara, conhecido autor do monumento a Joaquim Nabuco, no Recife. Este ano mesmo, se Deus quiser, vai ser inaugurado solenemente.

NOTA. — *Sobre os escritos de D. Frei Vital*:

Os escritos são o espelho duma alma, "o estílo é o homem". Não se compreenderá bem D. Frei Vital sem lêr suas obras. Elas mostram a inteligência e o coração a firme doutrina e o pensamento claro, simples, terno: elas têm pontos de eloquência sublime que arrastam, comovem; mostram-no digno mestre da Esposa infalivel de Jesus Cristo.

Quasi todas tiveram ao menos duas edições:

1. *O Mês do Sagrado Coração de Jesus*. — Duas ed. no Rio, *exgotadas*.

2. *Carta Pastoral saudando aos diocesanos*, 17-3-1872, pag 26.

3. *Oração no dia* 24 *de Maio, etc. na entrada da Sé*, pag. 14.

4. *Circular... contra a imprensa ímpia*, 21 de nov. 1872, pag 8.

5. *Carta Pastoral...* das ciladas da Maçonaria, 2-2-1873, pag. 46.

6. *Carta Pastoral* sobre os desacatos de 14-5-1873. Pag. 16.

7. *Carta Pastoral* publicando o Breve de Pio IX, pag. 20.

8. *Resposta* ao Aviso de 12 de junho de 1873, pag. 48.

9. *Resposta* ao Aviso de 27 de set. etc., pag. 10.

10. *O Bispo de Olinda e seus acusadores*, etc. 8-12-1873., pag. 132.

11. *Carta Pastoral* do Carcere, 25-3-1874, pag. 30.

12. *Carta Pastoral* consagrando a Diocese ao SS. Coração de Jesus, pag. 34.

13. *Carta* ao Exmo. D. Frederico Aneiros, 2-8-1874, pag. 18.

14. *A Maçonaria e os Jesuitas,* instruç. Past. 28-3-1875, pag. 202.

15. *Discurso* na Igreja de S. Pedro, 6-10-1876, pag. 15.

16. *Resumo historico* da questão religiosa no Brasil, pag. 38, em *francês,* impresso em Roma, Tip. da Propaganda, 1875.

Além disto a Biblioteca dos Miss. Capuchinhos de Couvin (Belgica) tem dois volumes interessantes de escritos e cartas autógrafas (Ms. n.º 943-944).

Nós tambem vamos recolhendo as cartas, gratos a todos que nos auxiliarem, para reunir todos os escritos do grande Bispo.

E se encontrarmos bastantes assignaturas estamos dispostos a reeditar em tres volumes a obra do Sr. Reis, e as Pastorais e Cartas do próprio D. Frei Vital.

I. *Compendio da Vida e Resumo histórico da questão religiosa.*

II. *Documentos — Processo — Condenação e consequencia.*

III. *Pastorais* e *Cartas,* de D. Frei Vital.

O preço será de 20$000 por três volumes.

CAPITULO XXVIII

Virtudes Teológais, Cardiais e Votos em grau heroico de D. Frei Vital

A voz unanime de todos que o conheceram ou estudaram sua vida, sua morte, seus escritos, diz que D. Fr. Vital merece as honras dos altares.

D. A. Macedo Costa o repete em toda sua obra, que citamos amiude: *A Questão Religiosa e a Missão Penedo*.

O imortal Papa Pio IX considerava-o santo; o Papa Leão XIII pediu uma reliquia do grande Prelado. Mons. de Ségur na sua oração funebre o proclamou um santo.

De fato, nele resplandeciam as virtudes proprias dum servo de Deus.

Teve FE' viva. Desde criança, quando se recolhia a seu oratorio para orar. A Fé o guiou ao alto nos estudos, na vida religiosa, no ministerio pastoral, nas lutas até á morte. Se lutou não foi por vã ostentação, mas por uma profunda Fé, a serviço da qual, como diz seu biografo Fr. Luiz Gonzaga, pôs sua inteligencia, suas forças, sua propria vida. (124)

---

(124) FR. LUIZ — *Vida* — Pag. 107.

A ESPERANÇA nele mostrou-se grande, trabalhando sempre com pura e reta intenção, para a glória de Deus e salvação das almas. Sobretudo a esperança o sustentou na grande luta, sem abandoná-lo um só instante.

"No silêncio de minha prisão, escrevia ao Exmo. Snr. Arcebispo de Buenos Aires, além das dôces consolações que me inundam o coração, ao contemplar, cá do fundo de meu retiro forçado, a prodigiosa transformação que, pela reação religiosa, se vai de dia em dia operando na cara terra de meu berço, um pensamento ha que diminúe consideravelmente e equilibra o peso de minha cruz, destila na alma a mais serena alegria, presta-me certa força e fervôr tal que não sei definir, leva-me, em uma palavra, a preferir mil anos de cárcere, se possivel fôra, com os mais cruciantes tormentos, a mil séculos de liberdade com todos os conchegos e regalos da vida por um só ato de fraqueza.

"Este pensamento, que tamanho vigôr e tão suáve doçura me infunde á alma, é a plena certeza de que o glorioso Vigário de Jesus Cristo, o Mestre infalivel da verdade, o orgão de Deus sobre a terra, aprova todos os meus atos episcopais, me

abençôa com efusão de amor, e óra por minha pessôa ao Pai das eternas Misericórdias." (125)

Isto quando pela Carta Antonelli viu-se abandonado por todos.

A CARIDADE do nosso Prelado foi uma chama brilhante que nunca se apagou.

O amôr para com Deus se conhece pelos sasrificios que se fazem. Em toda a vida de D. Fr. Vital não houve instante em que não pudesse repetir com Sta. Teresa do Menino Jesus, "desde minha infancia nada neguei ao meu Deus". Sempre unido a Deus, na oração, e na Comunhão, depois no Seminário até que chegou a Ordem das mais rigorosas e ao Sacerdócio.

Todos sabem que nas grandes lutas somente resistem almas vencidas de um grande amôr.

Ainda hoje em Itú (S. Paulo) lembram seus extases diante do SS. Sacramento, quando alí pregava no mês de março de 1871. As meninas do colégio lançavam bolinhas de papel no seu capucho; depois de passada uma hora encontravam-nas no mesmo lugar... Durante toda a vida passava muitas horas até alta noite, na capéla, orando e meditando. Foi ele enfim o primeiro Bispo do

---

(125) — D. FR. VITAL — Carta ao Exmo. D. Frederico Aneiros, Arcebispo de Buenos Aires. — Vêr DR. REIS — *O Bispo de Olinda* — Pags. 7-15.

Brasil que mandou consagrar a diocese ao SS. Coração de Jesus, a quem levava máxima devoção.

Que diremos de sua terna devoção para com Maria Santissima? A Ela foi consagrado desde criança pela sua nobre mãe, e nela lançou toda sua confiança. A Ela recorreu nos estudos, a Ela antes de pedir o hábito religioso. A 16 de julho foi ao Convento, tomou o hábito em 15 de agosto; foi ordenado sacerdote em 2 de agosto, dias dedicados á SS. Virgem como todos sabem.

Quando bispo pôs no seu emblema a SS. Virgem Imaculada com o titulo: *Iter para tutum* (prepara um caminho seguro) confiando-lhe seu ministério, seu rebanho, suas lutas. Mais ainda, quasi todas suas Cartas pastorais datam duma festa da SS. Virgem. (126) Foi várias vezes a Lourdes; ali realizou um retiro especial, ali deixou certa quantia para uma coluna da basilica do Rosário; dali levou pequenas estátuas de N. Sra. com que presenteava parentes e amigos.

---

(126) — *Oração da* posse, 24 de maio. — *Circular* contra a imprensa ímpia, 21 de novembro. — *Carta* publicando o Breve do Papa, 2 de julho. — Ao Tribunal do Bom Senso, 8 de dezembro. — *Carta* do cárcere, 25 de março. — *Carta* ao Exmo. Arcebispo de Buenos Aires, 2 de agosto. — *Carta* da libertação, 24 de setembro. — *Resumo histórico*, 18 de dezembro.

Uma dessas o acompanhou na Soledade e na Fortaleza de S. João e que, antes de sair para a Europa, doou ao Colégio de S. José do Recife. Outra levou consigo, falecendo abraçado á SS. Virgem.

Daí a grande caridade para com o próximo.

Vimo-la quando criança defendendo a escrava; quando religioso julgava as contrariedades jogos de meninos, compadecendo-se de todos, sem nunca julgar mal do seu próximo, se bem que claro aparecesse o erro.

Sobretudo resplandeceu luminosamente durante toda a vida episcopal. A primeira Carta foi da caridade; tomando posse da Sé falou da caridade; lutou com a caridade e morreu de caridade oferecendo sua vida pela Igreja do Brasil.

As Cartas pastorais são o monumento solene desta filha de Deus. Entre tantos escritos damos uma só carta que póde valer por centenas. Foi dirigida a um Padre desviado e rebelde:

> "*De minha prisão,* a 16 de maio de 1875. — Meu caro Padre e irmão! Com o coração dilacerado de mágua, dirijo a V. Revma. do fundo da minha prisão um conselho de amigo, um súplica de irmão, uma afetuosa advertencia de pai estremecido. Não bastavam já tantas e tão dolorosas angústias que torturam o coração terníssimo de nossa caridosa mãe a Santa Igreja de Deus? Não bastava

que ela fosse injustamente perseguida em todas as nações pelo poder das trevas? Não bastava a imensa dôr de vêr o seu patrimônio temporal usurpado, seu augusto Chefe prisioneiro, suas ordens religiosas abolidas ou proscritas, seus Pastores encarcerados ou desterrados, seus filhos atormentados e oprimidos? Ah! como se fosse ainda pouco tudo isto, novo golpe vem ferí-la, desfechado não por mão estranha ou inimiga, mas pela de um de seus filhos mais caros, pela de um de seus Ministros, pela sua!

"Meu caro irmão, que fez? Porque se revoltou contra a autoridade da Igreja? Se se julgava injustamente suspenso pelo governador do Bispado, porque em logar de resistir-lhe em face, não se dirigiu ao seu humilde Prelado? Porque, se queria desconhecer a jurisdição de seu Bispo, não recorreu, com sempre é lícito, ao Sumo Pontífice, nosso Superior espiritual e Chefe supremo da Igreja Católica?

"Ah! nada tinha-me ainda tanto afligido, nem as injúrias e as calúnias da impiedade, nem a injusta sentença dos homens, nem os sofrimentos da prisão, nem a iniquidade cometida contra os heroicos governadores de minha diocese, nem a violenta deportação dos inocentes Padres Jesuitas, nem a perseguição de meus Sacerdotes e leigos fieis. Não, nada disto abalou-me a coragem, pelo contrário, tudo me alegrava no Senhor. Eu lhe dava mil

ações de graças; eu derramava dôces lágrimas de consolação á vista da inabalavel constancia do rebanho fiel, cometido á minha ternura e vigilancia; á vista da firmeza apostólica e união admiravel do Clero de Olinda, que se cerrava em torno de seu humilde Pastor, como as cordas estão unidas á lira, segundo a bela expressão de S. Inacio Mártir.

"Mas oh dôr! o ato de V. Revma., meu filho, é sem dúvida efeito da humana fragilidade, fruto de um momento de irreflexão e de cólera. O dardo atirado justo e vindo direito ao meu coração, enterrou-se em minha alma, feriu-me dolorosamente, fez-me a mais profunda ferida, que a rebeldia de um filho querido póde abrir no peito de um pai amante. V. Revma. saíu do caminho da verdade, para seguir o declive vertiginoso do erro! Vêjo bem agora a gravidade de sua triste e perigosa posição.

"Oh! meu caro filho, do mais íntimo de minha alma, rogo a V. Revma. com toda a veemência de que é capaz o coração de um Bispo, não fique neste declive escorregadio! Ah! não vá mais longe; não desça até o fundo do abísmo! Por piedade, poupe este golpe ao peito tão aflito de nossa querida Mãe a Igreja Católica. Poupe esta dôr ao Vigário de Jesus Cristo, já saciado de tantas amarguras. Poupe este escandalo ao Brasil, nossa pátria entristecida. Não aumente a afflição ao aflito, traspassando o coração de vosso Pai e Pastor.

"Meu Irmão, é tempo, não vá mais longe; pare, volte á casa paterna. Lance-se contrito nos braços de nossa terna Mãe, que será indulgente e terá entranhas de misericórdia para o arrependido. Oh! pelo precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, pelo amôr da Immaculada Virgem Maria, pela salvação eterna de sua alma, não vá mais longe, eu lhe peço com as lagrimas nos olhos. Sim, eu, seu Pastor, seu Pai, seu Bispo, rogo-lhe por quanto ha de mais sagrado, não resista á vontade de Deus, não dispense o chamado do Céu, não feche os ouvidos á voz do Senhor que o exorta por minha bocca.

Vinctus Christi Jesu. — *Fr. Vital*, Bispo de Olinda.

"Como é bello! Quanto é sublime! Não sabemos que haja nas vidas dos grandes Bispos nada mais commovente!, exclama D. Macedo Costa. E pensamos que a conversão dos seus perseguidores: juizes, Conselheiros, Ministros tinha sido o maior triunfo da sua alma!

O mesmo D. Macedo Costa relata a meditação *Deus meus et omnia*, e conclue: "um santo assignaria esta pagina. Quem escreve isto não é um espirito vulgar, é um espirito superior, é um varão de alta piedade, é um homem de Deus." (127)

---

(127) D MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pags. 139-141.

Toda a vida de D. Fr. Vital o mostra cabalmente possuidor de todas as virtudes morais e cardiais.

Ninguem lhe nega a grande *Fortaleza* com que lutou desde criança, para cumprir fielmente seus deveres e seguir sua santa vocação. Mais ainda quando Bispo defendeu a Fé e a Religião.

Mas ele uniu tambem a *Justiça*: nunca transigindo nem dando ouvido á carne ou ao sangue, a promessas ou ameaças, no cumprimento de seus deveres sagrados.

Hoje ninguem repetiria que foi precipitado, imprudente na questão religiosa. D. Fr. Vital foi rico de *Prudencia*. Não lutou ás cégas, mas antes esgotou os recursos da caridade e da indulgencia.

O Dr. Porto Carreiro, prof. no Rio de Janeiro, ha poucos anos, na revista *A Ordem*, do Centro D. Vital, provou quanto o nosso Bispo fosse prudente e generoso, com um fato acontecido na sua propria familia enquanto seu pai maçon, e na fase mais aguda da luta.

"O sr. major Porto Carreiro (pai) tinha um filhinho doente; queria batizá-lo em casa. Apesar de ser maçon, ele foi ter com o Bispo; confessou sua qualidade, se bem que não frequentasse as reuniões, e pediu o desejado favor.

"O sr. Bispo sorriu, e sem a menor observa-

ção e sem impôr condições, concedeu a graça pedida." (128)

Grande foi nele a *Temperança*. Toda a sua vida o mostra á evidencia. Parecia não ter paixões; soube vencer-se sempre; pobre, frugal no alimento, parco de palavras, sempre recolhido, recusou tudo que não fosse simplicidade e desapêgo a este mundo. Nas perseguições nunca se lhe ouviu uma queixa, uma murmuração, uma critica, ainda nos momentos mais dificeis na prisão, no tribunal, sobretudo com a carta Antonelli.

VOTOS. — Para não repetirmos; pouco diremos dos votos religiosos, que observou com perfeição, pois que a sua vida o prova cabalmente.

POBREZA. — Todos vimos como a praticou fielmente durante a vida e na morte. Alegrava-se na penúria; recusou as melhores ofertas, até do governo; viveu e morreu verdadeiro filho de S. Francisco. E tiveram de pedir esmolas se quiseram realizar funerais solenes, como convinha a um Bispo.

CASTIDADE. — Além do que têmos dito, duas autoridades nos testemunham quanto á fidalguia e nobreza de coração unia uma pureza angélica.

Primeiro foi o sr. Ministro do Império que ao Sr. Deputado Viana escrevia:

---

(128) — DR. PORTO CARREIRO em *A Ordem*, do Rio, agosto de 1930.

"O Bispo nomeado para Pernambuco, póde ficar certo, é de caráter e de pureza angélica". Isto confirmou em público parlamento:: "deploro seus êrros (?) mas confirmo o que disse." (129)

Tambem o dito prof. Porto Carreiro, nos conta, e todo o Recife sabia, que D. Fr. Vital foi um mártir da castidade, e que a guerra maçônica foi mais encarniçada por ter recusado os presentes duma senhora.

"Posso assegurar, escreve ele, que foi exatamente, e felizmente para a honra da nossa santa Religião, a recusa formal, oposta por D. Fr. Vital a certas pretenções perniciosas, o movel de toda aquela vergonhosa campanha.

"De sorte que foi um ato de virtude, de resistencia á tentação o que determinou a imputação caluniosa, combatida por ele com todo o seu vigor de jovem, e com toda a firmeza da sua fé e de seu sagrado ministério.

"D. Vital foi assim mártir da sua fortaleza, um confessor de Jesus Cristo, diante da obra concreta e objetiva do pecado.

"Outra corôa, das perolas mais preciosas, á cabeça do nosso invicto herói, que justificou melhor a santidade de D. Fr. Vital, e explicou a cau-

---

(129) — D. MACEDO COSTA — Obr. cit. — Pg. 127.

sa do desencadear-se de Satanaz contra o inerme frade: a sua pureza"! (130)

OBEDIENCIA. — A obediencia que, desde noviço, praticou com tanta abnegação e sacrificio, resplandeceu tambem no solio episcopal. Seus atos e a luta que travou com as seitas, foi efeito da sua completa obediencia ás ordens do Papa e dos cánones. "Está na regra", disse o Sr. Cons. Corrêa de Oliveira!

Mas dirá alguem: ele não obedeceu á Carta Antonelli! Quem queira conhecer bem a questão, e que D. Fr. Vital andou bem avisado naquela ocasião, leia quanto escreveu D. Macedo Costa e compreenderá que não houve desobediencia. Primeiro porque ele se disse disposto a publicar a carta quando resolvidas as dificuldades que sua mente equilibrada e esclarecida previa.

Segundo, as circunstancias eram diferentes do que se supunha em Roma. Terceiro, a carta devia *ficar em segredo* e executada sem humilhação dos Bispos; e a carta estrondou no público com uma indiscreção e uma indelicadeza que magoou profundamente a Santa Sé.

A carta supunha que o sr. Bispo fosse livre na sua Diocese. Neste caso não havia inconveniente em que, suspendesse ou revogasse os interdi-

---

(130) — DR. PORTO CARREIRO no mesmo n.º de *A Ordem* do Rio.

tos, como medida de misericórdia, e com as restrições que ressalvassem os princípios católicos e as condenações da Santa Sé.

Mas o Bispo estava preso, o governo empenhado em esmagar o Episcopado, insultar a Santa Sé e a Religião; e a publicação pura e simples da carta era admitir que a maçonaria era inócua e podia unir-se com a Igreja.

Quem, de mente sã, poderia aprovar tudo isso? Se o Papa ou o Cardial soubessem como estavam as coisas, não tornariam sobre as ordens dadas? As notas do Card. Antonelli de 30 de março e de 22 de junho de 1874, provam cabalmente que o nosso herói viu bem e longe nessa grave questão. E o Papa mandou destruí-la! (131)

Isto salvou a honra da Santa Sé e as relíquias de Israel no Brasil; na esperança de melhoras para o futuro. Glória ao lutador valioso, a quem não lhe interessou seus comodos, mas a glória de Deus, a honra da Igreja e o bem das almas!

Concluamos com o elogio feito pelo Exmo. Fr. Bispo de Potosi no Concilio Americano Latino em Roma aos 4 de julho de 1899:

"O desejo de liberdade invadiu tambem aquelas re-

---

(131) — D. MACEDO COSTA -- Obr. cit. — Pags. 166-193, 207-209. — Vêr o mesmo na obra: *O Barão de Penedo e a Sua Missão a Roma* — Pags. 85-89.

motas nações, e como de costume, com a liberdade vieram a licença e a peor das guerras civis. Alí a impiedade esforçou-se por destruir os altares e o exército de Satanaz bem aguerrido, quer aberta quer escondidamente, declarou guerra á Santa Igreja. Porém as sentinelas d'Israel não dormiam, e os pacificos até com os inimigos, combateram com fortaleza, pelos direitos da Igreja, e quando foi preciso, deram a vida pelas ovelhas.

"Entre estes, sem dúvida, tens o primeiro logar, ó Vital M. Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, honra do Brasil, glória da Ordem Serafica, e, se assim posso dizer, metade da minha alma. Parece-me vêr-te, ainda muito moço, bélo no porte, preto de olhos, de cabelos e de barba, e conforme o costume capuchinho muito comprida, tomar posse da Sé, admirado pelos povos. Mais bélo relembro-te em descobrir as insidias dos inimigos, e expulsar do templo as tropas de Satanaz, desprezar as iras do Imperador, e enfim vêr-te atado e lançado nas masmorras. O' bemaventuradas cadeias, ó bemaventuradas paredes daquela prisão! Passaram 25 anos, mas a lembrança faz correr de novo dôces lágrimas e tomado de admiração, cheio de santa inveja, quereria ao menos beijar aquelas cadeias, que não mereci levar pelos meus pecados. O' em verdade bemaventurado D. Antônio de Macedo, Antistite do Pará e depois da Baía, homem sábio e egregio, que foste digno de participar das mesmas penas, serias o maximo mártir do Brasil, se não tivesse sido maior D. Vital Olindense."! *Acta* vol. I, pag. LXXXIX.

CAPITULO XXIX

Dons sobrenaturais — Graças obtidas á invocação de D. Frei Vital

DONS SOBRENATURAIS. — Nem ao nosso Prelado faltaram os dotes que geralmente acompanham a santidade; a profecia, o conhecimento dos segredos do coração, os milagres, os extases... Porém desses fatos o único juiz competente é a Igreja Católica, e a ela submetemos quanto vamos escrever.

Relatam-se dele muitas profecias. Profetizou sua prisão. Anunciou a seu amigo D. Antônio de Macedo Costa, então preso na Ilha das Cobras, que seria Arcebispo da Baía. Respondendo a uma carta do mesmo, em 25 de dezembro de 1877, escrevia que era a última carta que lhe enviava. Em Paris, muitas vezes anunciou que alí faleceria. Quando D. Pedro M. de Lacerda foi entregar-lhe a afamada Carta Antonelli, ha quem assegure que ele dissera quanto continha.

Na fortaleza de S. João via-se amiude visitado por um fulano, que se vangloriava de ser amigo do Sr. Bispo do Rio, do Exmo. Sr. Internúncio, tinha entrada livre nos Ministérios, todos os dias almoçava com eles...

D. Fr. Vital, apesar disto e das afirmações de P. Esberard, que em bôa fé repetia as mesmas coisas, desconfiou, e pediu ao mesmo P. Esberard, que fosse em busca de melhores informações... e descobriu que era um espião! (132)

Adoecêra um famoso maçon. O Prelado chamou ao P. Vigário de Bôa-Vista (Recife), e recomendou-lhe visitar o doente.

O P. Vigário observou-lhe que era da seita e sem dúvida o teria recusado. A pedido do Prelado foi visitá-lo uma e duas vezes, sempre repelido com maus modos. O Bispo pediu-lhe que tivesse paciência tratando-se de salvar uma alma, que afinal havia de recebê-lo. Foi pela terceira vez; e contra a espectativa, abriram-lhe as portas, dizendo que o próprio doente o tinha chamado.

Com grande satisfação do Vigário, o maçon pediu desculpa, mostrou arrependimento, recebeu todos os Sacramentos e morreu com muita resignação. (133)

A fama de santidade com que morreu, teve sempre devotos que recorriam á sua valiosa intercessão, e alcançaram favores.

---

(132) — FR. LUIZ — *Vida* — Pags. 253-255.

(133) — Pessôas ainda vivas que ouviram muitas vezes repetir o fato pelo vigário e por seu irmão.

A professora D. Josephina Barros Barrêto, que conhecera a D. Fr. Vital, tinha um colégio na freguesia de S. José. Um resfriamento a tornou surda. Com esta doença era-lhe impossivel dirigir o colégio. Na grande necessidade recorreu á proteção do santo Bispo, a quem tinha grande estima, orou fervorosamente, e foi deitar-se.

Pela madrugada, acordando, ouviu os sinos da igreja do Carmo, e depois, os da igreja de S. José; numa palavra, recuperou perfeita audição, até que pela velhice abandonou o ensino, recolhendo-se ao Colégio Eucarístico, onde ainda vive.

Uma amiga da dita D. Josefina morava num engenho em Escada. Uma enchente do rio Ipojuca inundou o canavial, a casa onde tinha o assucar e o cercado dos cavalos. A senhora começou a invocar em alta voz a D. Fr. Vital que a salvasse da iminente ruína... Passada a enchente, correu ao logar do desastre, e constatou que milagrosamente não havia o minimo prejuizo! (134)

D. Amália Machado Dias quando chegaram ao Recife os restos mortais do Prelado, recomendou-se-lhe com promessa de chamá-lo Vital se tivesse um filho. Foi atendida e manteve a promessa.

Sobretudo uma extraordinária devoção e confiança desenvolveram-se nesses últimos anos. Con-

---

(134) — Declaração da mesma senhora.

tam-se já centenas de graças alcançadas em todos os pontos do Brasil, algumas das quais muito notaveis. Paz de famílias, interesses ajustados, vendas e compras, se bem que dificeis, realizadas; exames feitos com bôas notas, doenças desesperadas extintas, questões políticas resolvidas, empregos obtidos, etc.

D. Josefa de Carvalho Silva, de Vitória (Pernambuco), tinha um tumôr na cabeça desde o ano de 1925. Esteve aos cuidados de dois médicos durante dois anos, sem resultado. Os médicos queriam submetê-la a uma operação cirurgica; mas ela, receiosa, recusou-se e a chaga continuou aberta. No ano de 1933 recebeu um registo do nosso Bispo; fez com muita fé uma novena e ficou perfeitamente curada.

D. Maria da Conceição Correia da Silva, no Recife, enguliu uma espinha de peixe, que lhe ficou na garganta. Esgotados todos os meios, tinha de recorrer ao cirurgião. Antes de saír, orou a D. Fr. Vital, prometendo publicar a graça se não precisasse do médico. No caminho desapareceu a espinha e a dôr, voltando para casa com imensa gratidão para com o grande benfeitor.

Campina Grande, na Paraíba, é a cidade que alcançou talvez as maiores graças. Uma jovem tinha três irmãos; dois no Rio de Janeiro e o terceiro em João Pessôa, mas os julgava falecidos, porque havia 8 anos que deles não tinha noticia

alguma. Começou uma novena a D. Fr. Vital. Ao terceiro dia o mesmo correio trouxe-lhe cartas de todos três, uma das quais continha uma pequena quantia de que muito necessitava.

Alí outra jovem enguliu uma espinha que lhe rasgou externamente a garganta, ameaçando gangrenar. Receiando ir ao médico, recorreu a D. Frei Vital, que ela dizia ser seu médico. Não foi debalde: acabada uma novena, desapareceu tudo com grande admiração dos vizinhos.

No *Recife* o Sr. Alvaro Barbosa da Silva, atacado por forte neurastenia, que o privava de dirigir seus negócios, recorreu a D. Frei Vital e alcançou a graça.

Do Rio de Janeiro a Sta. Clotilde Chiora, da Baía Esilda e Maria do Carmo, da Cachoeira (Baía) um estudante do 4.º ano de medicina agradecem seus bons exames.

De Manáos, D. Otilia A. de Faria, de Sanharó D. Maria Possidonia, de Cimbres D. Eutália de A. Leite já em perigo de morte, agradecem um bom parto com saúde das mães e dos filhos.

Mais importante ainda o caso seguinte. — "Minha filha casada estava gravida e sujeita a continuos ataques de nervos. Um dia levou uma forte queda e ficou a vomitar sangue. Julgando-a em grave perigo porque prestes a dar a luz, recorri a D. Frei Vital, já que os próprios medicos desconfiavam. Rezamos e todos admiraram o prodi-

gio: *correu tudo bem e cessaram os ataques*". Taquarctingua. Joana A. da Costa.

D. Paulina Barbosa de Souza (Vertentes), depois de 34 anos de asma, invocando a D. Frei Vital ficou bôa.

D. Graziela Silva alcançou a graça que seu filho Manoel ficasse bom das fortes dôres do *apendicite* sem operação cirurgica, só invocando a D. Frei Vital. (Pôço Claro — S. Paulo).

Por brevidade deixamos muitos outros casos que, se Deus quiser, publicaremos a seu tempo. (135)

Tudo isto nos anima a uma grande confiança e devoção. Deus quer glorificar o seu servo fiel: "glorificarei quem me glorificar". A fé alcança graças e milagres; e não irá longe o tempo em que o Brasil terá o seu santo e seu padrociro especial entre seus patricios.

Aos católicos brasileiros cumpre apressar, com as preces e os auxilios, aquele dia bendito. Amen.

---

(135) — Declarações dos afortunados que obtiveram graças, cuidadosamente arquivadas.

CONCLUSÃO DA MEDITAÇÃO DE D. FR. VITAL SOBRE *DEUS MEUS ET OMNIA*, REZADA TODOS OS DIAS

"Oh! dulcissimo Jesus, amado de minha alma! por vossa divina graça ajudai-me a conservar-me alegre e satisfeito, tanto na paz como na luta, na bôa como na má fortuna, pois é por Vós somente que meu coração suspira, como o cervo sequioso por uma fonte limpida. Possuindo-vos, nada, nada me faltará, hoje, esta manhã, toda a vida, na hora derradeira, no seio da eternidade, direi e repetirei sempre, como meu santo Patriarca: — *Deus meus et omnia*".

E' a firme resolução que tomo hoje, na fortaleza de S. João, aos 8 de julho de 1874.

FR. VITAL, *Bispo de Olinda*.

Triduo á SS. Trindade, para a beatificação de D. Fr. Vital e para alcançar graças.

ORAÇÃO

I. O' Eterno Divino Padre, pelos merecimentos do vosso Unigenito, peço-vos glorifiqueis nesta terra o vosso servo D. Fr. Vital, concedendo-me a graça que vos imploro na minha necessidade. *Padre nosso, Ave Maria, Gloria.*

II. O' Eterno Divino Filho, pelos merecimentos da vossa Paixão, peço-vos glorifiqueis nesta terra o vosso servo D. Fr. Vital, concedendo-me a graça que ardentemente desejo. *P. A. G.*

III. O' Eterno Espírito Santo, pela vossa infinita caridade, peço-vos glorifiqueis o vosso servo D. Fr. Vital, concedendo-me a graça de que tanto necessito. *Padre nosso, Ave Maria, Gloria.*

Quem receber graças pela intercessão de D. Vital ou quiser concorrer para as despesas da Beatificação, poderá dirigir cartas e vales ao Revmo. P. Superior dos Miss. Capuchinhos. — Convento da Penha — RECIFE (E. de Pernambuco — Brasil).

NOTICIA JUBILOSA

Acabavamos de estampar esta terceira edição, quando o *Jornal do Commercio do Recife* (n.º 290 de 12 de dez. de 1936), dava esta alviçareira noticia:

RIO 11 — O *Correio da Manhã* publicou a seguinte noticia, que teve muita repercussão:

"Acaba de ser introduzida a causa de beatificação do grande bispo de Olinda, que foi Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

"O processo iniciou-se em Paris, onde elle morreu e vai continuar no Recife, onde exerceu o episcopado.

"Quem lêr com attenção a vida do "homem de espanto" logo verificará que duas notas caracteristicas sobresáem dos seus actos e das suas palavras: o amôr a Igreja e o devotamento ao Brasil.

"Nesta hora de tantas aprehensões para o mundo, em que todas as nações a braços com uma crise que, abrangendo o lado economico, social, intellectual, moral e espiritual, ameaça a todos com uma catastrophe de proporções nunca vistas nem imaginadas, o Brasil recorda, sem dúvida, os exemplos de abnegação, sacrificio e fé que, no regime passado, encheram a existencia do prisioneiro da

fortaleza de S. João e se volta para o primeiro santo brasileiro, justamente numa quadra da vida nacional em que os valores espirituaes mais se fazem precisos".

A noticia não podia ser mais jubilosa, e sem dúvida entusiasmará a todos os brasileiros, em particular aos agraciados por D. Vital, para aumentar as súplicas e as esmolas, sabendo que precisam milagres e gastos não poucos, mas que, com a graça de Deus, tudo sairá bem e facilmente.

Já o Revmo. Sr. Cons. Luiz Barbosa, de Maceió, quasi adivinhando, escrevia no *Semeador*:

"Esgotar-se-á, não ha dúvida a segunda edição e daqui já aconselhamos a Frei Felix que vá ajuntando documentos para a terceira edição.

"Não faltarão subsidios para a historia do grande brasileiro. *A terceira edição trará com certeza, a noticia da beatificação do grande Servo de Deus* o ilustre pastor da Igreja de Olinda, a sentinela de Israel que soube tão bem guardar o seu rebanho...".

Oxalá que alvoreça bem cêdo aquele dia bendito em que se possa rezar: *Beate Vitalis, ora pro nobis!* "Bem-aventurado Vital rogai por nós".

INDICE — SUMARIO

Dedicatoria — Prefacio — Bibliografia

PARTE I. — *ALVORADA*

Paginas

CAPITULO I — Pernambuco — Itambé — Antepassados — Nascimento — Caráter de *Antonio Junior* .. .. 15— 22

CAPITULO II — Estudos — O Colégio de Benfica — Vocação religiosa — No Seminário — Na França .. .. 23— 29

CAPITULO III — Entre os Capuchinhos — O Noviço Frei Vital Maria — Provas duras — Doença de garganta — Profissão .... 31— 38

CAPITULO IV — Estudos em Perpignan e Tolosa — Ordens sagradas — Sacerdocio .... 39— 46

CAPITULO V — Volta para o Brasil — Em Pernambuco — Em São Paulo — O Professor e o Missionario .... 47— 52

CAPITULO VI — Fr. Vital escolhido Bispo de Olinda — Carta ao S. Padre Pio IX — Resposta deste — Sagração .... 53— 61

Paginas

CAPITULO VII — Toma posse da Diocese — Discurso — Primeiros atos de D. Fr. Vital — Seus cuidados .... 63— 72

PARTE II. — *LANCES SUPREMOS*

CAPITULO VIII — A Questão Religiosa — Na Europa — Na America — Alvo da Maçonaria .... 73— 80

CAPITULO IX — Origem da luta no Brasil — Provocações — Insultos á SS. Virgem — Procedimento do Bispo para com os Padres mações — Com as Irmandades — Estas recusam submeter-se — Interdito — Pastoral contra a Maçonaria — Aprovações gerais .... 81—100

CAPITULO X — Uma lição de franqueza: Cartas entre o Sr. Ministro do Império e D. Fr. Vital .... 101—112

CAPITULO XI — Recurso á Corôa — Consulta do Estado — D. Pedro II e o Governo — Resposta do Bispo ao Aviso de 12 de junho de 1873 .... 113—123

CAPITULO XII — O Deão Faria — Desacatos no Recife — Protestos do Bispo — Breve: *Quamquam dolores* .... 125—134

CAPITULO XIII — A Missão Penedo — O

Paginas

Bispo é denunciado — Resposta do mesmo — Apêlo ao Tribunal do Bom Senso 135—138

CAPITULO XIV — D. Fr. Vital é preso — Demonstrações no Recife e na Baía — No Rio .... 139—145

CAPITULO XV — No Arsenal de Marinha — A Carta Antonelli — Consequencias — D. Fr. Vital inabalavel .. 147—156

CAPITULO XVI — D. Fr. Vital perante o Supremo Tribunal — Sessão de 18 e de 21 de fevereiro — Defesas dos Srs. Drs. Zacarias Góis e Candido Mendes — Condenação — Como julgada .... 157—172

CAPITULO XVII — Carta Pastoral do Atanasio Brasileiro — Consagração da Diocese ao SS. Coração de Jesus .. .. 173—178

CAPITULO XVIII — Perseguições do Governo — Liberdade de D. Fr. Vital.... 179—184

CAPITULO XIX — Missão de D. Fr. Vital no cárcere — Protestos — Petições — A febre amarela .... 185—190

CAPITULO XX — Protestos da S. Sé — Uma Carta do Papa Pio IX a D. Pedro II .... 191—196

Paginas

PARTE III. — *VITÓRIA E OCASO*

CAPITULO XXI — Anistia — Causas — Demonstrações de regosijo — Sessão no Seminário — Carta Pastoral — Vai a Roma .... 197—204

CAPITULO XXII — Na França — Em Roma: comovente recepção — Luta pela justiça e verdade — Levantamento do interdito — Calúmias maçônicas .... .. 205—216

CAPITULO XXIII — Propaganda anti-clerical — A Encíclica *Exortae* — Os frutos — Oferta e despedida ao Santo Padre — As aguas de Cauteréts — Visita a Lourdes e aos Irmãos de hábito .... .. 217—222

CAPITULO XXIV — Regresso ao Brasil — Entrada triunfal no Recife — Festas populares — Visita Pastoral — Grave doença .... 223—238

CAPITULO XXV — Para a Europa — Renúncia ao Bispado — Amôr á sua Diocese .... 239—244

CAPITULO XXVI — Recrudesce a doença — Em Paris — Morte — Funerais 245—260

CAPITULO XXVII — Pesar de Olinda — Os restos mortais chegam ao Recife —

Paginas

50.º da Consagração da Diocese — O Monumento — Os escritos .... 261—266

CAPITULO XXVIII — Fama de Santidade de D. Fr. Vital — Prática das virtudes teologais, cardiais e votos em grau heróico .... 267—280

CAPITULO XXIX — Dons sobrenaturais— Graças alcançadas pela intercessão de D. Fr. Vital .... 281—286

Proposito que D. Fr. Vital rezava todos os dias.

Oração para alcançar graças e pedir a glorificação de D. Fr. Vital .... 287—288

O JUIZO DA IMPRENSA

A imprensa do Brasil do Norte ao Sul foi unanime em louvar o trabalho que enriquece a literatura portuguêsa e preenche uma grande vaga na história religiosa do Brasil.

Dele falaram, além dos jornais do Recife, *O Jornal* e o *Correio da Manhã*, a *Cruz*, a *União* e a importante revista *A Ordem*, do Rio, *A Imprensa* de João Pessôa, *O Nordeste* de Fortaleza, *O Semeador* de Maceió, os *Anais franciscanos* de São Paulo. Relatamos alguns pareceres:

O Correio da Manhã do Rio escrevia: "Frei Felix— acaba de escrever um alentado volume sobre a vida de um confrade seu, que teve papel de relevo na história nacional: *Frei Vital Maria de Oliveira Bispo de Olinda*. Nenhum trabalho se nos apresenta tão copioso de informações sobre a questão religiosa como esse. A biografia do Bispo de Olinda aparece-nos com uma minuciosidade de quem investigou os arquivos para tirar deles a verdade pura. Os passos da odisséa que esbarrou na fortaleza de S. João, são descritos em tocantes periodos, sem os ressaibos dos ódios com que muitos escritores costumam ferir os adversarios."

O *Diario da Manhã*: "O estudo do grande padre brasileiro, que tanto zelou pela dignidade da sua Igreja, levado a efeito agora, merece ser lido. Ele vem estudar, na vida intima como na vida pública, um dos brasileiros mais conhecidos do seu tempo como da nossa época". Recife 4-7-935.

No *Diario de Pernambuco* o Dr. Julio Bello escreveu "Nenhum pernambucano merece mais que Dom Vital um monumento como o que em sua memória desejam levantar os seus irmãos capuchinhos. O livro de frei Felix, copioso e fielmente documentado, visa este objetivo. E' escrito em linguagem clara, incisiva na defesa e na glorificação do grande brasileiro, generoso na critica ao governo. E' um livro muito bom". 18-8-35.

O *Jornal Pequeno*: "...O ilustre e piedoso capuchinho Frei Felix de Olivola acaba de lançar á publicidade um estudo completo sobre Frei Vital com o titulo de *Um Grande Brasileiro*. E' um trabalho fartamente documentado e ilustrado sobre a vida e a obra do eminente Bispo de Olinda. E' um bélo trabalho... são páginas de serena beleza moral, de justiça e de fé. O livro de Frei Felix deve figurar na estante dos estudiosos: é um livro precioso". Recife 4-7-935 — Da mesma fórma se expressaram o *Jornal do Comercio* e a *Cidade*.

O Semeador de Maceió: "...Nenhum trabalho se nos apresenta tão copioso em informações como o que agora enriquece as letras brasileiras. A biografia do santo Bispo de Olinda vem nas páginas, otimamente trabalhadas com uma minuciosidade de quem investigou minuciosamente os arquivos para deles tirar a verdade pura sobre tão edificante vida. Ha protestos, não ha

dúvida, mas em meio as provas da incompetencia dos tribunais, ha uma grande dôr em condenar-se um homem que primou em guardar a sua diocese contra a invasão do setarismo, tantas vezes condenado pela Santa Sé.

Merece ser lido o livro de Frei Felix de Olivola... que revela o talento do seu autor e tambem o seu grande zêlo em reunir os documentos e os fatos que contribuiram para o *grande presente* feito á literatura brasileira". 25-7-35.

A *Defesa de Caruarú*: "...foi com sincera alegria espiritual que iniciei a leitura do livro de Frei Felix.

O livro é um grosso volume de quasi 300 páginas, entremeado de citações esclarecimentos, dados históricos, anotações. Dir-se-ia, por essa razão, mediocre e desinteressante. Mas não cansa, não aborrece. Duas ótimas qualidades, aliás, para um livro, nos vertiginosos e sombrios dias que correm. Nele o A. não se revestiu de fórmas eruditas ou pedantes. A sua linguagem é simples e leve, sem ornatos, num estilo de quem conta uma história que vale e é extraordinária apenas por si mesma. Do princípio até o fim, página á página sente-se nesse livro o mesmo ambiente, o mesmo clima, diriamos propriamente. o da veneração, do fervor e do zêlo com que Frei Felix se refere a Dom Vital. Possúe o A., não resta a menor dúvida, um entusiásmo e uma admiração que vão além das fronteiras da fé, para com o seu biografado. Dizem que só se compreende bem o que se ama. Esse livro, a que nada falta e em tudo está certo, lucido, completo, verdadeiro, cheio de uma documentação sábia e escolhida, confirma o asserto..." — *Bel. Americo de Oliveira Costa* (Pref. de Bebedouro-Caruarú).

O bem conhecido P. Tenório de Cauavieira O. S. B. na *Tribuna* do Recife escrevia: "Presenteou-nos S. Revma. este ano com a vida do herói da Soledade. São páginas vibrantes de fé e patriotismo. Frei Felix escreve bem, expressa-se com facilidade. O seu estilo é sobrio e elegante. Através de sua pena vê-se o frade calmo, discreto, amigo da verdade, mas tambem uma inteligência culta, clara e profunda e um temperamento nobre capaz de se inflamar, uma fé robusta e um grande amôr a Igreja. Dom Vital estava a espera do seu biografo. Um digno do outro. Antes tarde que nunca. Pernambuco estava a dever ao seu grande filho e seu grande Bispo esta divida. Frei Felix veiu em nosso auxilio. Aceite o venerando Missionário Capuchinho os nossos parabens e os nossos agradecimentos.

E' um livro em que ha muito o que meditar, muito o que aprender. A figura epica do jovem e grande Bispo sobresái gigantesca, a mais imponente figura do episcopado católico em seu tempo, na realidade fiel de suas virtudes, de sua prudencia, do seu zêlo, do seu heroísmo.

A vida de D. Vital deve estar nas mãos de todo sacerdote, de todo católico especialmente dos associados das Uniões Católicas e de todos enfim. Esse livro é o A. B. C. de nossa nobreza religiosa, não póde faltar em casa nenhuma, em bibliotéca alguma".

O *Jornal* do Rio: "A imprensa maçônica denominára a *D. Vital um louco sem fé*. No entretanto foi ele o maior bispo que a Igreja teve no Brasil e um dos homens mais notaveis de que se póde orgulhar todo o continente americano. A sua vida, como prelado e como cidadão, é de uma grandiosidade tal que, talvez, nem ele mesmo poderia imaginar...

Devemos nós os que nos interessamos pela causa da Igreja passar ao conhecimento de todos os brasileiros a

vida admiravel desse capuchinho que fez do palácio da Soledade, do Recife, a cidadela inexpugnavel da fé católica. Nesse sentido, acaba de aparecer um livro intitulado "Um Grande Brasileiro"... Frei Felix escreveu essa biografia, sob o controle da mais rigorosa honestidade histórica; serviu-se de documentos dignos sobre que não póde recaír a menor suspeita. Fez um trabalho bem capaz de divulgar a vida heróica de D. Vital... Aos nossos olhos ressalta uma infancia repassada de pureza angelica, um noviciado em que o espírito do pobrezinho de Assis se manifesta em todo o esplendor de humildade cristã, o frade de obediencia profunda, o sacerdote de abnegação sem limites, o missionário incansavel, o professor emerito, o bispo de zêlo inconfundivel, o verdadeiro confessor da fé! Sinto-me bem em dar esta notícia — *P. Góis*.

O *Nordeste* de Fortaleza: "Jackson de Figueiredo presenteando-me no Rio a vida de D. Fr. Vital do P. Luiz de Gonzaga, lastimava que no Brasil ainda não se pensara nisto... Se ainda vivesse, aquella alma entusiástica e generosa hoje exultaria de alegria... Alguem no Brasil acaba de publicar um elegante e precioso volume sobre o antistite pernambucano... Até agora é o que temos de mais completo e nos basta para termos uma idéa de que foi aquele ínclito Levita do Senhor. Muitas gravuras exornam as páginas do elegante volume...

Quem se interessa pela história, em particular pelo episódio empolgante da chamada *Questão religiosa*, não póde deixar de lêr este livro. Amigos e adversários da Igreja, se têm o amôr da verdade e não se deixam cegar por alguma paixão odienta, muito estimarão perpassar estas páginas firmadas em valiósos documentos e traça-

das com amôr e isenção de animo, sem ira e sem preconceitos.

A mão que acaba de lavrar o precioso monumento que temos a nossa vista, guia-se em tudo pelo carinho de irmão de hábito e pela inspiração de solida piedade. Fez e fará muito bem o erudito capucho que vem de traçar laudas imorredouras... melhores do que os monumentos, os sepulcros e os arcos de triunfo... Nesta época de tanta fachada de ouropel D. Vital mostrou que ainda existe uma ganga rica de minério precioso; ...é pelos santos deste quilate que o faról da verdadeira civilização ha de atravessar a sarça ardente do nosso século...

Hoje mais do que nunca o nome de D. Vital será um simbolo e uma bandeira para os católicos..."

P. Fran. Rosa

Um Grande Brasileiro — "O P. Frei Felix de Olivola, miss. capuchinho, na Penha, Recife, acaba de publicar uma excelente biografia daquele que, com toda a justiça, chama de "Grande Brasileiro" — isto é, Dom Frei Vital de Oliveira, Bispo de Olinda.

Fazia muita falta em nossa literatura um trabalho biografico sobre o ilustre confessor da fé, e intrepido defensor da Igreja que foi o humilde Capuchinho, que em tempos borrascosos, dirigiu a diocese de Pernambuco. Frei Felix de Olivola, prestando houroso preito ao irmão de hábito, vem preencher essa falta. Umas trezentas páginas fartamente documentadas e ilustradas fazem-nos conhecer a magestosa figura de D. Vital.

Aconselhamo-lo a todos os nosso leitores e amigos". — Anais Franciscanos de São Paulo. Nov. 1935.

A Ordem do Centro D. Vital do Rio: "E' um novo trabalho de vulgarização da vida fecunda e da obra imperecivel do santo mártir Bispo de Olinda.

Apesar de escrito por um irmão de hábito, parece mais haver sido elaborado por historiador profissional, tal a preocupação da referencia do documento ou fonte de pesquiza... Enriquecida de dados colhidos em várias publicações constitúe a obra de Frei Felix de Olivola uma contribuição de singular destaque para a edificação da memória fulgurante do extraordinário e santo bispo, nosso guia na ação católica.

Saudando o insigne A. encarecemos a leitura desse livro". Convida 1.º a publicar informes, notícias, cartas, 2.º a reeditar o livro do Dr. Manoel A. dos Reis, 3.º a publicar o *voto* do Ministro Figueira de Mello, recusado pela Maçonaria, para apressar o dia da glorificação de D. Vital.

VENDE-SE EM PROL DO MONUMENTO E DA CAUSA DE CANONISAÇÃO

Preço 7$000

CONVENTO DA PENHA — Recife (Pernambuco)

Princeton Theological Seminary-Speer Library
1 1012 01044 5189